FUNDADOR — JOAQUIM MANSO | QUINTA-FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 1961 | ANO 41.º — NÚMERO 13 886

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O sofisma e o mito

Os Americanos colocaram os seus aliados perante mais uma reviravolta sensacional na direcção do Ocidente. A estratégia das represálias maciças, ou do dissuasor nuclear, que foi nos Estados Unidos, a partir de 1953, a doutrina oficial de guerra, será substituída por uma concepção híbrida em que o recurso á arma suprema se dilui, como uma hipótese distante e improvável, para dar lugar á utilização de armas e efectivos convencionais que aquele país não possui em quantidade suficiente. Regressamos, assim, após um intervalo prolongado, ás teses que informaram a conferência atlantica de Lisboa de 1952, sem serem explicadas as razões da mudança. O enterro de primeira classe feito ao sabre atómico, cujo arrastar claudicante encheu o Mundo de terror, terá para os outros consequências porventura mais deploráveis do que aquelas que ele próprio gerou.

O balanço desses oito anos, animados por acontecimentos extraor-

(Continua na página seguinte)

Morreram

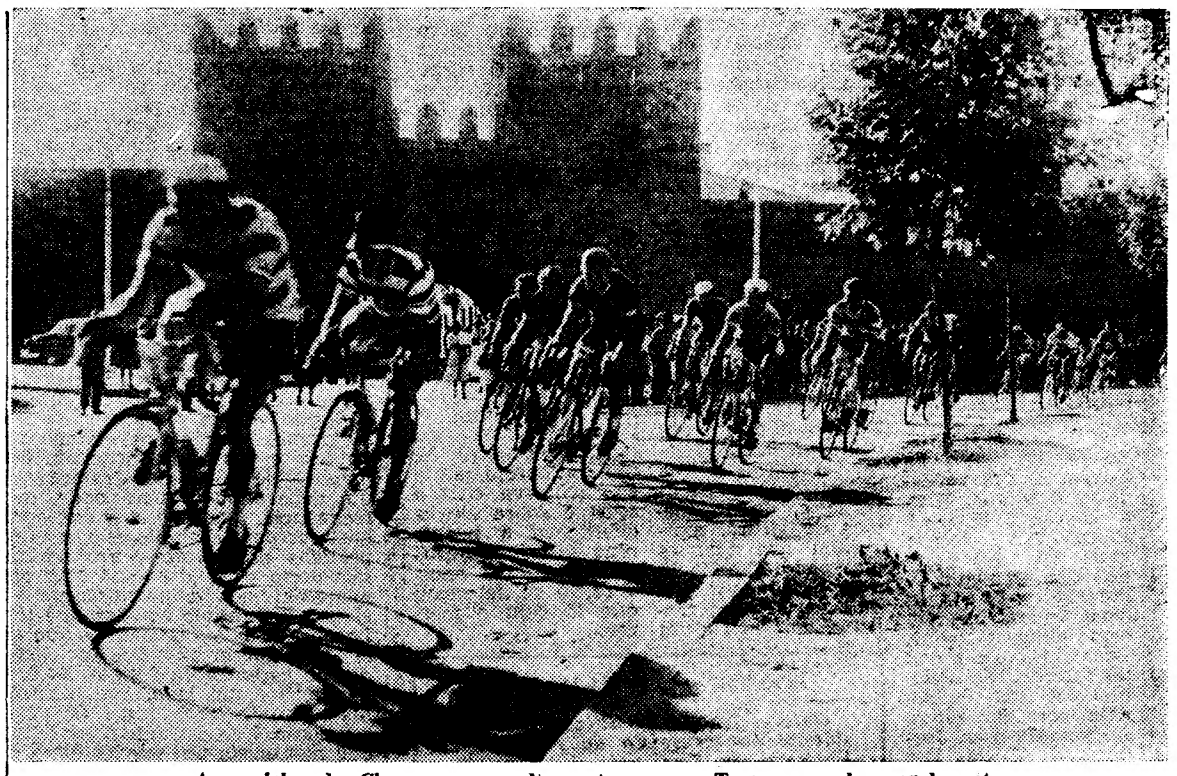
os 39 ocupantes do avião inglês que caiu na Noruega

OSLO, 10. — Não há sobreviventes do acidente do «Viking» britanico que se despenhou com 39 pessoas a bordo numa região montanhosa perto de Stavanger (Sudoeste da Noruega), declara uma nota da Polícia distribuida esta manhã.

A bordo, iam 34 estudantes ingleses acompanhados por dois professores. Os tripulantes eram três. O avião levantara voo, ontem, de Londres, ás 14 e 30 e devia chegar a Stavanger ás 17 horas. O ultimo contacto com o avião foi estabelecido ás 16 e 22.

O «Viking» deveria ter deixado Londres ás 9 e 30, mas a sua partida foi adiada por 5 horas por motivos técnicos.

Um membro da equipa militar de salvamento que aterrou junto do avião confirmou, também, pelo telefone, á agência norueguesa NTB, ter a certeza de que não há sobreviventes. O avião incendiou-se ao cair no solo e todos os seus ocupantes morreram carbonizados. — (F. P. e R.).



A caminho de Chaves os corredores atravessaram Trancoso em bom andamento

24.º Volta a Portugal em bicicleta

A rudeza da serra do Marão não derrotou a maioria dos corredores

Lima Fernandes ganhou a tirada de Braga, ao «sprint»

(Do nosso enviado especial Fernando Soromenho)

BRAGA, 10. (Pelo telefone). — A partida para a tirada de Braga, no total de 180 quilómetros, foi dada ás 9 horas, pelo presidente da Camara Municipal de Chaves.

Boa temperatura. Não havia vento.

Primeira contrariedade: o sportinguista Hélio Rato sofreu um «furo».

Uma desistência

Também pouco depois da partida se verificou a desistência de Joaquim Coelho, do Académico, devido a doença.

Vidago foi atravessado ás 9 h. 32 m., em grande velocidade. Os corredores souberam aproveitar bem a descida.

Nas ruas das localidades e nas bermas das estradas via-se muita gente desejosa de observar os movimentos dos ciclistas e de os aplaudir com entusiasmo.

A marcha era de pelotão, com o italiano Cestari a marcar a cadência, muito forte. De quando em vez, no comando das operações, Cestari era substituido por Sousa Cardoso, que tinha sempre á sua ilharga os sportinguistas.

Regressou-se, porém, a breve trecho, ao andamento modesto, tanto assim que, em dado momento, Agostinho Correia, do Alpiarça, teve uma avaria mecanica, a qual não o impediu de em menos de 200 metros agarrar o pelotão.

Todos os esticões, a incitarem ás fugas, eram rápidamente neutralizados pelos corredores italianos, que pareciam animados de impor a sua vontade, em obediência a preconcebidos planos tácticos.

A caravana passou por Pedras Salgadas ás 9 h. 55 m., com os ciclistas formados em extensa fila indiana e a escutarem os aplausos e os incitamentos de inumeras pessoas.

A' saída das Pedras Salgadas. Agostinho Correia «furou», mas não tardou em recuperar o terreno perdido.

Em Nozedo, a 19 quilómetros das Pedras Salgadas e a 2 de Vila Pouca de Aguiar, registou-se outro «esticão», na altura em que António Leite, do Sangalhos, teve de parar, por motivo de se haverem partido alguns raios de uma roda da sua máquina.

A passagem em Vila Pouca de Aguiar verificou-se ás 10 h. 9 m.

Agora, de novo, todos em pelotão, com o italiano Cestari á frente e Sousa Cardoso a vigiá-lo atentamente ...

Naquela vila, a velocidade voltou a aumentar, na arrancada para a meta-volante, na qual se disputava

(Continua na 7.ª página)

O ministro das Finanças do Governo de Quadros está demissionário?

RIO DE JANEIRO, 10 — A despeito dos desmentidos do informador da Presidência da Republica, o «Jornal do Brasil» garante que o ministro das Finanças do Governo Quadros, Clemente Mariani está demissionário.

Segundo o influente diário carioca, o ministro, que está actualmente em Punta del Este á frente da delegação brasileira á Conferência Económica Interamericana, deixaria o Governo ao regressar ao Brasil.

O «Jornal do Brasil» julga saber igualmente que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Afonso Arinos, teria tido também o desejo de se retirar, mas que o presidente o teria finalmente convencido a ficar.

Segundo o referido jornal, os dois ministros, que pertencem á União Democrática Nacional (Liberal) estariam embaraçados pela aproximação do presidente Quadros com o Partido Trabalhista, cujo «leader», João Goulart, vice-presidente da Republica, foi encaregado de dirigir a missão económica oficial á China comunista.

Nos círculos políticos, no entanto, a remodeação ministerial não é considerada iminente, se bem que se recorde que Jânio Quadros, quando era governador de S. Paulo tinha o costume de mudar a miude os seus colaboradores. —(F. F.).

QUADROS RECEBERÁ GUEVARA

PUNTA DEL ESTE 10. — O ministro da Economia de Cuba, Ernesto Guevara, será recebido em Brasília por Jânio Quadros, no final da confernêcia de Punta del Este, anunciou hoje Clemente Mariani.

Esclarece-se nos círculos brasileiros que se trata de um.. iniciativa de Guevara, que pediu uma estada na capital do Brasil, ao regressar de Punta del Este. Não foi fixada data para a visita. — (F. P.).

OS GOLFINHOS defenderão os portos ingleses contra os submarinos?

LONDRES, 10. — O jornal «Daily Telegraph» anuncia hoje que os cientistas do Almirantado Britanico pensam treinar golfinhos para a defesa submarina dos portos ingleses.

Os cientistas estão convencidos que os golfinhos podem ser amestrados de forma a tornarem-se eficientes «cães de guarda» aquáticos, assinalando a presença de submarinos ou homens-rãs inimigos.—(R.).

A ocupação de Nambuangongo precedida de violenta luta foi completada num quarto de hora

LUANDA, 10 — Em duas povoações foi ontem de novo hasteada a bandeira portuguesa. O nome de uma delas é Nambuangongo. Nos combates que travaram, durante a arrancada final, as tropas portuguesas não só causaram baixas aos terroristas, como fizeram numerosos prisioneiros e apreenderam documentos que se afiguram importantes e vão ser remetidos para Luanda.

Eram 18 horas 15 minutos, quando a bandeira portuguesa flutuou de novo sobre Nambuangongo. Foi o comandante da coluna de reocupação, tenente-coronel Maçanita, quem a içou, no mastro em frente do edifício da administração, perante tropas cobertas de pó e apresentando claros vestígios da dura luta que haviam sustentado.

Os ultimos quilómetros da arrancada para Nambuangongo foram assinalados por repetidos e violentos recontros com grupos de terroristas que tentavam retardar, desesperadamente, o avanço das tropas portuguesas. A ponte sobre o rio Onzo foi por cinco vezes destruída pelos terroristas, mas os militares portugueses reconstruiram-na, enquanto forças de protecção ripostavam ao fogo dos bandoleiros emboscados no matagal ou empoleirados no alto das árvores. Finalmente, ás 13 horas, as viaturas principiaram a atravessar a ponte e entravam numa rampa de cerca de 5 quilómetros que conduz a Nambuangongo. Eram 17 e 30 quando a primeira das 120 viaturas

(Continua na ultima página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
24
PAGINAS
nas quais se inclui
«VIDA LITERÁRIA»

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

ADMINISTRAÇÃO E POLÍTICA

Tomaram ontem á noite posse, as comissões distrital e concelhia da União Nacional, do Porto. Presidiu o dr. Veiga de Macedo que, pela primeira vez, usava da palavra, desde que é o presidente da comissão executiva. Ao falar do momento político, disse: «Nem há regime político que consiga sobreviver ou mereça sobreviver quando as oligarquias o dominam e corrompem». Depois focou o problema administrativo e político, com as afirmações seguintes:

«Fazer política sem administração equivaleria a converter a política em finalidade de si própria, ela que é instrumento, nobre instrumento, ao serviço da aproximação dos homens e dos interesses da grei. Contudo, administrar sem política ou contra a política, ou subalternizar esta á administração, seria erro muito sério Já uma voz autorizadíssima afirmou que regime sem partidos não é a mesma coisa que governo sem política. Pois apesar disso, dir-se-ia que, por vezes, se tem feito mais governação, no significado estrito de administração, do que política autêntica. Parece indiscutível a conveniência de encontrar o ponto óptimo de equilíbrio entre uma e outra.»

A' nova comissão concelhia preside o sr. dr. Manuel de Lemos e á nova comissão distrital o dr. Pinto de Mesquita.

SOB O RODADO DA CAMIONETA

O Pocinho fica lá no fundo, junto ao Douro. E' um verdadeiro fojo onde fica a estação e a ponte sobre o rio. A subida para Vila Nova de Foz Coa tem que se lhe diga e os gonzos dos carros gemem como almas penadas. Parecem que vêm do inferno. Ao Pocinho foi uma camioneta carregar óleos. Ao volante o sr. Joaquim da Costa. Por ajudante o sr. Marcos da Silva Norte, de 26 anos. Ambos de Vidoeira de Cima, Leiria. Carregada a camioneta arrumou para a subida. Lenta, muito lentamente, com o ajudante a orientar a manobra, de fora. Com tanta infelicidade que o ajudante escorregou em dada altura e fica sob os rodados do carro, sendo completamente esmagado.

COMBOIO DE MORTE

Tinha 64 anos o sr. Guilhermino Nunes, reformado da Fábrica de Material de Guerra. Nascera nos Olivais e morava em Moscavide. Era surdo e vivia na concha da sua surdez, alheio ao que o rodeava. Ontem seguia pela via férrea. Nada ouviu, nem ao menos o monstro de ferro que atrás dele vinha e o matou. O corpo recolheu ao Instituto de Medicina Legal.

VIDA POLÍTICA

Com o Presidente do Conselho trabalharam os srs. ministro de Estado dr. Correia de Oliveira e ministro do Ultramar.

POÇO E FONTE

Ao poço onde trabalhava ia descer um operário, Grilo de nome. A corda a que se sustentava partiu-se e, de 18 metros de altura, mergulhou nas águas morrendo. Em Chelinho, onde vivia e morreu, deixa o trabalhador viuva e um filho pequenino. * Perto da Lixa, no lugar do Outeiro, há um fontenário publico. Brincava com a água e sobre ela se debruçava a pequenina Alzira de Jesus Teixeira, de 4 anos. Tanto se debruçou que lá caiu e morreu.

PORTUGAL E CANADÁ

Ontem, á noite, no Ritz, o vice-presidente em exercício da Assembleia Nacional, dr. Soares da Fonseca, ofereceu um banquete ao sr. Roland Nishner, presidente da Camara dos Comuns do Canadá, em que se fizeram afirmações de amizade e apreço. Na assistência se destacavam o dr. Franco Nogueira, ministro dos Estrangeiros, e o sr. Theodore J. Monty, embaixador do Canadá em Portugal. Ao agradecer as saudações que lhe foram dirigidas o sr. Roland Nishner lembrou os laços históricos que prendem os dois países e terminou por dizer quanto contribuem para as melhores relações entre os dois países os milhares de trabalhadores portugueses que se encontram no Canadá.

RIBANCEIRA E MORTE

A pequena distancia de Torres Novas, junto á fábrica da Parceria de Azeites, seguia uma camioneta conduzida pelo sr. Pedro dos Santos Ferreira. Ajudante, o sr. Inácio de Carvalho, de 41 anos. Em dada altura a barra da direcção partiu-se e a camioneta caiu por uma ribanceira. Morreu no acidente o ajudante do motorista e dois filhos pequeninos ficam sem pai e sem pão.

O telefone do aeroporto não é para o público obter informações?

Já não é a primeira vez que chega ao nosso conhecimento a forma desagradável e inconveniente como são atendidos, a certas horas, os telefonemas no Aeroporto de Lisboa. Esta manhã, pouco antes das 7, uma pessoa que vive no Estoril quis saber a hora certa da chegada do avião da carreira de África, e, para não se deslocar em vão, ligou o numero que vem na lista com a indicação daquele campo de aterragem. Solicitou da telefonista que lhe ligasse para a TAP e ela respondeu que não podia fazer a ligação e que devia pedir o numero privativo daquela companhia. Tendo a pessoa, com a melhor disposição, explicado que estava fora de Lisboa, e que pedia, por isso, que ligasse ás informações, a telefonista, já num tom de enfado, respondeu que no aeroporto não há, nem nunca houve serviço de informações. E a pessoa não teve outro remédio senão fazer outra chamada, então directamente para a TAP, onde lhe prestaram logo a informação desejada.

O caso não teria importancia de maior—à parte o aspecto sempre desagradável de encontrar alguém que ganha dinheiro para atender o publico e o atende inconvenientemente — se não fosse tratar-se de um departamento para onde, com frequência, ligam pessoas que estão ansiosas por saber das chegadas ou partidas dos aviões — estrangeiros que neste período do ano aqui permanecem mais tempo ou mesmo nacionais, sobretudo aqueles que têm ligações com o Ultramar e que desejam conhecer as horas das chegadas de parentes ou amigos. Se é de exigir, por um lado, que a telefonista atenda, seja quem for, com correcção, é de estranhar, por outro, que não exista um serviço geral de informações, no aeroporto, ou, pelo menos que quem liga para o telefone que a lista indica como tal, tenha de fazer outra chamada se deseja ser esclarecido sobre qualquer serviço. Para quê, ou para quem, serve afinal o telefone deste departamento publico?

Os excursionistas da Flórida seguiram para Madrid

Partiu, hoje, de avião, para Espanha, o grupo de vinte e um componentes da Pan-American Comission of Tampa, na Florida, ligada ao comércio e á industria do sul dos Estados Unidos, que desde, anteontem, se encontravam em Lisboa e ontem cumprimentaram o presidente do Município. O grupo seguiu para Madrid, e ali será, também, recebido pelo «Ayuntamiento». Dali os excursionistas norte-americanos seguirão em visita a vários países da Europa, com demora de cerca de 20 dias.

O sofisma e o mito

(Continuação da página anterior)

dinários e por vezes incompreensíveis, é impresionante. Empenhadas numa competição sem paralelo, pela extensão e significado, as nações ocidentais — com as suas tradições e interesses específicos — não foram servidas por um ideal, animadas por um objectivo, orientadas por um guia. Caminharam ás cegas, de provação em provação, de desaire em desaire, num ambiente de epilepsia, fustigadas pela visão do apocalipse a curto prazo. Com a mudança do hóspede da Casa Branca e dos seus conselheiros, provou-se a inanidade dos sacrifícios feitos para alimentar uma concepção falsa e com ela a irrealidade dos dados que a estabeleceram e impuseram.

A guerra nuclear é, desde Hiroshima, uma probabilidade com a qual há que contar e pode resultar de um acidente, de um erro de cálculo ou de uma situação irreversível que ponha em risco a sobrevivência dos dois Estados detentores das armas que a servem. Os primeiros são o preço por que todos pagamos o progresso inelutável da Ciência e da Técnica. A última só resultará da deliberada vontade de agressão de um desses Estados. Mas esta realidade inquietante foi no Ocidente, durante oito anos, de especulações e exercícios diplomáticos á beira do abismo, agravada até proporções intoleráveis por um aparelho publicitário que funcionou para iludir os povos no rescaldo de um gigantesco traumatismo, ocultando-lhes os factos essenciais que no nosso tempo condicionam a sua existência e evolução. Os contemporaneos dessa mistificação estão em condições de avaliar a sua grandeza porque lhe sentiram os estragos na carne e na alma. O homem, onde quer que vivesse, sentiu-se degradado ao serviço de uma causa estranha aos seus sentimentos profundos e ás suas nobres aspirações. A História julgará severamente os responsáveis por ela.

Os sobressaltos, ansiedades, dúvidas e angústias que indistintamente sentimos, deveram-se principal, senão exclusivamente, a um erro estratégico que a propaganda oficial hipertrofiou para que não fosse confessado e rectificado. Tantas e tais foram as suas repercussões que só o esquecimento total apagaria a dolorosa recordação delas. Ninguém acredita que tal resultado se consiga enquanto viverem as gerações que involuntàriamente foram comparsas e vítimas desse drama.

E' duvidoso que a nova estratégia americana, improvisada sob a pressão de acontecimentos fáceis de prever e remediar, produza melhores resultados do que aquela que se propõe substituir. Elaborada para as exigências militares dos Estados Unidos, são patentes os seus defeitos. Nem aquele país dispõe de meios para a pôr eficazmente em prática — por cada nova divisão convencional americana os Russos, para não falar dos Chineses, colocarão no terreno três — nem com ela se dissiparão, bem pelo contrário, os perigos de uma conflagração nuclear. O melhor que pode pensar-se dos seus inspiradores é que estão a erigir um mito no local onde durante oito anos imperou um sofisma.

O PORTO pelo telefone

Carne imprópria para consumo

PORTO, 10 — Um guarda da 1.ª esquadra participou superiormente que, numa casa de pasto, situada na Travessa de S. Sebastião, 19, pertencente a Manuel Ferreira Barbosa, foi servido um almoço confeccionado com carne que estava imprópria para consumo, o que posteriormente foi verificado no posto sanitário

Serviçal infiel

Foi presa pela P. S. P. a serviçal Deolinda Ferreira Pinheiro, residente na Rua do Sul, em Matosinhos, que, em casa dos patrões onde se encontrava apenas há dois dias, praticou um furto de dinheiro.

Espectáculos de amanhã

COLISEU — A's 21 e 30: «O eterno feminino» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e 21 e 15: «Presídio de mulheres» e «Um valentão» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «E o amor chegou» (17 anos).
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 «As dez mulheres do Barba Azul» (17 anos).
OLIMPIA — A's 15 e 30 e ás 21 e 30 «A cigana vermelha» e «O homem do Oeste» (17 anos).
AGUIA D'OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30: «O comboio apitou três vezes» (12 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30: «Viena, cidade dos meus sonhos» (12 anos).
S. JOÃO — A's 15 e 30 e 21 e 30: «Por um pouco de amor» (17 anos)

IMPRENSA

«O Setubalense»

Entrou no 32.º ano de publicação, o nosso prezado colega «O Setubalense», pelo que apresentamos as nossas felicitações ao seu ilustre director e nosso amigo, sr. Dinis Bordalo Pinheiro, e seus colaboradores.

PERFUMARIA
CEZAL
FUNDADA EM 1910
PRODUTOS DR. PAYOT
E STIKS LANDER
Grande sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras. Produtos de beleza de reputação mundial; sabonetes Franceses e Ingleses: Camy, Pinaud, Palmolive, etc.
A célebre pasta dentífrica Colgate a 13$80 cada. Preços especiais para revenda. Cremes de barba Ingram, Colgate, Palmolive, Gibbs, de fabrico de origem, etc.
RUA DO COMÉRCIO, 12 e 14
TELEFONE 26498 LISBOA

Acaba de sair
ALMANAQUE BERTRAND
1962
Cartonado ... 25$00
Brochado ... 20$00

Tágide
Apresenta
ANNY GOULD
The Charly Black Dancers
FERNANDA PACHECO
(Maiores de 17 anos)
Palm-Beach

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA NO TERRAÇO DAS ESTRELAS
VALERIE MASTERS
expressiva vedeta da TV inglesa
XAVIER MORRIS
Espantoso ilusionista
e RUI DE MASCARENHAS
O cântor português de fama internacional
(Maiores 17 anos)

Eichmann não se arrependeu

e manteve-se leal ao "fuehrer"

— acentuou o procurador-geral de Israel

JERUSALEM, 10. — O procurador-geral de Israel Gideon Hausner declarou, hoje, no tribunal que a acusação é forçada a aceitar as declarações dos cumplices de Eichmann.

Esses homens dever ser acreditados porque nada tinham a ganhar acusando Eichmann, uma vez que eram criminosos confessos.

Hausner citou as declarações de Rudolf Hoesse e Dieter Misliceny salientando que foram feitas depois de condenados á morte e por isso nada tinham já a ganhar acusando Eichmann de cumplicidade.

Virando-se para Eichmann, que estava pálido, o procurador-geral perguntou: «O que pensa Eichmann das declarações prestadas pelos seus colegas? Afirma que Hoesse mente, afirma que o coronel Mildner mente. Segundo ele o unico homem que fala verdade é Eichmann.

«Na Argentina, ao falar com o jornalista holandês Sassen, Eichmann recordava com orgulho a sua autoridade e o seu poderio. Aqui, no tribunal, de nada se lembra e somos nós que temos de lhe avivar a memória com os documentos que apresentamos».

Hausner prosseguiu: «Durante o interrogatório, aqui, no tribunal, Eichmann respondeu com grande habilidade e inteligência, arranjando desculpas de improviso. Pudemos verificar que ele não é pequeno funcionário burocrático que afirma ter sido, mas sim um homem de grande inteligência e estatura mental». Desmentindo a afirmação de Eichmann que disse não ser anti-semita, o procurador recordou que o acusado chamou «cão judeu» ao sueco Raoul Wallenberg, por este ter tentado salvar os judeus que tomaram parte na marcha da morte.

SEMPRE FIEL A HITLER

Já na Argentina, muito tempo depois da queda do nazismo, Eichmann escreveu que um alemão devia ser esfolado vivo por ter criticado as tácticas seguidas por Hitler.

Elevando a voz o procurador-geral declarou: «Eichmann manteve-se leal ao «fuehrer» até ao ultimo momento e mesmo depois da sua morte».

«Nunca falou com pena dos milhões de judeus que exterminou — disse o procurador — e só uma vez se mostrou arrependido quando explicou a Sassen por que tinha falhado na sua missão deixando ainda alguns judeus vivos».

EICHMANN PODIA TER SALVO MILHARES DE JUDEUS

«Mesmo durante os ultimos dias da guerra, quando a derrota final da Alemanha estava á vista, Eichmann continuava a mandar judeus para a morte, fazendo-o, apesar das ordens em contrário dadas por Himmler.

Dezenas de milhares de pessoas que podiam estar agora vivas morreram nesses ultimos dias só porque Eichmann sabotou as ordens dos seus superiores e não suspendeu as execuções».

Com emoção na voz, Hausner acrescentou: «Não é só pelos crimes de morte que eu desejo pedir castigo para Eichmann. E' também pelas torturas e sofrimentos sem conta infligidos a milhões de judeus antes de serem mortos». — (Reuter).

Linha de SINTRA

HOMENAGEM

aos pioneiros da Aviação em Rio de Mouro

No domingo, ás 13 e 30, em Rio de Mouro, será prestada aos pioneiros da Aviação portuguesa, brasileira e americana, promovida pela respectiva Junta de Freguesia, com o patrocínio da Camara e da Comissão Municipal de Turismo de Sintra.

Assistem á cerimónia, durante a qual serão descerrados painéis alegóricos de azulejo, além de outras entidades, os srs. embaixador do Brasil, dr. Negrão de Lima; o cônsul do Brasil, sr. dr. João Monetti, e o adido aeronáutico á Embaixada dos Estados Unidos, sr. major B. K. Deakin.

Preside ao acto o sr. visconde de Asseca, presidente da Camara Municipal de Sintra.

Cinemas

QUELUZ—*Queluz-Cine*—Às 21 e 15: «A seita do dragão vermelho» e «Os amores de Carmen» (17 anos)

MEM-MARTINS—*Cine-Chaby*—Às 21 e 30: «Arco de triunfo» (17 anos)

ERICEIRA—*Cine-Casino* — Às 21 e 15: «Imitação da vida» e «Uma provinciana em Nova York» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Campos* — R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072). *Cladel*— R. António Sardinha, lote 5 (Tel. 931551).

QUELUZ—*Gil*—Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117).

SINTRA — *Marrazes*—L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).

S. PEDRO DE SINTRA—*Valentim*—(Tel. 980456).

Obras de beneficiação

no Hospital Júlio de Matos

Na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no Ministério das Obras Publicas, realizou-se o concurso publico para arrematação da empreitada das obras de beneficiação e conservação em vários pavilhões e oficinas do Hospital Julio de Matos. A base de licitação era de 600 contos.

SEIS CASOS DE CÓLERA EM MACAU

Há três mortos

MACAU, 10. — As autoridades de Macau admitiram a presença de cólera neste território português e lançaram uma campanha para imunizar o povo contra a moléstia. Três das seis pessoas atingidas já morreram.

Muitas pessoas estiveram nas clínicas de Macau, a fim de lhes serem ministradas injecções contra a cólera, e as autoridades sanitárias pediram a todos os habitantes que cooperem na campanha de imunização.

Ontem, funcionários portugueses não tinham confirmação das notícias aparecidas na Imprensa de Macau e de Hong-Kong, segundo as quais casos de cólera se teriam registado depois de se manifestar um surto na vizinha província chinesa de Kwantung. — (R.).

«KOKO» foi ao dentista

SYDNEY, 10. — Foram precisos catorze dentistas e veterinários para operarem «Koko», um urso do Alasca, habitante do Jardim Zoológico local.

Ao fim de algumas horas, os dentistas extraíram um dente de 10 centímetros que tinha um abcesso na raiz e causava dores violentas ao animal.

A anestesia foi feita com suporíferos que chegavam para adormecer 15 pessoas, além de duas garrafas de clorofórmio e uma injecção dada com a seringa presa na ponta de uma vara, pois, apesar de tudo, ainda se tornava perigosa a aproximação do animal. — (R.).

CHEGOU A LISBOA

o presidente da Associação Industrial de Angola

No avião da TAP, chegou esta manhã a Lisboa, vindo de Luanda, o sr. eng. António Castilho, presidente da Associação Industrial de Angola, que se demorará algumas semanas na Metrópole. No aeroporto foi cumprimentado pela direcção da Associação Industrial Portuguesa e pelo comissário da Feira Internacional de Lisboa

Os resinosos saídos em 1960

atingiram 7,2 por cento das exportações totais da Metrópole

Estão publicados o relatório e as contas da gerência de 1960, da Junta Nacional dos Resinosos, a que preside o dr. Francisco Joaquim Teles de Matos Chaves.

O saldo da gerência anterior era de 4 796 712 escudos; e o que transita para a gerência seguinte é de 5 146 308 escudos.

A receita daquele organismo é constituída, na sua quase totalidade, pelas taxas que incidem sobre os quantitativos exportados de pez e aguarrás.

O volume das exportações de pez, em 1960, aumentou 12,3 %, em relação á média dos quatro anos antecedentes, tendo os respectivos valores médios por quilo subido 49,5 %. Os preços (7$85 por quilo em média, quando o máximo conseguido, nesse período, fora de 5$40, em 1956), «foram os mais altos até hoje conseguidos e atestam bem a grande procura do produto no ano transacto».

Quanto a aguarrás, a quantidade exportada no ano findo excedeu, em 18,6 %, a média dos quatro anos anteriores. Os valores médios por quilo desceram 20 % em relação aos mesmos anos. Sendo o pez e a aguarrás obtidos simultaneamente na industrialização da resina, o acréscimo verificado na procura do primeiro produto deu origem á acumulação de grandes «stocks» de aguarrás, sem colocação no mercado mundial, o que muito contribuiu para o abaixamento do seu preço de venda em 1960. No conjunto — pez e aguarrás — a exportação foi a maior de todos os tempos, tanto em quantidade como em valor.

Para o total das exportações metropolitanas, nos anos de 1956 a 1960, os resinosos contribuiram com estas percentagens respectivas: 4,6; 5,7; 4,4; 6; e 7,2. E o seu valor total foi de 6 657 contos.

A CIDADE

A reconstrução

e pavimentação das ruas do Bairro Alto

Fizemos nesta secção, na rubrica habitual das segundas-feiras, «Intrigas de bairro», a seguinte pergunta: «Porque foram pavimentadas de novo as ruas do Bairro Alto, ficando na mesma um troço da Travessa dos Fiéseis de Deus?» E mais uma vez, com admirável compreensão do interesse que ao «Diário de Lisboa» merecem os problemas citadinos, o presidente do Município, sr. brigadeiro França Borges, nos distingue com a sua cativante atenção, pois nos foi prestada a seguinte informação a propósito do nosso reparo, por intermédio do director dos Serviços de Urbanização e Obras da Camara Municipal, sr. engº Ciro de Oliveira Pinto:

«Encarrega-me Sua Excelência o presidente de pedir a V. para esclarecer o autor da nota sobre a cidade, publicada em 3-7-1961 no jornal de que V. é digno director, de que a Travessa dos Fiéis de Deus, está incluída numa 3.ª fase de reconstrução do Bairro Alto a levar a efeito no corrente ano».

Agradecemos a gentileza do presidente da edilidade e felicitamo-nos pela oportunidade que o nosso reparo proporciona de podermos informar os leitores do próximo arranjo da parte da referida artéria, assim incluida no plano de reconstrução e nova pavimentação das artérias do Bairo Alto.

Ajardinamento

da Avenida dos Estados Unidos da América

A Camara Municipal de Lisboa abriu concurso para adjudicação da empreitada de ajardinamento da Avenida dos Estados Unidos da América, no troço compreendido entre a Avenida de Roma e a do Rio de Janeiro, e respectivos fornecimentos.

Excursionistas estrangeiros

Procedente dos portos do Funchal e Ponta Delgada, chegou hoje ao Tejo o paquete espanhol «Cabo de San Vicente», com 675 excursionistas italianos e espanhóis, os quais desembarcaram e percorreram a cidade e os arredores.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil), além de um piriquito, uns óculos graduados, duas serras para cortar ferro, uma quantia em dinheiro, uma pulseira em oiro, uma pasta de plástico com diversos catálogos, um fio de oiro com cruz do mesmo metal, uma mala de mão para senhora, com dinheiro espanhol e português e outros artigos, uma carteira com determinada quantia e o bilhete de identidade do sr. António da Rocha Marabuto, uma gabardina e camisas de homem, uma carteira de plástico, o bilhete de identidade do cidadão suíço, sr. Morettin Robert Aldo, uma certidão de nascimento em nome da sr.ª D. Isabel Maria Tavares Luís, o bilhete de identidade e outro cartão do sr. Dinis Marques Ambrósio, dez porcas de ferro, um metro articulado, um chapéu de feltro, um capacho, dois tampões de roda e dois de depósitos de gasolina, de automóveis, diversas argolas com chaves.

ADENAUER recebeu RUSK

CADENABBIA (ITÁLIA), 10. — O secretário de Estado Dean Rusk conferenciou, hoje, com o dr. Adenauer, na residência de Verão do chanceler, nas margens do lago Como.

Rusk chegou ontem, á noite, de avião, vindo de Roma, onde conferenciou com o chefe do Governo italiano e o ministro dos Negócios Estrangeiros. — (R.).

As comemorações do 16.º aniversário do despacho n.º 100 que renovou a Marinha Mercante

Com diversas solenidades foi hoje comemorado o 16.º aniversário do despacho n.º 100, do então ministro da Marinha, sr. almirante Américo Tomás, o qual permitiu a renovação da Marinha Mercante Nacional.

Assim, de manhã, na igreja das Chagas, foi celebrada missa por mons. Moreira das Neves, que, ao Evangelho, proferiu uma homilia. Assistiram os srs. capitão-de-fragata Guilherme dos Reis Tomás, que representava o sr. Presidente da Republica; dr. Quirino Mealha, em representação do sr. ministro das Corporações; armadores, administradores de empresas de navegação, entre os quais os srs. dr. José Soares da Fonseca, capitão-de-mar-e-guerra Celestino Ramos, major Vitorino Branco, almirante Francisco Fialho, delegado do Governo junto da Companhia Nacional de Navegação; comandante Julio Ramos; dirigentes de organismos corporativos ligados ás actividades da Marinha Mercante entre os quais os srs. comandantes José dos Santos e Luís Loura.

A' hora a que o «Diário de Lisboa» começa a circular, representações da União de Sindicatos dos Oficiais, Mestrança e Marinhagem de Navegação Marítima vão apresentar cumprimentos ao ministro das Corporações, sr. prof. Gonçalves Proença; e depois ao Ministério da Marinha, onde serão recebidos pelo titular daquela pasta, sr. almirante Quintanilha Mendonça Dias, a quem manifestarão o reconhecimento pelos benefícios resultantes para a classe da promulgação do referido despacho.

Ao fim da tarde os homens do mar cumprimentarão, pessoalmente, o sr. almirante Américo Tomás; e á noite haverá um banquete na Casa do Leão.

UMA VERDADEIRA OBRA DE «SUSPENSE» E EMOÇÃO

DIST. FILMITALUS — ADULTOS 17 ANOS

HOJE AS 21.30 — ESTREIA NO POLITEAMA

Dizem os leitores...

O uso da caneta esferográfica

A legitimidade do uso da caneta esferográfica para assinatura de documentos oficiais continua a ser contestada. É o que nos diz o sr. Adelino da Silva Ricardo, morador na Rua das Olarias, 59, r./c., em Lisboa:

«Sou leitor assíduo do jornal que V. tão brilhantemente dirige, tendo lido recentemente no mesmo conceituado jornal ter sido autorizado superiormente o uso da esferográfica nos documentos oficiais, assim fiz:

No dia 21, do mês passsado necessitando reconhecer uma assinatura dirigi-me ao Cartório Notarial do sr. dr. Cornélio da Silva, na Rua Arco de Bandeira, n.º 231, 2.º, dt.º, qual não foi o meu espanto, quando me foi dito que a mesma assinatura não podia ser reconhecida por ter sido feita com caneta esferográfica. Tudo isto causou grande transtorno e atrasos prejudiciais, por se tratar de um documento que teria de ser entregue nesse mesmo dia, o que se tornou impossível, em virtude da pessoa que o tinha assinado não se encontrar em Lisboa, para substituir a respectiva assinatura. Por tudo quanto fica exposto, uma coisa se pergunta: Onde está o engano?».

Triste situação de uma família numerosa

Generosa e comovidamente relata-nos o sr. António Malacas da Costa a dramática situação de uma família mergulhada na maior miséria:

«Terá que desculpar V. ocupá-lo com este caso. E ao pedir-lhe desculpa, sinceramente, duas lágrimas me banham os olhos. E não sei porquê. Talvez por a Sociedade exigir isto, um pedido de desculpa, quando não deveria ser necessário. Porque a Sociedade não distingue já a mentira da verdade, o que devia fazer e o que faz. Mas, sr. director, o caso é este:

Conheço uma família constituida por nove elementos, ou sejam, os pais e sete filhos. Variam as idades destes ultimos, entre os 6 meses e os 9 anos. O pai, com 56 anos, encontra-se desempregado há, aproximadamente, um ano. Tudo vendeu, inclusivamente camas, para trazer a cara limpa e sustentar os seus, na esperança de melhores dias. Porém, retardam. Tem diligenciado por todo o lado e a resposta é sempre a mesma: «Tem 56 anos...».

Não se julgue por estar há um ano desempregado, que é calão, despreocupado, ou bêbado. Talvez tivesse cuidado mal do seu futuro, com a agravante do retardo dos filhos.

Quem entrar em sua casa, quem conviva um pouco com aquelas sete crianças pedindo pão, sente nascer uma obrigação. Cumpre-me como dever trabalhar para ajudar aquela família. Porém, pouco posso fazer. Apelo eu para todos os homens que possam auxiliar esta família e ainda para aqueles que governam».

ENCERRAMENTO

do Encontro de Graduados da M. P.

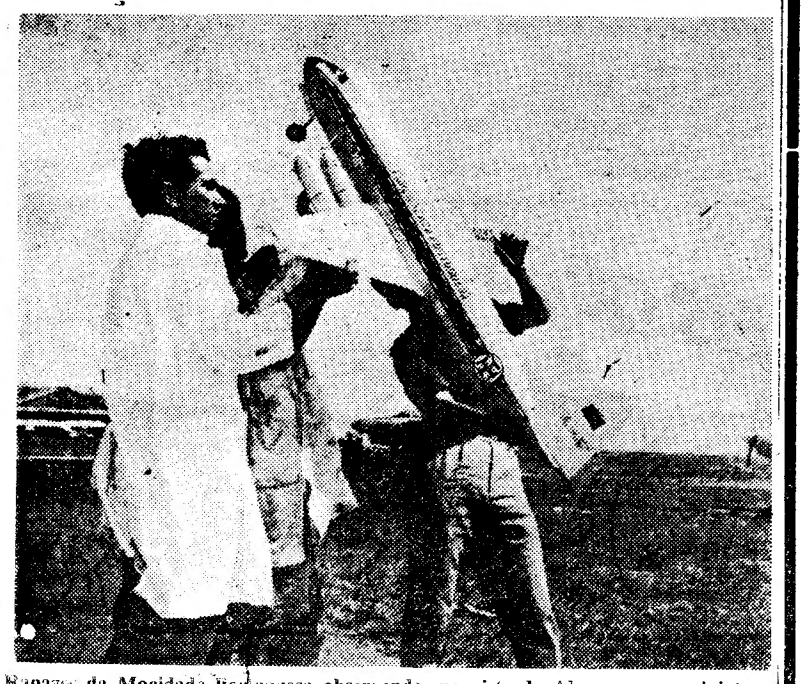
LEIRIA, 10 (Pelo telefone) — Para presidir ao encerramento do VI Encontro Nacional de Graduados da M. P., que reuniu cerca de 400 filiados, chega aqui ao fim da tarde, o sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional, que será recebido pelas autoridades locais, prestando-lhe a guarda de honra um grupo de graduados da M. P. No ginásio da escola comercial e industrial, haverá uma sessão solene presidida por aquele membro do Governo, que visitará depois o acampamento dos graduados, onde, á noite, será acesa a «chama da mocidade».

AS BARBEARIAS

encerram na terça-feira

Na terça-feira, feriado nacional, estão encerrados os estabelecimentos de barbearia e cabeleireiros de senhoras, os quais, na véspera, observam o horário habitual dos sábados.

AVIAÇÃO MINIATURAL



Rapazes da Mocidade Portuguesa observando, na pista de Alverca, uma miniatura exacta, construida nas Oficinas-Gerais de Material Aeronáutico, dum quadrimotor «Viscont» da Força Aérea Portuguesa

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- No dia 1 de Setembro o Maria Vitória é entregue a uma nova empresa que o vai explorar durante a temporada de 1961-62. O primeiro espectáculo a apresentar naquele teatro é de Nelson de Barros e Fernando Santos.
- O empresário Giuseppe Bastos, que só em Outubro deverá concluir a digressão que está a realizar no nosso Ultramar, com a Companhia Brasileira de Revistas, não poderá concretizar o compromisso tomado com a actriz Beatriz Costa, que se encontra no Rio de Janeiro, para a formação duma companhia da qual seria primeira figura e que nos princípios da futura época deveria actuar num teatro de Lisboa.
- O elenco do Variedades, na próxima época deverá sofrer algumas alterações.
- A actriz Maria Paula deverá fazer parte da nova companhia do Monumental.

O «Proscenium»

no D. Maria II

O «Proscenium», grupo de teatro do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa, apresenta no Teatro D. Maria II, depois de amanhã, ás 21 e 30, um espectáculo constituído pelo «Breve sumário da História de Deus», de Gil Vicente, encenado por Pedro Lemos, e pelo «Auto da Justiça», de Francisco Ventura, para prova eliminatória do Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio e dos Grupos Dramáticos Independentes, organizado pelo Secretariado Nacional da Informação. São intérpretes das peças Maria Manuela Monteiro, Ramos Carinhas, Fernando Rijo, Mário Cardoso, Aristides Dias, Martinho Cristo, Maria Carolina Antão, António Albuquerque, Adelaide João, Duarte Miguel, Carlos Baleia, Arnaldo Moreira, Nuno Carreira, Teófilo Ferreira, José Abreu, Reis Leite, Armando de Lacerda e Arlette Martins.

Primeiras exibições

«Os Canalhas», no Império

Raras vezes um filme consegue prender tanto o interesse do espectador como a produção franco-italiana «Os canalhas», ontem estreada com assinalável êxito no Império. O realizador Maurice Labro entusiasmou-se pelo sugestivo romance do mestre da «série negra» James Hadley Chase («Fais-Moi Confiance») e fez um filme palpitante de interesse, absorvente até á ultima imagem.

Os intérpretes de «Os canalhas» não podiam ter sido melhor escolhidos: Marina Vlady, bela e enigmática; Robert Hossein, que patenteia uma descontracção naturalíssima; Scilla Gabel, fresca e sensível; Philippe Clay, arrogante e implacável; Alexandre Gange, Arnaldo Foa, Claire Maurier e outros artistas formam o *cast* desta produção, que se evidencia, sobretudo, pela originalidade do argumento e pelo numero e qualidade dos momentos mais cruciantes da acção. Entre estes, salientaremos a luta dos «gasolinas», a devolução do cadáver e o filme da queda de Marina Vlady.

E não se julgue que «Os canalhas», filme ainda valorizado pela excelência da fotografia dos exteriores, dos diálogos e da musica de fundo, surpreende apenas pela habilidade com que é mantido de princípio ao fim o clima de extraordinária expectativa: o factor psicológico constitui também um dos grandes motivos de interesse que recomendam esta produção a todas as camadas do publico.

Completam o excelente programa do Império dois jornais de actualidades—um português e outro francês — e uma bem-humorada «História das Invenções» (desenho a cores). — *Visor 55.*

As estreias de hoje

No Politeama

Título — «Série negra».
Produção — Francesa.
Intérpretes — Henry Vidal, Robert Hossein, Eric Von Stroheim, Monique Van Vooren e Roger Hanin.
Argumento — Filme policial.
Processo — Normal.
Distribuição — Filmitalus.
Classificação — 17 anos.

No São Jorge

Título — «O inimigo do espaço».
Produção — Inglesa.
Realização — Val Guest.
Itérpretes — Brian Donlevy, Sidney James e John Lodgen.
Argumento — Ficção científica.
Processo — Normal.
Distribuição — Rank Filmes.
Classificação — 17 anos.

No Avis

Título — «Os Kettles em Waikiki».
Produção — Norte-americana.
Intérpretes — Marjori Main e Percy Kil Bride.
Argumento — Comédia.
Processo — Normal.
Distribuição — Talma Filmes.
Classificação — 12 anos.
(Em complemento «Demónios sobre rodas»).

TALMA FILMES
(M. 12 ANOS)

AVIS

HOJE
ESTREIA
AS 21.30

AS MAIS HILARIANTES SITUAÇÕES CRIADAS PELO CASAL MAIS CÓMICO QUE O CINEMA DESCOBRIU!

COM
MARJORIE MAIN
PERCY KILBRIDE

EM COMPLEMENTO: UM ESPECTÁCULO ALUCINANTE ONDE A AUDÁCIA VENCE A MORTE!

Demónios sobre rodas — com TONY CURTIS — PIPER LAURIE — DON TAYLOR

COLISEU
Telef. 31997 — (M. 12 anos)
HOJE ÀS 21.30
Sensacional programa de Cinema
ZORRO, O VINGADOR
Aventura! Emoção! Suspense!
As obras-primas de Walt Disney
AS 7 CIDADES DA ANTÁRCTICA
E
O DANÚBIO
Preços populares

RONDA
MONTE ESTORIL
Apresenta hoje e amanhã o surpreendente
baile dos Quintalinhos
a Tasca — a sardinha assada — a banda da música — os petiscos
NA COSTA DO SOL
Reserve a sua mesa
M/15 anos

CAMPO PEQUENO

PACO CAMINO

AMANHÃ, ÀS 22 HORAS

é a extraordinária e empolgante

CORRIDA DE TOIROS-TOIROS!

3 magníficos exemplares da ganaderia dos **HERDEIROS DO CONDE DE CABRAL**, cujas fotografias estão expostas nos Restauradores, 7, onde continuam á venda os bilhetes

4 ases do toureio peninsular da mais excepcional categoria

JOÃO NUNCIO

JOÃO NÚNCIO * MANUEL CONDE
JOSÉ JÚLIO * PACO CAMINO

e ainda os Forcados Amadores de Santarém, chefiados pelo Ex.mo Sr. RICARDO RHODES SÉRGIO

Maiores de 12 anos

Amanhã vamos ver tourear!

Hotel Principe

52 quartos com todo o conforto

Casa de Banho Privativa, Televisão e Ar Condicionado

Parque para Automóveis

Primoroso Serviço de RESTAURANTE e BAR

Avenida Duque d'Avila, 199

Telefones 73 61 51 (5 linhas)

Telegramas PRINCIOTEL LISBOA

HOJE INAUGURAÇÃO

EM BENAVENTE - «DIARIO DE LISBOA» é vendido por intermédio do SR. ANTÓNIO LEITÃO TAVARES.

SÃO JORGE

TEL. { B. 54154 / P. 54153

HOJE ESTREIA

às 21.30

DE UM ASSOMBROSO FILME DE ANTECIPAÇÃO CIENTÍFICA

BASEADO NUMA VERDADE QUE SE TORNA CADA VEZ MAIS POSSÍVEL!

UM TERRÍVEL INIMIGO VINDO DO ESPAÇO INSTALA-SE NA TERRA E SUBMETE-A A UM INDESCRITÍVEL

PÂNICO!

O INIMIGO do ESPAÇO

(ENEMY FROM SPACE)

com **BRIAN DONLEVY**

e SIDNEY JAMES ● JOHN LODGEN ● BRYAN FORBES ● VERA DAY

Argumento de NIGEL KNEALE e VAL GUEST
Produção de ANTHONY HINDS
Realização de VAL GUEST

Um filme da **UNITED ARTISTS**

ADULTOS (maiores de 17 anos)

ISTO DIZ TUDO:

2.º MÊS DE ENCHENTES

UMA VERDADE 100% TOTAL!

O PÚBLICO NUNCA FALTA SEMPRE QUE SABE QUE UM FILME É BOM!

É O CASO DE

AMA ROSA

COM A GENIAL VEDETA

IMPÉRIO ARGENTINA

QUE ENTROU EM

6.ª

SEMANA TRIUNFAL

NO **Odeon**

O MAIOR ÊXITO DA ÉPOCA!

6 SEMANAS

DE EXIBIÇÃO EM PLENA TEMPORADA DE VERÃO CONFIRMAM A EXCEPCIONAL CATEGORIA DE

AMA ROSA

(M. 12 ANOS)

EXCLUSIVO DA **S. I. F.**

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE

— **O INIMIGO DO ESPAÇO** — SÃO JORGE
— **SERIE NEGRA** — POLITEAMA
— **OS KETTLES EM WAIKIKI** — AVIS

SÃO LUIZ
Telefone 27172

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)

Cary Grant **Joan Fontaine**

no filme do mais absorvente interesse de **Alfred Hitchcok**

SUSPEITA

Um grande filme de «suspense»

EDEN
Telefone 20768

A's 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos 17 anos)

Um filme que é um caudal de gargalhada

PARIS, ETC.... E TAL

com Darry Cowl — Pascale Roberts

A tentação de uma aventura fez perigar a harmonia de um lar.

POLITEAMA
Telefone 26305

Hoje ás 21.30 (M. 17 anos)

ESTREIA

do extraordinário filme de violenta acção e «suspense»

SÉRIE NEGRA

com **Henry Vidal** e **Eric Von Stroheim**

A's 18.15 — **A BELA MENTIROSA** —com Romy Schneider—(M. 12 anos).

AVIS
Telefone 47165

A's 21.30

ESTREIA

(M. 12 anos)

Uma história cheia de humor vivida nos cenários paradisíacos do Pacífico

OS KETTLES EM WAIKIKI

com **Marjorie Main** e **Percy Kilbride**

LIZ
Telefone 48560

A's 21 horas (M/17 anos)

FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA
ODIOSA MENTIRA

CASINO ESTORIL

A's 21.30 (M. 17 anos)

NÃO O LEVARÁS CONTIGO

com James Stewart

TIVOLI
Telefone 43153

A's 3 e 6.15 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite (M. 17 anos)

Uma comédia de gargalhada de **Mervyn Le Roy**

ACORDA-ME DEPOIS DA TORMENTA

com **Eduil Kovacs** e **Dick Shaw**

MONUMENTAL
Telefone 55131

A's 15.15 e 21.30

A triunfal farsa que arrebatou o publico e a crítica no Festival de Cannes

O JUIZ E O VIGARISTA

com **Michael Redgrave** e **Robert Morley**

(M. 12 anos)

CONDES

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)

EDDIE CONSTANTINE

no grande filme de movimentadas aventuras

PREPARA O TEU TESTAMENTO

c/ **Naria Versini** e **Raymond Pellegrin**

ROMA
Telefone 727778

A's 15.30 e 21.45 (M. 6 anos)

6.ª SEMANA

A genial intérprete infantil que o cinema descobriu

MARISOL em

UM RAIO DE LUZ

ATENÇÃO: À sessão da noite podem assistir crianças MAIORES DE 6 ANOS.

RESTELO
Telefone 610375

A's 21.15 (M. 17 anos)

MATOU

com Peter Lorre

IMPÉRIO
Telefones 55134/5

A's 15.15 e 21.30 (Adultos)

Duas horas de permanente expectativa com

OS CANALHAS

com **Marina Vlady** e **Robert Hossein**

SÃO JORGE
PLATEIA 54153
BALCÃO 54154

A's 21.30

ESTREIA

(M. 17 anos)

Brian Doulevy em

O INIMIGO DO ESPAÇO

A's 18.15 — Ultima — (M. 12 anos) — **MILIONÁRIO SEM VINTEM.**

ALVALADE
Telefone 763080

A's 15.45 (p. red.) e 21.45

Sensação em Lisboa

Um filme de **Alfred Hitchcok**

SUSPEITA

com **Cary Grant** — **Joan Fontaine**

ODEON
Telefone 26283
(M. 12 anos)

15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30

2.º mês triunfal

6.ª SEMANA! ENCHENTES

A famosa vedeta Império Argentina no comovente e apaixonante filme

AMA ROSA

Uma história dedicada ás mães que viveram na vida igual sacrifício.

ATENÇÃO: Temperatura agradável

CINEMA IDEAL
Telefone 24194

A's 21 (M. 17 anos)

A CONQUISTA DO INFINITO
A VINGANÇA DE FRANKENSTEIN

ROYAL
Telefone 865037

A's 21 n. (M. 12 anos)

A REVOLTA DO RENEGADO

KITTY E OS 4 GRANDES

TERRASSE
Telefone 20917

A's 21 (M. 17 anos)

ESCANDALO NA CORTE
A ARTE E A VIDA

ESPLANADA PORTUGÁLIA
Telefone 47663

A's 21.30 (M. 17 anos)

AMAZONAS

SEM AMOR NEM PERDÃO

CONTINUAM A CHEGAR AS EXCURSÕES PARA ADMIRAR O GRANDIOSO ACONTECIMENTO CITADINO

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

(A ENTRECAMPOS)

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

ECOOU POR TODO O PAÍS O ESPAVENTOSO SUCESSO DO GRANDE CERTAME DE ENTRECAMPOS, A GRANDE E ELOGIOSA PROPAGANDA É FEITA PELOS VISITANTES QUE CONTAM MARAVILHAS DO QUE VIRAM E GOZARAM

«STANDS» DE EXPOSIÇÕES, DIVERTIMENTOS, ATRACÇÕES INFANTIS, RESTAURANTES, RETIROS, SORTEIOS, CINEMA, ETC.

Entrada: QUINZE TOSTÕES

TRANSPORTES FACEIS, DIRECTOS E ASSEGURADOS: «ELECTRICOS», AUTOCARROS E COMBOIOS

ABERTURA ÀS 19 HORAS

A 24.ª Volta a Portugal em bicicleta

A TIRADA DE ONTEM

Amarelo contra amarelo em que tudo ia empalidecendo

(Do nosso enviado especial Fernando Soromenho)

CHAVES, 10. (Pelo telefone) — Exceptuando a subida do Sporting ao primeiro lugar, a sensacional descida do portista José Pacheco, de 9.º para 31.º lugar, pelo que passou de 8 m. 5 s. para 27 m. 46 s., e a proeza do italiano Marcoletti, que vencendo, com brilho, a tirada, galgou de 10.º para 2.º, diminuindo para 1 m. 47 s. a diferença que o separava do «leader» e que era de 10 m. 42 s., no restante, a mais longa tirada da «Volta», temida por muitos, não pela extensa quilometragem, mas por ser uma consequência imediata de um binário de dias profundamente depauperantes (referimo-nos á «sobremesa» das Penhas da Saúde e ao contra-relógio individual), não redundou naquilo que estaria ao alcance dos corredores se, porventura, ainda se estivesse na fase inicial.

As classificações, com o senão dos factos mencionados, não sofreram alterações de substancia, mas se quisermos destacar uma consequência de vulto, ela só poderá incidir sobre o comportamento do F. C. Porto que chegou a preocupar quando Sousa Santos, José Pacheco e Carlos Carvalho andaram muito atrasados e, no pelotão, defrontando feras de garras aduncas, agiam Sousa Cardoso e Mário Silva, este envergando uma camisola amarela novinha em folha e que poderia ter voado para outro dorso, se o azar batesse á porta, atormentando ainda mais o espírito tão preocupado dos portistas.

Um amarelo fez estremecer outro amarelo e, por isso, certo tom pálido invadiu as faces de alguns acompanhantes, principalmente quando se soube que os homens do F. C. Porto, a quem foi solicitada uma reacção para acabar, de vez, com o atrevimento de Augusto Marcoletti, um dos homens do triunvirato da fuga, não esconderam a sua debilidade física, alegando ser impossível tentar o que estaria destinado ao fracasso.

O representante da formação italiana, cuja camisola é amarela, dividiu com Manuel de Castro as honras do magnífico esforço na ligação que trouxe a «Volta» da Beira a Trás-os-Montes, por paisagens deslumbrantes e através de estradas de perfil variado, com um senão para um reprovável troço de quinze quilómetros de macadame que ocultava densas camadas de poeira, foi um bom vencedor. Lutou com as armas próprias de quem tem perfeito conhecimento do mester, não obstante a sua categoria na craveira internacional (mesmo no escalão italiano) não ser das mais clarividentes, e durante os 135 quilómetros, em numeros redondos, pedalou no ritmo que as circuntancias exigiam e que denunciaram o propósito deliberado de arrebatar a camisola amarela a quem a vestira, pela primeira vez, numa manhã fresca, de densa neblina. Esteve a um passo de adjudicar ao seu activo aquele que viria a ser, sem duvida, o mais importante acontecimento desta «Volta. Mas o seu esforço, de sociedade com Manuel de Castro, só não pôde anular 1 m. 47 s.

Uma porta entreaberta

A fuga foi a consequência de alguns atrasos prematuros e que confirmaram o desgaste ocasionado pelos dois dias anteriores. O perfil do trajecto não era difícil, visto que de início se apresentou uma descida de cerca de vinte quilómetros. Por sinal, foi nela, logo á saída da Guarda, que Sebastião Fortuna se atrasou «perdendo-se» no nevoeiro para, isolado, despreocupadamente, realizar um contra-relógio de 227 quilómetros, numeros redondos. Por isso, chegou á meta com mais de uma hora de diferença do vencedor.

O andamento, que foi de boa bitola nas duas primeiras horas — os setenta quilómetros, onde estava instalada a meta volante, foram ultrapassados com 1 h. 49 m. 28 s., com Arlindo Carvalho em primeiro lugar — foi melhorando mercê da admirável cadência imposta pelos fugitivos, com excepção de Agostinho Brás, que se limitou a seguir na cola, táctica um tanto estranha em face do comportamento dos colegas sportinguistas que ficaram no pelotão (eram em quantidade razoável e, em determinada altura, poderiam ter esmagado os dois unicos representantes do F. C. Porto), os quais se preocuparam apenas em anular qualquer ideia de perseguição, principalmente quando a mesma partia dos alpiarcenses (José Manuel Marques), dos sangalhenses (Alves Barbosa) e dos portistas (Sousa Cardoso).

A média foi superior ao que se previa como mínimo e o facto só reforça a previsão de que, de um momento para o outro, as lágrimas podem deslizar por alguns rostos.

Merece uma citação o pundonor do benfiquista José Anastácio que, sòzinho, suportou a extenuante tarefa de perseguir os fugitivos durante quase idêntica quilometragem. O rapaz do Seixal da Lourinhã mostrou fibra da melhor, a lembrar que, de início, as suas possibilidades não foram aproveitadas por quem de direito...

O F. C. Porto em crise?

Salientando o labor de Manuel de Castro que se esqueceu de amuos, ou recuperou energias, deverá citar-se a reconquista do Sporting e, concomitantemente, a inquietante actuação do F. C. Porto que não ilude quanto á baixa forma de Sousa Santos e de José Pacheco, o que, desde logo, coloca em plano de realce o problema da equipa só contar com três homens em condições, embora o rendimento de Sousa Cardoso, até agora, seja uma sombra do que foi o ano passado.

Mas a inconstancia desta «Volta», no concernente ás classificações, ainda não parou. Talvez os ares nortenhos insuflem o ânimo que faltou ontem aos homens do F. C. Porto.

E os italianos?

A pergunta tem perfeito cabimento. Tanto os «leões», como os portistas terão de se acautelar. De repente, tudo se transforma... para pior.

● **À partida da Guarda, o academista Manuel de Castro afiançou-nos que tentaria uma fuga. «Já ando com saudades disso, desde que perdi a camisola amarela». O irrequieto «ratinho» prometeu e cumpriu.**

● **Dois Tavirenses, entre eles o «Repolho», o numero 34, andam a deixar crescer a pera e o bigode que só desaparecerão se os seus proprietários chegarem a Lisboa. Se tal não se concretizar estão, durante quinze dias com esses ornamentos capilares na sua terra. «E' para castigo».**

● **O novo «camisola amarela», o olímpico Mário Silva, é um bom rapaz. Muito jovem, apenas tem um buçozinho no bigode. De resto, é imberbe...**

● **Para aqueles que fazem parte da caravana é um verdadeiro martírio admirar, apenas, as lindas paisagens da nossa terra. Passamos, sem tempo para nos demorarmos e gozar as belezas da natureza. Esta ideia acudiu-nos ao espírito quando percorremos a estrada que nos levou de Lamego até Chaves, principalmente na região do Alto do Douro. Um deslumbramento.**

● **Pinto Valongo, membro da Associação do Ciclismo do Norte e o criador da actual equipa do Académico, disse-nos, a propósito do sportinguista João Roque: «E' a revelação mais extraordinária da Volta. O Sporting resolveu-se imitar o Académico indo buscar valores á categoria dos populares.**

● **Fernando Henriques da Silva sentiu alguns embaraços durante a tirada Guarda-Chaves, a mais longa da Volta. Sofreu uma avaria na sua bicicleta, aos 53 quilómetros, e depois teve de produzir uma grande recuperação para se reintegrar no pelotão. Fê-lo sózinho, pedalando com grande entusiasmo, cerca de 10 quilómetros. Voltou a parar para adaptar o selim da máquina que montava (propriedade de Alves Barbosa) e mesmo assim, ninguém da sua equipa se inteirou da sua situação por forma a prestar-lhe a ajuda de que necessitava. Recorda-se que Fernando Henriques da Silva é o melhor homem do Sangalhos.**

● **«Vila Pouca de Aguiar sauda-vos». Na estrada, a toda a largura, um letreiro, dirigia uma simpática saudação á caravana.**

● **A organização, junto á meta de Chaves, foi deplorável. O policiamento só produziu efeitos quando a maioria dos corredores havia concluido a prova. Antes, a confusão predominou com evidente prejuizo dos estradistas.**

● **A multidão agitou-se. «Lá vem mais um». Afinal, tratava-se de um «miudo» que, equipado, a rigor, á Sporting, montava uma bicicleta minuscula. cortou a meta, no melhor estilo, e saudou o publico. A camisola trazia o numero oito. A eterna influência do futebol...**

Novo golpe no Benfica e o levantar da ponta do véu

CHAVES, 10. — Dois corredores do Benfica, Eugénio dos Santos e Dionísio dos Santos, acabavam de cortar a meta, ultrapassando o limite imposto pelo «contrôle» e sem terem atingido a média mínima.

A' nossa frente, na bancada reservada aos jornalistas, encontrava-se a anotar as classificações o seccionista do Benfica, Cruz, que, compreensívelmente, não ocultava a sua decepção. Pouco depois, outro benfiquista, Helder Manique também franqueou o risco da chegada muito atrasado. O desgosto, como é natural, foi mais pronunciado.

Na hora dos desabafos, o citado dirigente confirmou que, antes da Volta, a secção do clube, através de um relatório, discordou de algumas atitudes assumidas pelo orientador técnico, principalmente aquelas em que ele anunciou, como certo, o triunfo benfiquista na Volta.

— Nós, os dirigentes da secção estamos, práticamente, demissionários. Isto é, nem sequer chegámos a tomar posse dos lugares para que fomos nomeados. Não concordamos, de maneira nenhuma, com os métodos e declarações da autoria do sr. João Rebelo.

A declaração do seccionista do Benfica é suficientemente esclarecedora e, digamos, compreensível.

A noção das realidades é factor indispensável para se comandar atletas. Mas se o pessimismo se não recomenda tão pouco é de aconselhar a retórica exagerada em que se enaltecem qualidades, que não existem, e que levam a subestimar a valia dos adversários.

Claro, o factor do ridículo, quando as previsões anunciadas não se confirmam, origina, depois, as mais desastradas consequências psicológicas. O orientador do Benfica teria declarado que a Volta pertenceria ao seu clube. Mas. cedo se verificou que o vaticínio jamais se podia cumprir. Agora, com quatro corredores em prova, as perspectivas são francamente desoladoras, não obstante o bom comportamento de Peixoto Alves, no contra-relógio Covilhã-Guarda; e de José Anastácio, na mais longa tirada da «Volta».

Receia-se que, de um momento para o outro, a equipa do Benfica desapareça da competição por falta de «quorum». A atitude dos seccionistas do popular clube, que costuma ser cuidadoso com as suas representações desportivas, não surpreende. Definiu-se antes que o desgosto se consumasse. E conforme os factos têm demonstrado, as previsões acertaram em cheio.

«JÁ FOMOS LONGE DE MAIS

e gastámos 5 vezes mais que o F. C. Porto e menos 7 que o Benfica

CHAVES, 10 — O Académico continua a ser uma figura de primeiro plano. Os seus corredores, Manuel de Castro e Alberto de Carvalho foram, inegávelmente, das unidades mais destacadas da primeira fase; e o segundo só perdeu a camisola amarela, na tirada contra-relógio.

Jorge Lara, o director do clube do Lima, não escondia a sua satisfação quando se referiu á série de êxitos, registados pelos seus rapazes.

—E' muito bom. Sete tiradas com a camisola amarela é proeza que não está ao alcance de qualquer um. O Académico apresentou uma equipa constituída por rapazes modestos e, dentro do que é possível, proporcionou-lhes uma preparação, cujo custo foi menor cinco vezes do que aquilo que o F. C. Porto gastou e menos sete vezes que o montante despendido pelo Benfica.

«Cumprimos o nosso dever. Já fomos até longe de mais. Agora, a vez pertence a outros».

FEIRAS INTERNACIONAIS

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros aplicam reduções no transporte de mercadorias destinadas ás manifestações internacionais abaixo indicadas:

ALEMANHA

— Feira do Vestuário Masculino, em Colónia, de 26 a 28 de Agosto de 1961.

NA BATALHA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ MOUSINHO.

CASOS, SÃO CASOS

A CAMIONETA DAS MALAS anda por sítios proibidos...

COVILHÃ — Não é a primeira vez que nas filas destinadas aos veículos, que seguem na Volta com funções determinadas, aparece, de vez em quando, uma camioneta que transporta as malas dos corredores e doutras pessoas com cargos oficiais. Entretanto, a camioneta dá, regra geral, nas vistas, porquanto, em momento de aperto provocado por passagens e travagens bruscas, a envergadura da camioneta e a sua difícil manobra concitam as atenções gerais.

Admitindo que a Volta já começou a criar os primeiros casos de saturação, visto ninguém poder ser indiferente ao cansaço, julgamos que a camioneta também se fartou de andar á frente ou na retaguarda pelo uma nesga da corrida terá sido interpretada como uma panaceia que cura todos os aborrecimentos... motorizados.

Como ninguém reparou, nós aqui estamos para chamar a atenção, por forma a evitar-se, no futuro, que as misturas dentro da caravana asseveram maior confusão.

De aborrecimentos já chegam, muito embora os carros dos clubes e os dos jornalistas sempre hajam primado por uma excelente compreensão mutua.

INCOERÊNCIA ou atrevimento

CHAVES, 10 — Outra vez que volve a primeiro plano o caso do orientador técnico do F. C. Porto que o juri da Volta resolveu irradiar da prova, proibindo-o de acompanhá-la conforme os poderes que o regulamento lhe confere.

Os delegados dos clubes, presentes na competição, tentaram conseguir a reintegração de Franklin Cardoso, mas a reunião não redundou no êxito que se ambicionava. Portanto, mantinha-se a pesada sanção.

O assunto estaria arrumado se, acaso, a disciplina, para toda a gente, fosse interpretada com verdadeira... disciplina. Mas não, visto que Franklin Cardoso continua a acompanhar a prova como passageiro de um veículo ao serviço de um jornal nortenho. Por conseguinte, o orientador do F. C. Porto anda metido na caravana, não obstante a lei da Volta ter sido determinante.

Qualquer que seja a sua nova função, uma coisa é indiscutível: trata-se de um elemento que foi afastado, sob a acusação de ofensas graves, que infringiu o regulamento. Logo. carece de autorização superior para continuar na prova.

A atitude causou admiração.

Entre a incoerência e o atrevimento, o campo da escolha é lato. Não é assim que se dá o exemplo de boa compostura.

CINCO AFIRMAÇÕES

Após a conclusão da tirada de Chaves, acercámo-nos de cinco figuras da Volta para recolhermos algumas declarações, com vista ao futuro.

ALVES BARBOSA — Nem a brincar me deixam fugir do pelotão. Tenho de me conformar, ou então, um dia apanho-os a todos distraídos e por aí vou.

ALBERTO CARVALHO — Se o Mário Silva vencer a Volta, será uma vergonha para todos os veteranos.

JOÃO ROQUE — Não ganho a Volta porque não tenho possibilidades para tanto.

SOUSA CARDOSO — Com um corredor da minha equipa na frente, não atacarei. A minha missão é ajudá-lo.

MARCOLETTI — Agora, que já sou conhecido, não terei tantas facilidades como até aqui para tentar uma fuga.

INSULTOS em número impar...

CHAVES, 10 — A palavra «insulto» tem um só significado. Mas, na prática, principalmente no ciclismo, parece que a mesma palavra tem sinónimos especiais, desconhecidos da Academia.

Ora, vejamos o que o comunicado n.º 12, fornecido nesta cidade, informou acerca de penalidades aplicadas por causa da tirada aqui concluída:

«Punir, com a multa de 100$, o motorista do Alpiarça, António Veiga de Sousa, por ter dirigido insultos ao dirigente de um clube adversário;

«Punir, com a multa de 50$00, o treinador do Benfica, João Rebelo, por ter respondido a um insulto que lhe foi dirigido de outro carro da caravana;

«Punir, com 100$00 de multa, o mecanico do carro da Oliveirense, José Gonçalves de Freitas, por ter insultado o director desportivo de um clube adversário.

Insultos em numero impar; e multas diferentes, consoante o grau da ofensa palavrosa.

Não há duvida, na Volta usa-se um dicionário lexicológico de notável índice de pormenorização. Tem piada.

VEEDOL

O ÓLEO MAIS AFAMADO DO MUNDO

Dist. exclusivos: SUPEROLEO, LTDA.
Tel. 685033 — LISBOA

A Volta a Portugal em bicicleta

Não houve alterações sensíveis

nas classificações individual e colectiva

(Continuação da 1.ª página)

o prémio instituido pela Companhia de Seguros Mutualidade. E nessa altura, Joaquim Casimiro, do Alpiarça, também «fufou».

O ovarense João Gomes, 1.º na meta-volante

Na meta-volante, passou em primeiro lugar João Gomes, da Ovarense, com 1 h. 12 m. 19 s.

Em consequência do aumento de velocidade, atrasaram-se Hélio Rato, José Anastácio, Fernando Simões e Fernando Andrade.

Em Vila Chã os homens do Alpiarça tentaram atacar, mas o pelotão conservava-se vigilante, principalmente devido á acção dos italianos, que persistiam em dominar a situação sem forçar o andamento.

Tentativa de fuga malograda

Todavia, a 12 quilómetros de Vila Real, aproveitando uma descida, registou-se a primeira fuga «a sério». Nela participaram o espanhol Esteban Martin e Sousa Cardoso, logo seguidos por Pardini, Tristão da Silva, João Roque, João Bárbara, Cestari, Manuel da Costa e Sousa Santos.

A velocidade aumentou consideràvelmente, mas, 6 quilómetros depois, devido á pronta reacção do pelotão, os fugitivos viam-se apanhados.

Entretanto, anotámos que José Pacheco, do F. C. Porto, pedalava com dificuldade. O médico da «Volta» deu-lhe assistência em plena etapa, fazendo que tomasse uns comprimidos, visto que aquele corredor sofria de uma perturbação intestinal.

A caravana chegou a Vila Real ás 10 h. 45 m. E 10 minutos depois começou a subida da serra do Marão.

Antes de se atingir Parada de Cunhos, já se distinguiam corredores atrasados, entre eles:

Hélio Rato, António Leite, Fernando Simões, Joaquim Casimiro, Américo Castanheira, Fernando Henriques da Silva (que nos disse sofrer de uma indisposição), Manuel de Castro (que teve um «furo»), Alves Barbosa (que pedalava realmente, com grande dificuldade), José Anastácio, Joaquim Rato, Joaquim Carvalho, António Carreras, Maurício Vieira, Ilídio do Rosário e José Calquinhas.

A' frente, destacado e em bom andamento, seguia Henrique Ramos, do Leixões.

No Marão, nova contagem para o Prémio da Montanha

No cimo do Marão, no Alto de Espinho, procedeu-se a nova contagem (esta de primeira categoria) para o Prémio da Montanha. Averbou-se a seguinte classificação:

1.º, Henrique Ramos (Leixões).
2.º, Carlos Carvalho (F. C. Porto).
3.º, Vítor Tenazinha (Louletano).
4.º, Aurélio Cestari (Ignis).

Quando começou a descida do Marão, das mais perigosas, e que tem a extensão de cerca de 34 quilómetros. os corredores logo experimentaram dificuldades. Augusto Fortes do Leixões, deu uma queda e o mesmo sucedeu, a seguir, a Henrique Ramos, outro leixonense que momentos antes se classificara em 1.º lugar na contagem do Prémio da Montanha.

Todavia, Henrique Ramos retomou imediatamente a corrida, ao contrário do que aconteceu ao seu colega de equipa.

Avaria no carro de apoio do Sporting

A uns 5 quilómetros de Amarante, o carro de apoio do Sporting, que transportava o orientador técnico da equipa, Américo Raposo, teve uma avaria, pelo que ficou retido na estrada.

A caminho de Chaves, os corredores passam em Trancoso pedalando vigorosamente

Os ciclistas passaram em Amarante cerca do meio-dia.

Em Amarante surgiu um pelotão numeroso comandado por Sousa Cardoso, do F. C. Porto.

De trás para a frente, antes daquela vila, registámos, por ordem de passagem:

Joaquim Casimiro, Carlos Simão, Hélio Rato, Henriques da Silva (pedalava com imensa dificuldade), Fernando Simões, José Calquinhas, Américo Castanheira, António Leite, Joaquim Rato, Virgílio Nunes, Manuel da Costa, Manuel de Castro (que «furara» na subida do Marão) e António Carreras.

Depois, um grupo de 16 unidades, entre as quais figuravam Alves Barbosa, José Anastácio, Ilídio do Rosário e Sousa Santos.

Série de acidentes

Os corredores passaram em Trofa ás 12 h. 45 m.

O andamento do pelotão era agora lento, porque depois de Amarante se deparou aos ciclistas uma extensa subida.

Fernando Bandarra e Humberto Corvo, em dado momento, derraparam na areia da berma da estrada e caíram aparatosamente. Quem mais sofreu foi o sportinguista, que ficou com um braço a sangrar e a queixar-se de dores em todo o corpo.

Mais adiante, Ariani «furou», mas o colega de equipa Tardini esperou por ele, a fim de o rebocar, e não houve qualquer novidade para o conjunto da Ignis.

O calor começou a apertar. Observámos, a dessedentarem-se, junto de uma fonte, Arlindo Carvalho Guargualini e Esteban Martin. Um português, um italiano e um espanhol. Em boa camaradagem, pausa nas hostilidades...

Soubemos nesta altura que também o carro de apoio da equipa de «Licor 43» se tinha avariado.

Sensacional recuperação de Alves Barbosa

Depois de 142 quilómetros de prova, verificou-se que Alves Barbosa conseguira incorporar-se no pelotão. A proeza reveste-se de aspectos sensacionais, considerando que o categorizado corredor, no Marão, pedalava com grande dificuldade. A sua recuperação foi, pois, a todos os títulos brilhante, no esforço intenso que requereu.

Alves Barbosa, quando iniciou essa recuperação, levou na sua esteira 16 corredores. Mas impôs cadência tão forte que, volvidos 10 dência tão forte que, volvidos 70 de energias, só três homens tinham podido acompanhá-lo.

Vitória de Lima Fernandes ao «sprint», e desistência sensacional de Henriques da Silva

A chegada dos corredores a Bra-

(Continua na 14.ª página)

A tirada de amanhã: Braga - V. do Conde

A etapa de amanhã é a 17.ª desta 24.ª Volta a Portugal e levará os corredores desde Braga até Vila do Conde, através de todo o Minho, do que resulta a extensão da tirada ser de 188 quilómetros.

Os ciclistas devem concentrar-se no Largo de S. Vicente, ás 12 e 30 horas, donde partirão ás 13 horas, tomando o rumo de Vila Verde (13 e 25 h.), Ponte da Barca (13 e 55 h.), Arcos de Valdevez (14 e 03 h.), Monção (15 e 01 h.), Valença (15 e 31 h.), Caminha (16 e 19 h.), Viana do Castelo (16 e 59 h.) e Vila do Conde, onde devem cortar a meta, ás 18 e 22 horas.

A média imposta é de 36 quilómetros, com uma tolerancia de 10 %, estando instalada uma meta volante a 40 quilómetros da partida. Haverá duas contagens para o Prémio da Montanha, na Portela do Vale (3.ª categoria) e no Extremo (2.ª categoria). O abastecimento é á saída de Seixas, perto de Caminha.

Torne a sua viagem mais curta e mais alegre equipando o seu carro com um auto-rádio Ponto Azul

Inteiramente transistorizado
Funcionamento perfeito
Sintonização automática
Pronto a ser instalado
Assistência técnica

ROBERT BOSCH (PORTUGAL) LDA. Lisboa — Av. A. A. de Aguiar, 32. Tel. 73 69 91
Porto — R. Júlio Diniz, 927/35 — Tel. 6 21 73

Ponto Azul ponto por ponto o melhor

QUE MAL FIZERAM AS NOSSAS CRIANÇAS? — 1

Responsabilidades e sacrifícios aos dez anos de idade...

Olhei para o meu filho e vi-o novamente com ligeiros tiques nervosos que, ultimamente, se tornavam mais repetidos. Nada a fazer, disse o médico, daqui a quinze dias passa-lhe. Lembrei-me que a minha sobrinha, em vez de tiques, falava altíssimo sem nunca mais se calar. Outros pais, como eu, acompanhavam os seus filhos, também pálidos e fatigados, e alguns, mesmo em frente das crianças, não podiam esconder o seu estado de nervos e o seu ar de receio. Passadas duas a três horas o ambiente era pior. Muitas crianças, soluçavam, profundamente feridas no seu amor próprio; pais e mães retiravam-se, uns meio envergonhados, outros co ma revolta estampada no rosto e os restantes, ao contrário, com uma sensação de alívio e satisfação, pois alguma coisa muito importante acabava de ser vencida. O dia era o de 2 de Agosto de 1958 e a cena passava-se no pátio dum liceu de Lisboa, onde crianças de 10 anos tinham ido fazer a prova oral do exame de admissão ao 1 iceu.

Nessa mesma noite satisfeitos, porque o nosso filho tinha passado, eu, minha mulher, filho e filha partimos para a América do Norte, onde nos iamos demorar dois anos. A tarefa que se apresentava a mim e minha mulher nos Estados Unidos não era fácil, e hoje não a desejo ao meu pior inimigo: ensinar os 1.º e 2.º anos do liceu ao meu filho e preparar a pequena para o «terrível» exame de admissão.

Sem saberem uma palavra de inglês, ambos os meus filhos entraram para uma escola católica americana e, em dois anos, e sem grande dificuldade, passaram, para os 6.º e 7.º graus (correspondentes aos 2.º e 3.º anos do 1 iceu) o meu filho e para os 4.º e 5.º (correspondentes á 4.ª classe e 1.º ano) a minha filha.

Mesmo sem querer fui obrigado a comparar sistemas e métodos de educação, por me saltar á vista que a criança americana pode, mesmo hoje, continuar a viver e a brincar conforme a sua idade o justifica, estudando, ao mesmo tempo, por processos orientados realmente de acordo com a sua idade e o seu desenvolvimento intelectual.

E nós, o que estamos a fazer aos nossos filhos? Aos 10 anos não têm quase tempo para brincar e ensinamos-lhes matérias que, a maior parte das vezes, eles não compreendem nem se interessam por compreender. E, no fim do ano, sujeitamo-los a um exame cheio de aparato e de responsabilidade, que a sua tenra idade não justifica nem recomenda e, frequentes vezes, ferimo-los psicologicamente com um rude golpe, «chumbando» mais de 20 % dos examinados. Julgo que nos Estados Unidos a possibilidade deste golpe psicológico seria suficiente para nem sequer se fazer o exame.

E «chumbam» porquê? Porque fazem mais de seis erros no ditado; ou porque não sabem fazer uma boa redacção sobre «O cão», «O sobreiro» ou outros assuntos interes-

NUNO MONIZ PEREIRA

(Continuação da 13.ª página)

NOVO VOGAL

do Supremo Tribunal Militar

Foi nomeado vogal do Supremo Tribunal Militar o sr. general Luís Gonzaga Bressane Leite Perry de Sousa Gomes, em substituição do sr. general João da Encarnação Maçãs Fernandes, que passou á situação de reforma.

Nubar Gulbenkian, filho do famoso milionário que tornou possível, com o seu generoso testamento, a criação duma grande obra que é a Fundação Calouste Gulbenkian, vive em Londres, onde exerce as funções de adido comercial á embaixada do Irão. Aqui o vemos, sorridente, com a sua farda diplomática, fotografado há dias, quando acompanhou o seu embaixador ao Palácio de Buckingham, para a entrega das respectivas credenciais

A supressão

de uma passagem de nível e os inconvenientes que dela resultam

Dentro de um plano de automatização das suas passagens de nível, a Sociedade Estoril pediu autorização para suprimir algumas que não foram automatizadas e a que atribuiu importancia secundária. Uma delas é a que serve a Avenida Brás Fernandes, entre S. Pedro e S. João do Estoril, por onde se faz o escoamento do tráfego das localidades que ficam ao Norte da linha férrea e de um bairro que está a ser rápidamente urbanizado nas proximidades da Estrada Marginal. Apesar do movimento de automóveis que por ela se faz justificar a sua continuação (a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres tem processo de averiguar o facto antes de tomar qualquer decisão sobre o assunto), tudo indica que a referida passagem de nível, mais cedo ou mais tarde, será suprimida, pois já foi retirada a antiga sinalização.

Os moradores do sítio vêem cortado, deste modo, o unico escoante praticável que tinham para a Estrada Marginal na direcção de Cascais. Perante esta perspectiva pouco animadora, retrai-se a construção de moradias no local. Os proprietários de terrenos adquiridos para o efeito na suposição da facilidade que a passagem de nível lhes oferecia, e não tendo forma de suprir a sua falta, aguardam melhor oportunidade para construir. O desenvolvimento urbano do local sofre uma pausa. As vantagens industriais e comerciais que daí resultavam perdem-se. Os rendimentos do Estado e da Camara não aumentam. Prolongar-se-á esta situação por muito tempo?

Está elaborado, faltando-lhe apenas a respectiva aprovação, o plano rodoviário do concelho de Cascais, no qual foi considerada a supressão da referida passagem de nível, projectando-se novas ligações tanto na direcção de Lisboa como na de Cascais, a fim de escoar o tráfego que se faz, normalmente, por ela. A primeira já está feita e conseguiu-se por forma económica. Porque se espera para fazer a segunda? Vai permitir-se que a passagem de nível seja suprimida sem os moradores do sítio terem asseguradas as comunicações?

O número de turistas

não tem diminuido e está a aumentar mas é consideràvelmente maior o número de unidades hoteleiras e de camas

De várias partes nos têm chegado informações relativas a uma aparente diminuição do numero de turistas estrangeiros em Portugal, durante o ano corrente, em comparação com os anteriores; e o desejo de fornecer aos nossos leitores notícias concretas sobre assunto de tanta importancia — já que o Turismo, no nosso País, como em tantos outros, é hoje considerado uma substancial fonte de riqueza — levou-nos a uma rápida recolha de elementos de valor incontroverso.

Assim, averiguámos que essas informações não têm fundamento, porque, ao contrário, o afluxo de turistas aumentou e continua a aumentar.

Assim, no mês de Janeiro passado, o numero de estrangeiros que visitaram Portugal foi de 15 095, contra 11 799 no mesmo mês de 1960. Registaram-se, portanto, aumentos de 3296 turistas e de 28 por cento. Isto apesar de terem vindo menos turistas norte-americanos (1743 contra 2314) e franceses (786 contra 990). Esta baixa de tais turistas continuou a verificar-se nos dois meses seguintes; mas já em Abril, houve mais 136 americanos e 223 franceses que em igual mês do ano anterior; e a progressão tem continuado quanto aos americanos (6763 em Julho, contra 6431 em igual mês de 1960), baixando um pouco no que se refere aos franceses, devido aos acontecimentos da Argélia e da Tunísia. Mesmo assim, registaram-se 14 428, contra 16 057 em Julho de 1960.

Nos primeiros sete meses de 1961, houve 206 822 turistas estrangeiros, contra 188 018 em igual período do ano anterior, havendo portanto, aumentos de 18 804 e de 10,1 por cento.

Mas, embora se note um acréscimo e não um decréscimo, interessa revelar aos nossos leitores a explicação do fenómeno da descida do numero de turistas americanos no primeiro trimestre deste ano.

Em fins de Maio de 1961, uma informação recebida de Washington dizia: «Tem-se verificado uma diminuição geral do turismo americano para a Europa. Os reparos do presidente Kennedy, sobre o débito americano, e preocupações acerca dos problemas internacionais, contribuem, entre outros factos, para o retraimento dos turistas. Estas considerações são feitas para que não haja surpresas sobre o decréscimo do turismo para Portugal, durante Abril e Maio, pois esse decréscimo foi geral».

Um mês depois, recebia-se, também de Washington, a seguinte informação oficial: «Foi de 6 por cento a descida da emissão de passaportes em Maio. Nos primeiros 8 dias de Junho foi de 7 por cento. Todo o tráfico internacional decaiu, neste período, 7 a 8 por cento».

Por essa altura, informava também, dos Estados Unidos, uma entidade importante, ligada ao turismo: «Se melhorar o ambiente internacional e o turismo americano retomar o seu ritmo, é perfeitamente natural que Portugal venha a beneficiar, desse aumento, em maior escala que a maioria dos Países da Europa. Sofremos, como sofreu toda a Europa, uma quebra que nada tem que ver com os episódios locais».

Relatando impressões colhidas em conversas com pessoal de companhias de aviação, acrescentava-se: «Somos levados a crer que os próprios disturbios em França e as ameaças de guerra em Berlim desviem para a Península parte do turismo que se destinava a França e á Alemanha». E observava-se que as visitas dos agentes de viagens «demonstravam um interesse crescente por Portugal».

Urge fomentar também o turismo nacional

Chegámos á conclusão de que o que criou, em muita gente, a impressão de haver uma quebra no turismo estrangeiro em Portugal, foi a maior dispersão deste, pelo facto de se terem criado mais hotéis, pensões e pousadas, o que fez

(Continua na 15.ª página)

A Rússia

fazia experiências com foguetões já antes da guerra

LONDRES, 10. — Já antes da guerra a Russia lançava foguetões, afirma o prof. Anatoly Blagonravov, numa entrevista exclusiva concedida ao «Daily Mail». As primeiras criaturas vivas foram enviadas para o espaço há mais de 10 anos, e de 1957 a 1960, foram lançados 26 foguetões a uma altitude variando de 100 a 450 kms. — (F. P.).

O conhecid
nas vista
«scooter»

Com
na s
os pré

Foram
ria do «D
dos sesse
tre os vo
realizado
apuramen
ces, livros
ensaios p
de 1960-6
têmpera

UMA

matou

WALT (
quenita de
que tinha
dois anos
conseguiu
te um mon
fracturar-lh
uma velha
ça morreu
no hospital
Os pais,
zinho de tr
va a cama
quarto para
sina, que
nha porque
de dormir.

Férias...

O sol e o mar prejudicam a saúde do seu cabelo. Defenda-o usando a loção tónica vitaminada PANTÈNE.

diàriamente
massagem-fricção

PANTÈNE

PANTÈNE, O TRATAMENTO SÉRIO DO CABELO

TERMAS DE CALDELAS

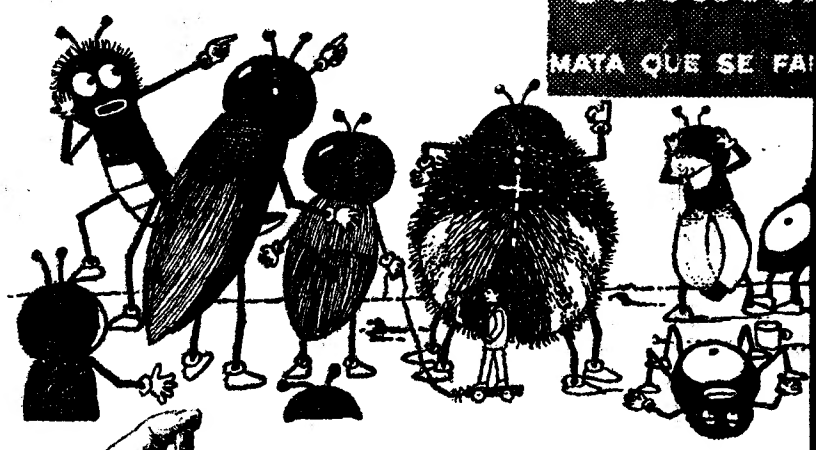
tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos

Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

A ameaça vinda do Espaço

Shellto

MATA QUE SE FA



No mundo dos Insectos reina o alarme devido ao poder destruidor do SHELLTOX essa grande ameaça vinda do Espaço.

Mas a dona de casa sabe que não basta atemorizá-los: para libertar a família dos importunos invasores do lar, usa a manejável Bomba Aerosol SHELLTOX que, deixando um aroma muit

...tas
...mentar
...nero
...camas

...de 10,1 por

...um acrésci-
...no, interessa
...ores a expli-
...descida do
...mericanos no
...te ano.
...e 1961, uma
...Washington
...do uma dimi-
...o americano
...aros do pre-
...te o débito
...ações acer-
...cionais, com
...factos, para
...ristas. Estas
...as para que
...pre o decrés-
...Portugal, du-
...pois esse de-

...ebia-se, tam-
...seguinte in-
...de 6 por cen-
...ão de passa-
...primeiros 8
...7 por cento.
...nacional de-
...a 8 por cen-

...ormava tam-
...Unidos, uma
...gada ao tu-
...ambiente in-
...o americano
...perfeitamen-
...venha a be-
...o, em maior
...os Países da
...o sofreu to-
...ebra que na-
...os episódios

...es colhidas
...soal de com-
...acrescentava-
...crer que os
...França e as
...Berlim des-
...parte do tu-
...a França e
...rvava-se que
...de viagens
...teresse cres-

...ambém
...ional

...ão de que o
...gente, a im-
...a quebra no
...m Portugal,
...deste, pelo
...do mais ho-
...as, o que fez

...página)

O conhecido cançonetista francês Dario Moreno, cujas extravagancias têm dado nas vistas, está a passar as suas férias em Nice. Lá se fez notar com a sua «scooter» náutica, sobre a qual se apresenta com um estranho guarda-sol

Começaram a ser levantados na secretaria do "Diário de Lisboa"

os prémios do nosso concurso literário

Foram já levantados, na secretaria do «Diário de Lisboa» alguns dos sessenta prémios sorteados entre os votantes do vasto inquérito realizado pelo nosso jornal para apuramento dos melhores romances, livros de contos e de poesia e ensaios publicados no ano literário de 1960-61. Constituem-nos uma têmpera de Carlos Botelho, uma gravura de José Julio, um desenho de Luís Jardim, os discos de poesia da colecção «A Voz e o Tempo», lançados pela casa Valentim de Carvalho, com obras de Vitorino Nemésio, Manuel da Fonseca, Tomaz Kim, António Manuel Couto Viana, David Mourão-Ferreira, Alexandre O'Neil e Sophia de Mello Breyner Andresen, e volumes oferecidos pelas editoriais Artis, Atica, Bertrand, Delfos, Cor, Europa-América, Guimarães, Livraria Morais, Livros do Brasil, Minerva, Minotauro, Portugália, Presença e Ulisseia.

Estiveram no «Diário de Lisboa» os votantes sr.ª D. Maria Teresa Rodrigues, residente na Rua Tomás Ribeiro, 107, r/c., esq.', Lisboa, e D. Maria Amália Silva, moradora na Estrada Nacional, 23, S. João do Estoril, e srs. Manuel José da Silva Guedes Vieira, Av. 5 de Outubro, 194, 3.°, dt.°; Carlos de Sousa, Rua Filipe Folque, 21, 4.°; Casimiro Fernando Figueiredo de Sousa, Rua Gonçalves Crespo, 31, r/c., dt.°; Luís Pereira, Rua Actor Taborda, 30, 4.°, esq.° e Daniel Rosário, Estrada de Benfica, 482, 2.°, esq.°.

Os prémios dos votantes de Lisboa podem ser levantados na secretaria do «Diário de Lisboa», das 11 ás 14 horas e das 16 ás 18.

Os restantes estão a ser enviados pelo correio.

UMA GAROTA atrasada mental matou uma irmãzinha

WALT (Nova York), 10. — Uma pequenita de cinco anos, atrasada mental, que tinha já tentado matar a irmã, de dois anos e meio, há cerca de um mês, conseguiu no domingo passado, durante um momento de distracção dos pais, fracturar-lhe o cranio, batendo-lhe com uma velha cadeira de toucador. A criança morreu pouco depois de ter entrado no hospital.

Os pais, que têm igualmente um rapazinho de três anos e meio, que partilhava a cama da irmã, meteram-no no seu quarto para o proteger da jovem assassina, que declarou ter morto a irmãzinha porque os seus gritos a impediam de dormir. — (F. P.).

Os maquinistas de teatro também são afectados pela crise actual

— diz-nos um profissional desempregado

Trinta maquinistas e auxiliares de teatro, ou seja, um terço dos sócios em pleno gozo dos seus direitos, solicitaram ao presidente da assembleia-geral do Sindicato Nacional dos Maquinistas e Auxiliares de Teatro a convocação, nos quinze dias posteriores a anteontem, de uma assembleia geral extraordinária, com a seguinte ordem de trabalhos: eleições gerais; carteiras profissionais passadas indevidamente; maquinistas, ajudantes artífices e montadores trabalhando em dois teatros com prejuízo dos desempregados; contratos sofismados *(com indicação de ordenados inferiores aos reais)* de maquinistas.

A admissão de maquinistas e auxiliares de teatro

Quisemos ouvir um dos signatários, o sr. Luís Cipriano Cristóvão Almeida, do abaixo assinado endereçado ao presidente da assembleia geral do Sindicato Nacional dos Maquinistas e Auxiliares de Teatro. Antigo empregado da Companhia Carris, o sr. Luís Almeida enveredou pela carreira de maquinista em 1950, entrando como auxiliar de maquinista para a empresa do Teatro Monumental. Dois anos depois passava, por exame, a ajudante de artífice. Finalmente, em 1954, vencendo a tenaz resistência da direcção do seu Sindicato, fazia exame e era aprovado maquinista. Passava a ser o menos idoso dos nossos maquinistas de teatro. Em 23 de Março passado, exactamente no dia em que completava sete anos como chefe dos maquinistas do Teatro Monumental, despediu-se da empresa Vasco Morgado.

O sr. Luís Almeida começa por expor as razões que o levaram a abandonar o Monumental. Vale a pena referi-las, para se avaliar do funcionamento do Sindicato Nacional dos Maquinistas e Auxiliares de Teatro.

Admitiu o Monumental dois carpinteiros não sindicalizados, por não estar desempregado qualquer dos profissionais inscritos no Sindicato. Ao regularizarem a sua situação, por desejarem continuar a trabalhar como auxiliares de teatro, a direcção do Sindicato concedeu-lhes carteiras profissionais de ajudantes de artífice, sem que, ao contrário do que seria de esperar e tem sido exigido, houvessem feito qualquer exame ou pago quaisquer emolumentos. (Esclareça-se que há no Sindicato Nacional dos Maquinistas e Auxiliares de Teatro quatro categorias: auxiliares de maquinista, montador, ajudante de artífice e maquinista, por ordem de importancia). O comportamento do Sindicato causou celeuma. Uma daquelas carteiras profissionais foi apreendida, mas apenas uma. O portador da outra carteira com ela continuou, apesar dos repetidos protestos dirigidos ao presidente do Sindicato. Quando, finalmente, esta carteira profissional foi entregue ao Sindicato para revalidação, um dos vogais da direcção apreendeu-a. Que aconteceu então? O presidente do sindicato devolveu ao seu portador a carteira que indevidamente fora passada e incompreensivelmente era mantida. Sendo o sr. Luís Almeida, superior do auxiliar de teatro que beneficiava de tão estranha protecção e um dos associados do Sindicato que protestara contra este favoritismo, entendeu dever pedir a rescisão do seu contrato com o Teatro Monumental. Não é este um caso isolado da violação dos regulamentos de sindicalização, afirma o sr. Luís Almeida; diversos outros se poderiam apontar.

O Sindicato não dá qualquer apoio aos associados

— A culpa de tal situação pertence fundamentalmente á direcção do Sindicato. Os objectivos do Sindicato foram desvirtuados, a ponto de este organismo parecer ter como unica função dificultar o exercício da profissão. Multiplicam-se as arbitrariedades na admissão ou recusa de admissão de profissionais. O Sindicato não nos fornece assistência jurídica, nem qualquer apoio nos conflitos com as empresas. Em troca da nossa quota mensal, não recebemos qualquer vantagem ou regalia.

O sr. Luís Almeida salienta que a crise do Teatro não afecta apenas as empresas e os artistas, mas, também, os maquinistas, contra-regras, electricistas, pontos, cenógrafos e, até (porque esquecê-las?) as próprias mulheres da limpeza.

— Os maquinistas e auxiliares de teatro também estão sujeitos aos contratos fictícios?

— Claro que sim! Os empresários são obrigados a depositar á ordem da Inspecção dos Espectáculos uma garantia dos ordenados dos actores, como também de todos

(Continuação da 13.ª página)

UM INQUÉRITO DO Diario de Lisbôa 16

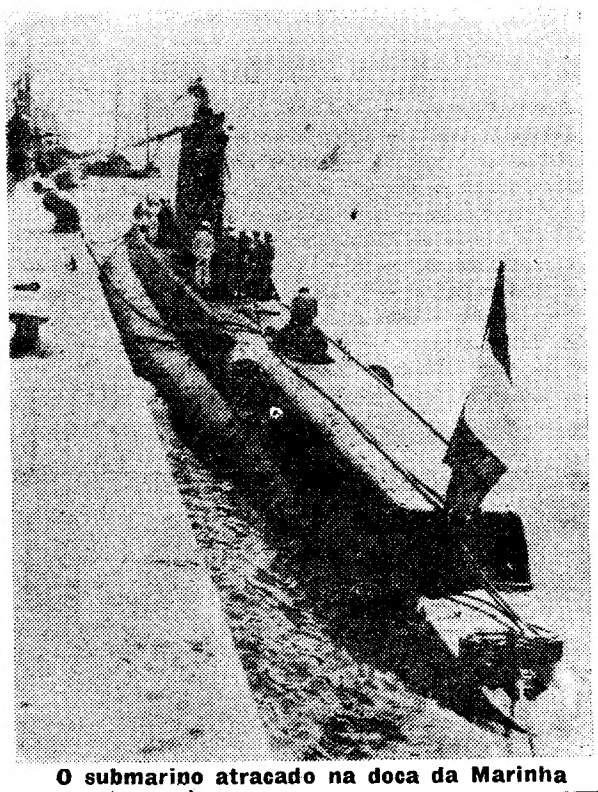
LUÍS ALMEIDA

Chegou ao Tejo o submarino francês "Daphné"

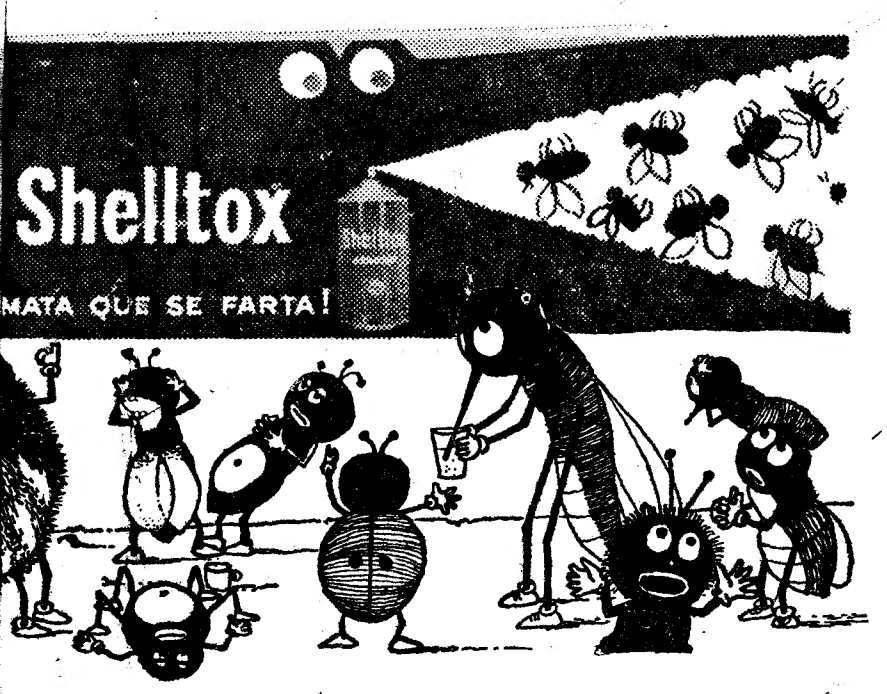
Em visita de rotina, entrou, esta manhã, no Tejo como tínhamos anunciado e atracou á doca da Marinha, o submarino francês «Daphné», sob o comando do sr. capitão-tenente Fages.

Terminadas as manobras de atracação, dirigiram-se para bordo o adido militar junto da Embaixada da França, um oficial do Comando Naval do Continente e o oficial de ligação, sr. primeiro-tenente Daniel Augusto Rodrigues, que apresentaram cumprimentos ao comandante Fages. Este desembarcou, pouco depois, e seguiu para a Embaixada de França, onde se avistou com o embaixador sr. conde Bernard de Menthon. Dali foi ao Ministério da Marinha, onde deixou cartões de cumprimentos no gabinete do chefe do Estado-Maior da Armada e se avistou com o comandante naval do Continente, almirante Cardoso de Oliveira.

Esta tarde o embaixador da França oferece um «cocktail» em honra do comandante Fages e de altas patentes da Armada portuguesa.



O submarino atracado na doca da Marinha



...s reina o alarme devido ... SHELLTOX essa grande ...o.

...e que não basta atemori- ... família dos importunos ...nanejável Bomba Aerosol ...ando um aroma muito agradável, elimina por completo baratas e melgas, moscas e traças, porque...

Shelltox

MATA QUE SE FARTA!

Pasta Medicinal Couto

TRATA — Gengivas descarnadas ou sangrentas
EVITA — Estomatites mercuriais ou bismuticas
MATA — Os micróbios da boca

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA
RUA DA PRATA, 257
DA MODA

ANGOLA

POLOS E PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

por

L. M. TEIXEIRA PINTO e R. MARTINS DOS SANTOS

Um estudo da maior actualidade sobre os problemas económicos de ANGOLA

DISTRIBUIDORES:
CLASSICA EDITORA — Restauradores, 17 — LISBOA

Necrologia

FUNERAIS

Eng. Joaquim Mendes do Amaral

Desapareceu, com a morte do sr. eng. Joaquim Mendes do Amaral, uma personalidade de singular relevo na vida política, administrativa e financeira. A sua acção revestiu-se, por vezes, de proficuidade unica, dominando sempre aquele desejo de bem servir e ser util a par de — bom senso e inteligência que constituiram verdadeiramente a sua caracteristica fundamental.

Nascera em Alcácer do Sal em 4 de Janeiro de 1889 e na presidência da Camara Municipal de Alcácer se manteve até o fim, mesmo com sacrifício da sua saude e conveniência pessoais.

Militar, foi companheiro de Sidónio Pais e com ele foi ministro das Finanças e do Comércio. Voltaria a sobraçar uma pasta de ministro, agora da Agricultura, no governo do general Vicente de Freitas. Como militar reformou-se em major. Foi deputado á Assembleia Nacional, desde a primeira legislatura.

Republicano conservador, manteve-se fiel aos princípios que iluminaram a sua mocidade, não desertando ainda quando muitos o julgavam avelhentado.

Foi comissário do Governo na companhia Nacional de Navegação durante vinte e cinco anos, governador do Banco de Angola, administrador da Companhia de Seguros «O Alentejo».

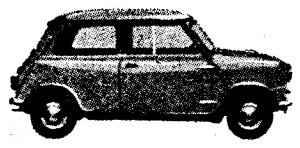
Ainda agora, já doente, era 2. vice-presidente da Assembleia Nacional e da Comissão de Finanças, de que fora, durante muitos anos, presidente. Desempenhara, ainda, outros cargos publicos, tendo sido, de 1945-47, presidente da comissão executiva da União Nacional, organismo no qual ocupou vários cargos dirigentes.

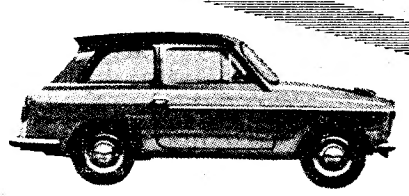
O eng. J. Mendes do Amaral era casado com a sr.ª D. Maria Clementina Vaz de Albuquerque Mendes do Amaral e pai da sr.ª D. Maria Helena Albuquerque do Amaral Forjaz Trigueiros, esposa do sr. Luís Forjaz Trigueiros. Tinha sete irmãos: o deputado dr. João do Amaral, casado com D. Maria Celestina Costa Alemão do Amaral, e D. Ema do Amaral Amado. D. Maria Ludovina do Amaral Ávila, o sr. Abel da Costa Amaral, casado com a sr.ª D. Maria Teresa Alegre do Amaral, D. Sofia Amaral Paiva Simões, D. Conceição Amaral Verol Frazão e o sr. Vasco do Amaral, casado com D. Maria Teresa Everard Lara do Amaral.

O funeral não foi anunciado por expressa determinação do extinto, mas mesmo assim constituiu sentida manifestação de pesar. O comércio de Alcácer do Sal, para onde se realizou, o funeral, a cargo da Agência Barata, fechou as suas portas, e grande multidão o acompanhou ao cemitério da vila onde nascera e onde para sempre repousa.

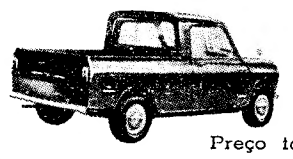
A família enlutada apresentamos sinceros pêsames.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal
na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189 — 43180 — 55301 — 66 27 72 — 08 00 22


Seven Saloon
Preço total 46.463$70


A-40 Saloon — Preço total: 59.224$50
A-40 Station - Preço total: 56.500$00

A-55 Cambridge - Preço total: 88.465$80

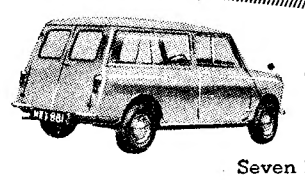

Seven Pick-up
Preço total: 42.500$00

Austin

A marca que mais vantagens
lhe oferece no momento actual

Baixo preço inicial, aliado
a um consumo mínimo

12 meses de garantia


Seven Mista
Luxo — Preço total 48.500$00
Popular Preço total: 46.500$00
Seven Furgoneta - Preço total: 42.500$00

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES, SUCRS. LISBOA • PORTO • ÉVORA • SANTARÉM • AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

SRS. AUTOMOBILISTAS

ACABA DE CHEGAR MAIS UMA REMESSA DAS AFAMADAS ALMOFADAS VENTILADAS KOOL KOOSHION

EVITAM A TRANSPIRAÇÃO

Limpas, frescas, confortáveis, duráveis e económicas

VARIEDADES EM CORES

À venda na:

S. P. I. C. — Soc. Portug. de Import. e Comércio, Ld.ª

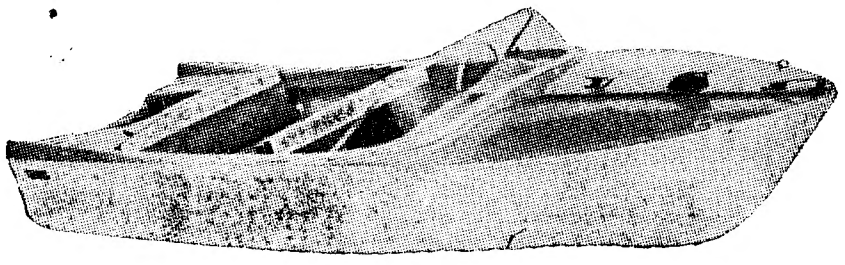
Avenida dos Defensores de Chaves, n.º 41-B
Telefone 51722

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

ENTRADA
RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — Às 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — Às 18 horas.
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — Às 16 horas.
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas, electroterapia — Às 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — Às 14 horas.
Dr. Mário Jacques — Fisioterapia — Às 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — Às 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — Às 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — Às 10 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — Às 16 horas.
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — Às 16 horas.

PIRELLI



BARCOS EM FIBRA DE VIDRO

DE LINHAS MODERNAS, RAPIDÍSSIMOS
ELEVADO RENDIMENTO, IDEAIS PARA O SKI E DESPORTOS NÁUTICOS
FACILIDADE DE MANOBRA A GRANDES VELOCIDADES
DOIS MODELOS PARA ENTREGA IMEDIATA

REP. R. S. CONTRERAS, LDA. — Rua do Telhal, 4-B
TELEFONES 369584 — 369587 — 33400 LISBOA

NOVO PRÁTICO ORIGINAL

SEM FRUTOS E LEGUMES NÃO HA VIDA SADIA

jura-matic

O CENTRIFUGADOR-EXTRACTOR DE **SUMOS** QUE FUNCIONA

ininterruptamente

Uma maravilha da técnica suiça ao serviço da saúde no lar

Custa apenas Esc. 1.650$00

DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO

À VENDA EM TODAS AS CASAS DA ESPECIALIDADE

Distribuidores:

SOC. DE REPRESENTAÇÕES **M. SIMÕES JR. L.DA**
Rua da Conceição, 46 1.º - Telef. - 31545 - LISBOA
Rua de Santo António, 208 - Telef. 25581 - PORTO

As actividades do Skal Clube
em prol do turismo nacional

Na ultima reunião do Skal Clube de Lisboa, o seu presidente, o escritor Luís Forjaz Trigueiros saudou o convidado de honra, o jornalista João Coito, subchefe da redacção do nosso prezado colega «Diário de Notícias», de quem fez o elogio. Anunciou, depois, que está em elaboração o programa de acção a desenvolver, pelo clube; que estão praticamente concluídos os trabalhos de organização e instalação dos diferentes serviços; que vai começar a distribuição de um boletim mensal aos associados e que haverá «semanas» dedicadas aos países estrangeiros membros do Skal e sob a orientação dos respectivos delegados turísticos em Lisboa. Aludindo ao facto de o vice-presidente e o secretário-geral do clube, srs. dr. Santos Matos e Albino André, terem tomado parte, em representação da direcção, numa visita á região aveirense, analisou as perspectivas de desenvolvimento turístico da mesma, com palavras de louvor para o esforço que as entidades respectivas estão a desenvolver e vão intensificar nesse sentido. Finalmente, fez uma breve exposição sobre a zona turística do Algarve, em face de uma recente visita áquela província, e, depois de louvar o seu progresso em matéria de equipamento hoteleiro, notou a carência de elementos complementares de atracção do turista, nacional ou estrangeiro, que abrange os transportes internos da região, casas de espectáculos e de diversão, piscinas, etc., o que, em seu entender, afecta o rendimento daquela zona turística cujo interesse histórico e paisagístico acentuou.

O jornalista João Coito, referiu-se á valiosa acção do Skal em prol do turismo nacional, afirmando o seu interesse pela realização do programa que o clube pretende efectivar. O secretário-geral, sr. Albino André, apresentou curiosos elementos sobre o progresso do turismo em Palma de Maiorca. No final, o dr. Bruno Bonotto, em nome dos delegados de turismo estrangeiro em Portugal, manifestou a sua satisfação pelas actividades e planos do Skal Clube.

O encerramento
do encontro
das professoras primárias da Mocidade Feminina

Encerra-se hoje, ao fim da tarde, o encontro de professoras primárias que, durante alguns dias, decorreu nas instalações da Mocidade Portuguesa Feminina, por louvável iniciativa do respectivo Comissariado.

O ultimo dia de trabalhos começou ás 11 e 30, com uma sessão sobre «Psicologia e Pedagogia Catequísticas», dirigida pela madre Isabel de Santa Face. Depois, os professores estiveram no Ministério da Educação Nacional, a apresentar cumprimentos aos srs. ministro e subsecretário. A sessão da manhã prosseguirá durante a tarde e, ás 17 e 30, haverá nova sessão para apresentação, pelas professoras, de sugestões e duvidas. Esta reunião é orientada pela sr.ª D. Ester Soeiro. Encerram-se, depois, os trabalhos com a apreciação e conclusões das actividades do encontro, sob a presidência da directora dos Serviços de Formação de Dirigentes, sr.ª dr.ª D. Maria Bidarra de Almeida. A' noite, haverá uma sessão de confraternização, e amanhã, depois do pequeno almoço começa o regresso das professoras ás suas terras.

A GRAVE COLHIDA DE ORDOÑEZ

Como noticiámos, António Ordoñez, o famoso matador espanhol, cunhado de Luís Miguel Dominguin e inspirador de Hemingway, sofreu uma grave colhida em Málaga, ficando ferido no baixo ventre. As expressões dos seus dois peões, que tentam livrá-lo do touro, dão bem ideia do perigo mortal que estava á vista de dezenas, de milhar de pessoas

Está em construção
um bairro para trabalhadores do porto de Lourenço Marques

Em face da constante ampliação das instalações do porto de Lourenço Marques, um dos mais importantes do litoral africano, e do correlativo aumento dos trabalhadores que ali exercem a sua actividade, torna-se urgente previdenciar para se lhes possibilitar alojamento adequado.

Assim, foi concedida pelo Governo uma vasta parcela de terreno, a qual, separada do porto por uma ampla avenida projectada pela Camara Municipal, oferece rápido e fácil acesso aos trabalhadores, condição essencial á exploração do porto, que exige importante volume de mão-de-obra rápidamente mobilizável. E, já em adiantada fase de construção, deve ficar concluída em Junho do próximo ano uma obra, cujo montante está orçamentado em 18 200 contos. Nela se incluem quatro edifícios de três pavimentos, com 21 dormitórios em cada, divididos em camaratas para quatro ocupantes, e respectivo mobiliário, bem como a terraplenagem e drenagem da área por eles abrangida, e, ainda, a cozinha e os refeitórios. São esses edifícios construídos de forma a poderem ser adaptados a moradias familiares; e para se obter protecção contra o sol e maior resguardo das vistas exteriores, as varandas ficam devidamente protegidas com grelhas. Em cada piso haverá um balneário e sanitários adequadamente apetrechados. Largos ventiladores estabelecerão a continuidade da atmosfera entre as diversas camaratas e destas para o exterior.

Para completar este vasto plano, está prevista a construção de dois dormitórios, posto médico e residência do enfermeiro, posto policial, residência do encarregado, centro social, lavadouros, campos de jogos e arranjos do terreno, passagem em tunel para o porto, etc.

Obra de largo alcance social, afirma, como tantas outras já realizadas ou em curso, o nosso esforço construtivo em África.

Concursos literários
da Agência-Geral do Ultramar

A Agência-Geral do Ultramar, com a intenção de divulgar os problemas ultramarinos, promove, no corrente ano, dois concursos literários a que podem concorrer todos os cidadãos portugueses que o desejarem. Assim, levará a cabo, como de costume, o Concurso de Literatura Ultramarina, a que podem concorrer obras poéticas, de ficção, de história e de ensaio sociológico, etnográfico ou de temas relacionados com o conhecimento do homem.

Em cada uma das quatro modalidades será atribuido um prémio, que para a poesia, ficção e ensaio é de 10 mil escudos e para a história de 15 mil escudos.

Podem concorrer obras impressas ou dactilografadas havendo a necessidade de entregar dez exemplares no primeiro caso e sete no segundo, sempre acompanhados de uma carta dirigida ao Agente-Geral do Ultramar pedindo a admissão ao concurso.

Também, e pela primeira vez, se vai realizar a atribuição do «Prémio D. João II» criado em 1960, como contribuição da Agência-Geral do Ultramar nas comemorações do V centenário da morte do Infante D. Henrique e destinado a galardoar o melhor estudo sobre a unidade nacional, entendendo-se esta como significado o conjunto de princípios que informam todo o processo da nossa política tradicional ultramarina, no que ela, através dos tempos, contribuiu para estruturar e estreitar os elos que ligam todas as parcelas do território nacional. Neste desiderato político-filosófico, pode incluir-se todo o esforço pendente a interpretar, embora parcelarmente, os princípios fundamentais relacionados com o tema proposto.

A este certame podem concorrer obras impressas e dactilografadas de que se apresentem, no prazo legal, dez exemplares quando se trate de obras impressas e três das outras sendo o prémio de 50 contos.

O prazo para a entrega dos originais para o Concurso de Literatura Ultramarina termina em 31 de Agosto e para o «Prémio D. João II» em 30 de Setembro.

Notícias de Goa

A lotaria a favor das vítimas do terrorismo

GOA, 10. — Realizou-se, nesta cidade, a extracção da lotaria extraordinária que a Provedoria da Assistência Publica promoveu, a pedido da Comissão da Obra das Mães pela Educação Nacional, a favor das vítimas do terrorismo em Angola. Ao acto presidiu a senhora D. Fernanda de Vassalo e Silva, que, em breves palavras, agradeceu a quantos souberam compreender a grandeza do fim em vista, esgotando rápidamente os bilhetes. O produto líquido da lotaria foi cerca de 500 contos.

Romagem de oração e penitência

No próximo dia 14, realiza-se uma grande romagem de oração e penitência ao tumulo de S. Francisco Xavier, que se encontra na basílica do Bom Jesus, em Velha Goa. O objectivo desta grande jornada de fé é pedir pela paz em todo o Mundo, em todo o Portugal e, sobretudo, em Angola e no Estado da India.

Energia eléctrica para o distrito de Goa

Na Sala dos Vice-Reis do Palácio do Governo, realizou-se a cerimónia da abertura das propostas do concurso para o fornecimento de energia eléctrica ao distrito de Goa. Foram apresentadas duas propostas, mas o assunto será decidido, em definitivo, quando forem conhecidas as outras propostas de firmas da Metrópole, onde também o concurso foi aberto.

Uma creche no estado da India

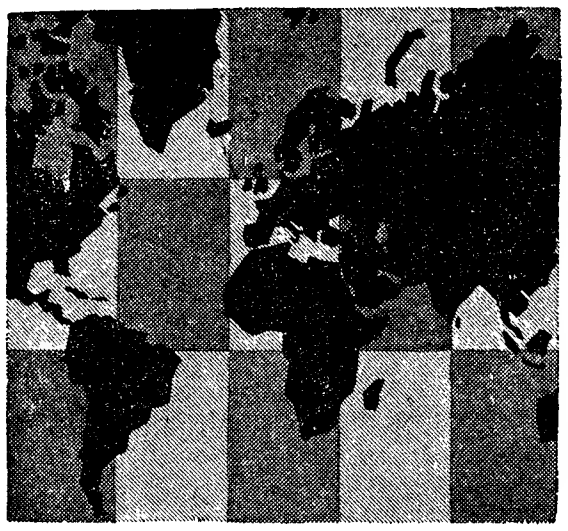
Na presença do governador geral, do comandante militar, dos directores e chefes dos Serviços de Informação e Turismo e de outras individualidades, a senhora de Vassalo e Silva inaugurou, na sua qualidade de presidente da Obra das Mães pela Educação Nacional, uma creche que o sr. Shantilal Khusaldas construiu para as crianças dos trabalhadores das minas de Parazan. Durante a cerimónia, a senhora de Vassalo e Silva dirigiu palavras de gratidão ao benemérito, que agradeceu. — (H.).

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANÍBAL - Gravador

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha



EM QUALQUER PARTE DO MUNDO

Poderá transformar em dinheiro os seus cheques de viagem. Para adquirir cheques ou notas de todos os países,

PINTO DE MAGALHÃES
BANQUEIROS
RUA DO OURO, 99 — LISBOA

DOMINGO, 13 DE AGOSTO DE 1961

EXCURSÃO DA C. P.

em colaboração com a Empresa Geral de Transportes a

FIGUEIRÓ DOS VINHOS - CASTANHEIRA DE PERA

Preço em 3.ª classe 155$00

Compreendendo: comboios rápidos, autocarro e almoço de conta da organização no Hotel Terrabela, em Figueiró dos Vinhos

HORÁRIO DA EXCURSÃO

Ida		Volta
Horas	**Comboio**	**Horas**
8-55 p.	Lisboa (S. Apolónia)	c. 23-15
10-10 c.	Entroncamento	p. 21-57
15-25 p.	Entroncamento	c. 21-40
10-53 c.	Tomar	p. 21-11
	Autocarro	
11-00 p.	Tomar	c. 19-30
12-30 c.	Figueiró dos Vinhos	—
15-00 p.	»	—
16-45 c.	Castanheira de Pera	p. 17-30

Bilhetes á venda a partir das 9 horas do dia 7 do corrente nos seguintes locais: Estação de Lisboa (Rossio); Agência da E. G. T. na Rua do Arsenal, 124-1.º; e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro na Avenida Praia da Vitória, 36 e 38; Travessa do Cais do Tojo, 15; Rua de Almeida e Sousa, 14-A; Avenida de Roma, 4-B; Rua Marquesa de Alorna, 22-A e Rua dos Anjos, 77-A. LOTAÇÃO LIMITADA.

AS PROMOÇÕES
no quadro Técnico dos oficiais da Armada

Uma portaria do Ministério da Marinha altera, em relação a este e ao próximo ano, as condições especiais de promoção ao posto de capitão-tenente engenheiro-construtor-naval, referidas na condição 1.ª da alínea b) doartigo 88.º do Estatuto dos Oficiais da Armada, aprovado pelo decreto 28 211 e alterado pela portaria 16 435.

Diário da Outra Banda

Cinemas

ALMADA — *Incrível Almadense* — A's 21 e 15, «Quem ventos semeia» (12 anos). — *Academia* — A's 21 e 30, «Mundos em guerra» (12 anos).

COSTA DE CAPARICA — *Cine-Copacabana* — A's 21 e 15, «O pequeno coronel» e «Férias em Paris» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 034137).

ALMADA — *Algarve* — Rua Ferrão Lopes, 1 (Tel. 070271).

BARREIRO — *Higiénica* — Rua Miguel Bombarda, 176 (T. 023217).

COVA DA PIEDADE — *Castro Rodrigues* — Praça 5 de Outubro, 62 (Tel. 070121).

MOITA — *Silva Rocha* — Praça Republica (Tel. 039029).

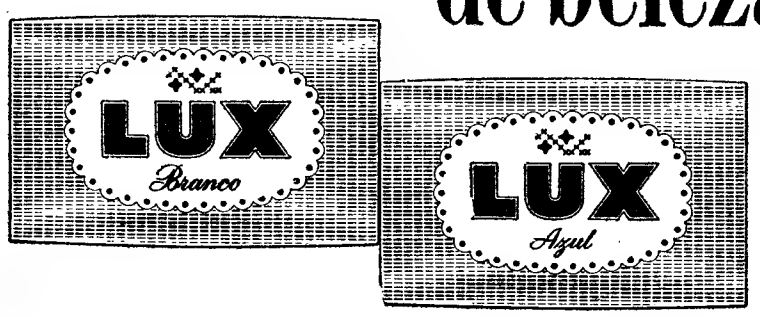
MONTIJO — *Diogo* — R. Almirante Reis, 42 (Tel. 030032).

SESIMBRA — *Leão* — R. Republica, 51 (Tel. 029025).

SETUBAL — *Bocageana* — Rua Romeu, 2 (Tel. 23425). — *Farmácia dos Bairros* — R. Rodrigo Ferreira da Costa, 27 (Tel. 23330).

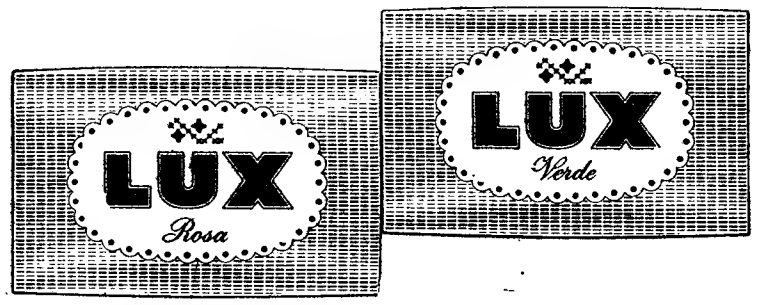
(Nas localidades onde há uma só farmácia, esta encontra-se de serviço permanente).

"LUX é, para a minha pele, um verdadeiro tratamento de beleza."



Diz-lhe
MYLÈNE DEMONGEOT

E Mylène continua a falar para si: «Use Lux regularmente, como eu faço, para tornar a pele mais macia, fresca e aveludada.» A espuma suave e eficaz do puríssimo sabonete Lux realça o seu encanto natural revelando a beleza da sua pele. Siga o conselho de Mylène Demongeot. Lembre-se que a beleza do rosto é para si tão importante como para qualquer estrela de cinema. Seja bela e atraente confiando à espuma fresca e suave de Lux o cuidado da sua pele. Também a si Lux dá encanto e beleza.



9 DE CADA 10 ESTRELAS USAM LUX

61-LT-35 INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. SACAVÉM

Policlínica do Rossio

L. D. João da Camara 19. 2.º Esq. Telef. 20660
Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª 3.ª 5.ª e 6.ª — 17 h.
Dr. Anacleto Miranda—Olhos—2.ª, 4.ª 5.ª e 6.ª — 15.30 h
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e Articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. Cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª, S.ª — 18 h.
Dr. Cordeiro Lobato—Gar., Nar. e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias—Estom., Intest., Fígado — Doenç. Ano-rectais. Hemorroidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Fontoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Joaquim Lobo — Doen. Reumáticas — 2.ª 4.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Jorge Falcão—Pele e Sífilis—15.30 h.
Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª 5.ª e Sáb. — 14.
Dr. Luís Leite—Senhoras—Partos—17 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª 18.30 h. e Sáb.ª 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenç. Pulmonares — 14 h.
Dr. Pereira de Pina — Boca e dentes
Dr. Rosário Dias — Clín. Méd. (Doenç. Endocri. e Nutrição) — 2.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Gentil Branco — Raios X.
Dr Reis Valle — Análises Clínicas

DOMINGO, 20 DE AGOSTO
EXPRESSO - POPULAR
A VIANA DO CASTELO
por ocasião das Festas da Agonia
Preço **Esc. 155$00**
HORARIO

IDA — *Dia 20:* Lisboa (Santa Apolónia), 5-40; Viana do Castelo, 11-58
VOLTA — *Dia 21:* Viana do Castelo, 2; Lisboa (Santa Apolónia), 8-35.
Os bilhetes estão á venda:
— na estação de Lisboa (Rossio);
— na Agência de Viagens da E. G. T. — Rua do Arsenal, 124-1.º.
— nos Despachos Centrais dos Caminhos de Ferro em Lisboa:
— Avenida Praia da Vitória, 36 e 38
— Travessa Cais do Tojo, 15
— Rua Almeida e Sousa, 14-A
— Avenida de Roma, 4-B
— Rua Marquesa de Alorna, 22-A
— Rua dos Anjos, 77-A
Lotação limitada.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda no CAFÉ UNIDOS.

Hipotecas s/ Automóveis

Antes de hipotecar o s/ automóvel consulte-nos, na certeza de obter as melhores condições de empréstimo e facilidade de pagamento.
CREDIMOVEL
Soc. de Crédito Imobiliário, R. L.
Av. Miguel Bombarda, n.º 70, 1.
Telef 767693/4/5

BEBA VINHO VERDE

MAS BEBA O MELHOR!
Engarrafado na Adega Cooperativa de Braga. Exija-o no seu fornecedor ou ao dep.º geral para o Sul:
FERREIRA & SILVA, LDA.
R. S. João da Praça, 91-A
Telef. 26349

O «Diário de Lisboa» vende-se em Castelo de Vide no Salão Royal.

5 %

S/ Automóveis e 6% s/ Prédios
COM A MAIOR RAPIDEZ
ORCOSI
RUA 1.º DEZEMBRO, 45

FESTIVIDADES NA GALIZA

A C. P., de combinação com os Caminhos de Ferro Espanhóis (Renfe), oferece-lhe nesta altura esplêndida oportunidade para se deslocar, por pouco dinheiro, á linda província da Galiza.

Para tanto basta adquirir o bilhete por ocasião das festas de Pontevedra ou Corunha, para onde se vendem bilhetes a preços reduzidos, válidos durante os seguintes períodos:

Para Pontevedra: á ida, de 27 de Julho a 15 de Agosto — á volta, de 1 a 20 de Agosto:

Para Corunha: á ida, de 27 de Julho a 31 de Agosto — á volta, de 1 de Agosto a 5 de Setembro

Informes mais pormenorizados podem ser obtidos nas estações habilitadas a vender destes bilhetes

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv., nariz e garganta, 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clín. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.
Dr. Bernard Guedes — Raios X, 16 h.
Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 ás 13 e 17 ás 19 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv. mentais (2.ª, 4.ª e 6.ª), 16 h.
Dr. Formigal Luzes—Ag Físicos, 15 h.
Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 18 h.
Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.
Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sífilis (2.ª 4.ª e 6.ª). 14 h.
Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest. 15 h.
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.ª, 5.ª e sáb.), 15 h.
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd. coração e pulmões, 18 horas.

NOVO TRANSATLANTICO EXPRESSO DE LUXO
«OLYMPIA»
DE 23.000 TONELADAS BRUTAS
SAÍDAS DE LISBOA

17 de Agosto 15 de Setembro	NEW YORK (directo)
30 de Agosto 29 de Setembro	NÁPOLES, MESSINA e PIREU escala Limassol e Haifa

A ULTIMA PALAVRA EM CONFORTO, RAPIDEZ E COMODIDADE — LUXUOSAS INSTALAÇÕES NA CLASSE TURISTICA
A PREÇOS REDUZIDOS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª, L.da

LISBOA	PORTO
4, L. Vitorino Damásio Telefs. 668087/8/9 Telex. 145	20/22, R. Mouzinho da Silveira Telef. 26154

C.C.N.
COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«AMBOIM» — 8 de Setembro
Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito** e **Moçâmedes.** Carrega em Lisboa de 3 a 6 de Setembro.

«LUANDA» — 20 de Setembro
Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé** (se necessário), **Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala** e **Porto Amélia**. Carrega em Lisboa de 14 a 18 de Setembro.

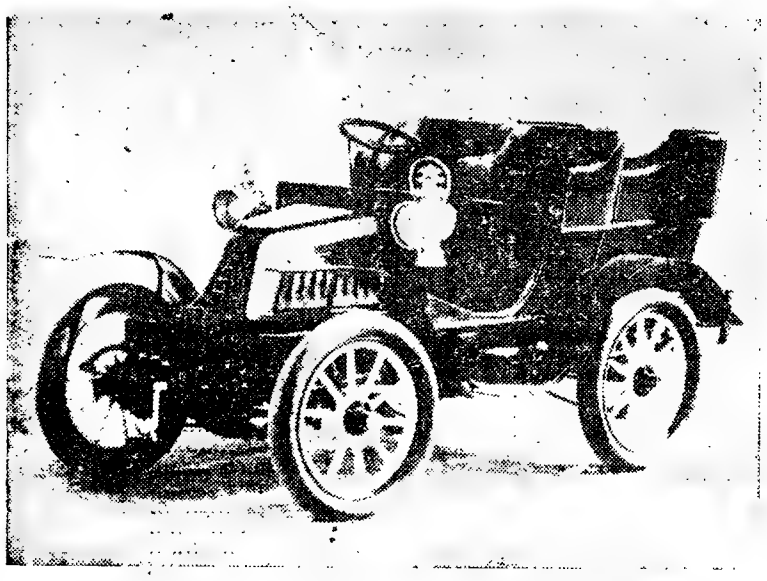
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» — 11 de Setembro, 19 de Outubro
Com escala por **Vigo** e **Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Porto Rico** e **Porto Everglades (Miami).**

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 369621/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 5 — Telef. 23342

Linha de CASCAIS



Um dos carros que tomam parte no «rallye»

O "I Rallye Donas Elviras"

que se realiza no sábado e no domingo vai atrair muita gente ao Estoril

Com o patrocínio técnico do Automóvel Clube de Portugal, promove a Sociedade Estoril Sol, no sábado e no domingo, o «Rallye Donas Elviras», em que tomam parte carros de fabrico anterior a 1916, e que constituirá um espectáculo de muito interesse para muita gente que jamais viu automóveis tão antigos. Da sede do A. C. P., na Rua Rosa Araujo, até á Praça do Império, atravessando, portanto, toda a zona luxuosa da capital, desfilam, conduzidos pelos seus proprietários, as velhas relíquias do automobilismo, entre as quais se conta um carro fabricado em 1891, o mais antigo em prova, que pertence hoje ao Automóvel Clube de Portugal.

Está localizada na Praça do Império a meta de «contrôle», de onde a «corrida» prossegue para o Estoril, á velocidade de 15 quilómetros horários.

No domingo, no Parque do Estoril, realiza-se a prova complementar.

Estão registadas as seguintes inscrições:

Dr. João de Lacerda, «Renault», de 1912; dr. João de Lacerda, «Dion-Bouton, de 1906; dr. João de Lacerda, «Unic», de 1909; Automóvel Clube de Portugal, «Panhard & Lavassor», de 1891/92; António Dias Costa, «Boyer», de 1898; José A. Nogueira Pinto, «Hotchkiss», de 1906; José Carlos Folhadela Barbosa, «Rolls Royce», de 1911; dr. João de Lacerda, «Darracq», de 1902; dr. João de Lacerda, «Benz», de 1909; dr. João de Lacerda, «Fiat», de 1910; António de Castro Nery & Irmãos, «Oldsmobile Curved Dasd Runabout», de 1902; António Augusto Nascimento Carvalho, «Orient Buckoard», de 1900; António Augusto Nascimento Carvalho, «Clement Bayard», de 1911; Mocar, Lda., «Peugeot», de 1913.

O "Diário de Notícias" realizou a segunda prova do Concurso Construções na Areia na Praia das Maçãs

PRAIA DAS MAÇÃS, 10 (Pelo telefone) — Na praia das Maçãs, esta manhã, realizou-se a segunda prova do Concurso de Construções na Areia, magnífica iniciativa do «Diário de Notícias», que aquele jornal vai levar a mais catorze praias do País.

Um juri, constituido pelos srs. visconde da Asseca, presidente da Camara Municipal, Eusébio de L'Isle, administrador da piscina «Concha», José Maria Tavares, vereador, e Erico Braga, redactor do «Diário de Notícias», classificou nos primeiros lugares das três categorias estabelecidas no regulamento do concurso os jovens Fernando Camarate França, Margarida Alcovia e António Augusto Camarate França

O concurso prossegue depois de amanhã, ás 11 horas, na praia de Carcavelos.

UM DISPENSÁRIO

antituberculoso em Olhão

No Ministério das Obras Publicas foi, esta tarde, a concurso a empreitada de construção do dispensário de Assistência Nacional aos Tuberculosos, de Olhão, na base de licitação de 395 contos.

FOI PRESO

um pilha-galinhas que em São Pedro do Estoril agrediu o guarda-nocturno

O guarda-nocturno que andava de giro em São Pedro do Estoril, na madrugada de 15 do mês findo, surpreendeu um indivíduo que ia de bicicleta com um saco ás costas, o qual se lhe tornou suspeito. Intimou-o a parar e a seguí-lo ao posto da P. S. P. da Parede, ao que ele se submeteu sem recalcitrar.

Poucos metros andados, porém, o desconhecido agrediu violentamente o guarda, de cuja pistola se apoderou, pondo-se em fuga e abandonando a bicicleta e o saco que se verificou conter aves de capoeira.

Naquele mesmo dia, o energumeno, reconhecido e identificado como sendo Manuel da Silva Peixoto, foi preso e remetido á Polícia Judiciária. Ali confessou que a criação fora furtada em vários quintais, como, também, roubara a bicicleta. Em casa, escondida debaixo da cama, foi-lhe apreendida a pistola do guarda-nocturno. O montante dos furtos é de cerca de 2000$00.

O respectivo processo foi remetido pela Polícia Judiciária ao respectivo tribunal.

Cinemas

OEIRAS — *Oeiras-Cine* — A's 21: «O inimigo da minha mulher» (17 anos).

CARCAVELOS — *Vitória-Cine* — A's 21.30: «A grande guerra» (17 anos).

PAREDE — *Royal-Cine* — A's 21: «O facho e a flecha» (12 anos).

ESTORIL — *Casino* — A's 21.30: «Não o levarás contigo» (17 anos); *Cine-Esplanada* — A's 21.30: «Tristezas não pagam dívidas» (12 anos).

CASCAIS — *S. José* — A's 21.30: «Uma divida de amor» (12 anos); *Académico* — A's 21: «Ao ritmo do mambo» e «Armada selvagem» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Nifo* — Av. Combatentes Gr. Guerra, 64 (Tel. 012070).

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro (Tel. 042839).

PAÇO DE ARCOS — *Trindade Brás* — Rua Costa Pinto, 186 (Tel. 012031)

OEIRAS — *Godinho* — Rua Candido dos Reis 98 (Tel. 043090).

PAREDE — *Grincho* — Av. da Republica (Tel. 047204)

ESTORIL — *Ostende* — Rua do Espinho, 1 (Tel 060391).

CASCAIS — *Marginal* — Av. Marginal (Tel. 080078).

A crise do Teatro português

(Continuação da página central)

os outros profissionais que empregam. Assim, para minorarem aquele depósito assinam contractos fictícios quer com uns quer com os outros. Para regularizar a presente situação necessário seria uma nova tabela de salários mínimos, pois está completamente desactualizada a que permanece em vigor. Assim, o ordenado de um maquinista é na tabela oficial de 42$00 diários, embora os ordenados normalmente pagos sejam de 80$00 e atinjam os 100$00.

Não há qualquer fiscalização

— Uma fiscalização eficiente não poria cobro aos contratos fictícios?

— Estou certo que sim. Mas que quer? Durante os nove anos que estive no Teatro Monumental, nunca houve qualquer fiscalização ao cumprimento dos horários de trabalho ou ao pagamento de horas extraordinárias. Aliás, as irregularidades reveladas por este inquérito são do conhecimento oficial há muito tempo...

Como reivindicações fundamentais da classe, o sr. Luís Almeida aponta a concessão de um dia de descanso semanal (presentemente os maquinistas descansam apenas meio dia por semana), e férias pagas, regalias que, ao fim e ao cabo, já há muitas dezenas de anos foram conquistadas pelas outras profissões.

130$00 de reforma!

Referimo-nos aos problemas da previdência. Cita o sr. Luís Almeida a redução do subsídio de família como uma das imediatas e nefastas consequências dos contratos fictícios. A longo prazo, os contratos simulados arrastam reformas insuficientes. Mas o pior mal resulta dos empresários não entregarem á Caixa de Previdência as contribuições que descontam aos sócios beneficiários e as que eles próprios devem como contribuintes. Daí resulta, desde logo, a suspensão do abono de família. Quanto ás consequências sobre a reforma, um exemplo será mais eloquente que quaisquer considerações: a um profissional da secção dos maquinistas, recentemente reformado, com 65 anos, foi atribuída a pensão de 130$00 por mês. Quase todo o dinheiro que descontara para a reforma não fora entregue á Caixa de Previdência, ficou nas mãos, ou nos bolsos, dos empresários. A Caixa de Previdência atribuiu-lhe um subsídio de 312$00, passando a perceber, portanto, um total de 442$00. Mas como pode um homem sem família, como é o caso, viver com 442$00 por mês?

Abuso de confiança ou não?

— Na entrevista concedida ao «Diário de Lisboa» pelo presidente da Caixa de Previdência afirma-se que a não entrega das contribuições á Caixa pelos empresários é uma transgressão de previdência, mas não um abuso de confiança. Fiquei admirado. E' que funcionários da Caixa de Previdência têm aconselhado, a mim e a outros colegas, ao verificarmos que as nossas contribuições não foram entregues, que apresentemos queixa na Polícia Judiciária. Porquê na Polícia Judiciária, se não é um abuso de confiança?

Conclui o sr. Luís Almeida as suas declarações:

— As empresas queixam-se de que as despesas são excessivamente grandes. Porque não as reduzem? Porquê tanto vedetismo? Porquê tantos secretários de administração? Já estive numa empresa em que havia mais secretários do empresário do que actores... E' um desabafo — mas, sabe?, as principais vítimas da crise do Teatro não são os empresários e os artistas, mas os maquinistas, os cenógrafos, todos os profissionais que nunca aparecem á luz da ribalta...

Que mal fizeram as nossas crianças?

(Continuação da página central)

santes; ou não sabem que linhas férreas hão-de tomar se estiverem em Beja e quiserem ir para Barcelos (pergunta de exame); ou desconhecem a existência do importante (!) afluente do Sado que é a *ribeira* de Campilhas, que nasce na *majestosa serra* (!) do Cercal; ou não compreendem problemas faciimos de resolver por processos que aprenderão mais tarde mas que, na instrução primária, têm de ser resolvidos quase inteiramente por aritmética racional que se dá no 7.º ano; ou não compreendem mesmo o enunciado dos problemas da *vida real* em que um taberneiro (calcule-se!) quer saber quantos sétimos tem do seu vinho sabendo que vendeu três quintos dos dois quintos do dobro do vinho que tinha num tonel... ou noutro recipiente técnico qualquer do mundo vinícola, como se as crianças frequentassem tabernas; ou não sabem fazer problemas com unidades fundamentais como o ester, que já não se usa, ou as do sistema monetário inglês.

Lembro-me ainda que nos Estados Unidos ao iniciar o estudo do 1.º ano do liceu de português com o meu filho, encontrei a seguinte passagem dum dos primeiros textos (para ser dado, portanto, a uma criança de 10-11 anos que acabou de entrar no liceu) — Pág. 49 do livro unico 1959-60: «Sobranceando a Póvoa, negrejava o castelo de Lanhoso, erecto em rocha, recortado de ameias, ladeado de bastões, golpeado de seteiras, ali perpectuado, rebatendo as injurias de nove séculos, imagem, simbolo da raça forte que, ao passar por lá, empedrou um dos seus gigantes, como vigia eterna das gerações que se desforçam a camartelo da sua desvergonhosa efeminação».

No francês exige-se apenas que a criança portuguesa saiba, em dois anos, tudo o que uma criança francesa aprende desde que nasce até aos 10 anos: ler, escrever falar, saber toda a gramática elementar, verbos irregulares, etc. e ainda traduzir e retroverter.

Em ciências, depois de estudarem por um livro bem feito e que dá um conhecimento geral da vida muito interessante, os alunos têm de saber definições concretas e precisas d assuntos gerais e imprecisos e de descrever experiências práticas de que só têm *conhecimento teórico* através do livro oficial.

Até no desenho me apareceu este enunciado aparatoso:

«Baseie-se nas leis da irradiação e da alternancia para ornamentar uma circunferência de 6 cm. de raio. Pinte o desenho empregando uma harmonia de cores quentes».

Ao fim de dois anos, a cena de expectativa nervosa do pátio dos liceus, que descrevi no início, repetiu-se outra vez. Desta vez não tive sorte e a minha filha, que passou nos Estados Unidos para o 5.º grau (correspondente ao 1.º ano dos liceus), com notas muito razoáveis para uma estrangeira, «chumbou» no exame de admissão, pois na sua terra de origem não pôde vencer, principalmente, a dificuldade de interpretação dos tais problemas práticos de aritmética com cinco linhas de enunciado e quatro contas a fazer. Claro que chorou e teve o tal choque psicológico de consequências difíceis de prever. Mas eu tinha-me recusado, pelo menos, a fazer o que hoje muitos pais parecem concordar: primeiro fazer o exame da 4.ª classe para treino; depois o exame de admissão ás escolas técnicas para o caso de haver um «chumbo» no liceu e, finalmente, o exame de admissão. Isto é, três exames com prova escrita e oral a uma criança de 10 anos! — e em Julho.

Assim, volto a repetir a pergunta: O que estamos a fazer ás nossas crianças? Andamos a preparar uma nova geração de superinteligências ou apenas a ocntrabalançar a deficiência de instalações e professores desencorajando ou impedindo, o mais possível, a educação secundária da maioria? Ou a instrução em Portugal é uma regalia tão grande que só deve ser adquirida á custa de enorme sacrifício físico e psicológico? Ou ainda a instrução não é mais que um pretexto para fazer uma selecção social, em vez de ter apenas o intuito de aperfeiçoar o indivíduo... Ou, finalmente, o que é mais provável, apenas não sabemos porquê. — M. N. P.

E' preciso preservar as tradições do nosso Teatro — diz-nos Elisa Guisette

Da actriz Elisa de Guisete recebemos uma carta em que são versados, com elevação e com um bom senso que revela uma longa experiência, alguns dos mais importantes aspectos da presente crise do teatro português. Escreve Elisa de Guiscte:

«Devemos procurar conhecer, em primeiro lugar, as causas da crise do Teatro. A crise do Teatro prejudica artistas como empresários, além de imenso pessoal que ganha a vida no Teatro, desde discípulas, coristas, musicos, cenógrafos, pintores, aderecistas, pontos, contra-regras, carpinteiros, costureiras e modistas. A actividade de outros milhares de pessoas está também ligada á sorte do Teatro. Faz o Teatro grande consumo de produtos nacionais das industrias de tecidos e calçado, gasta quilos e quilos de pregos e grande volume de madeiras, dá trabalho a alfaiates e cabeleireiros. Apesar de tudo isto, não tem o Teatro sido olhado nem auxiliado como industria nacional:

1.º — Desde que saiu a lei classificando os espectáculos para maiores, a crise aumentou. O Teatro é só para os maiores de 17 anos. Para as idades inferiores há o cinema estrangeiro, que faz as novas gerações perderem o gosto pelo Teatro;

2.º — Os impostos e as contribuições também têm aumentado apesar de há muito se assinalar a crise do Teatro;

3.º — Sendo só para os maiores de 17 anos, há no Teatro liberdades que desagradam ao gosto de certo publico. Ora o Teatro pode-se fazer para todas as idades.

Pouco ou quase nada se tem feito para ajudar o Teatro.

O Teatro não pode morrer. Há que procurar minorar certos encargos e certos ordenados fabulosos, para que, de acordo com a economia que a época requer, se possa fazer Teatro.

Dar entrada a autores e compositores novos, mais dentro dos gostos da nossa época, que, dirigidos por valores experimentados, podem fazer algo de util. Nós, os artistas, deveríamos ter um representante do nosso sindicato, como têm os autores, para receber os nossos honorários e fiscalizar os contratos, de modo a tornarem-se impossíveis certas facilidades.

O subsídio do teatro devia ser tanto para o teatro declamado como musicado. Deveria ser fiscalizado por entidades competentes, para se apurar, quando há prejuízo, se é por falta de espectadores ou por má administração.

E' preciso que artistas e empresários cheguem a acordo, sem prejuízo para ambas as partes.

Torno a dizer que o Teatro não pode morrer. O teatro português tem grandes tradições que é preciso preservar. Defendendo-o, defendemos a nossa própria vida, a nossa alma, visto ser nele que sofremos as maiores alegrias e tristezas, pois o verdadeiro artista faz da sua profissão um sacerdócio».

VIDA ARTÍSTICA

Um pintor de Brazzaville expõe em Lisboa

Na Sociedade de Propaganda de Portugal, o agente-geral do Ultramar, dr. Banha da Silva, inaugura ao fim da tarde uma exposição do artista africano Bykuta Genése. O pintor, natural de Brazzaville, é casado com uma angolana e tem o diploma da Escola de Belas-Artes de Brazzaville. Expôs em Luanda, Benguela, Lobito, Cabinda, Malanje, Uíge, Benque e Brazzaville, encontrando-se alguns dos seus trabalhos nos museus de Luanda e de Brazzaville e nas Camaras Municipais de Benguela e do Lobito.

O certame, constituído por obras com paisagens angolanas, está patente ao publico até ao dia 19.

Na MALAPOSTA — Mogofores, o «Diário de Lisboa encontra-se á venda no CAFÉ SANTIAGO. por intermédio do sr. Martinho Fontinha.

DESPORTOS

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

A equipa do Sporting segue amanhã para Itália

A equipa do Sporting parte amanhã, de avião, ás 14 horas, para Itália, a fim de disputar dois encontros particulares, um contra o Palermo, no dia 13, e outro contra o Roma, no dia 20.

A representação «leonina» é constituída pelos seguintes elementos:

Carlos Gomes e Carvalho, guarda-redes; Lino, Morato e Hilário, defesas; Mendes e Lucio, médios; Hugo, Figueiredo, Perides, Ferreira Pinto, Monteiro, Geo, Moreira e Casaca, avançados; Felizberto Vaz e dr. Lourenço Bernardo, dirigentes; Otto Glória, treinador, e Manuel Marques, massagista.

Pelos clubes

Salvador (ex-Cuf) deve alinhar no Belenenses, na próxima época.

* Começaram os treinos no F. C. Porto, sob a orientação do hungaro Jorge Orth.

* No Benfica: Mendes continua e Simões subiu á categoria de seniores.

* O brasileiro Edmur, que do Vitória de Guimarães se transferiu para o Celta de Vigo, falhando por um triz a sua inclusão na equipa do Belenenses, está livre na próxima época e conta regressar a Portugal.

* O brasileiro Caiçara regressou ao Vitória de Guimarães.

* O Atlético já não luta com crise de jogadores. Parece, até, que dispõe de boa matéria-prima.

* O brasileiro Elcy não interessa ao F. C. Porto.

* Pais, guarda-redes do Boavista, está á experiência no Benfica.

* Dimas, conforme se noticiou, já não ingressa no Cova da Piedade. Dispensado pelo Belenenses, deve regressar ao Vitória de Setubal, onde se distinguiu, há épocas. A não ser que a Cuf lhe acene com proposta mais tentadora...

* Benje parece inclinado a alinhar, na próxima época, no Cova da Piedade.

HANDEBOL

Preparando a próxima época da Associação de Lisboa

Na sede da Associação de Handebol de Lisboa está a pagamento a taxa de filiação relativa á época de 1961-62, devendo a sua liquidação ser feita até ao dia 17 deste mês.

As inscrições de jogadores, que só serão aceites devidamente regularizadas e acompanhada do respectivo documento de habilitações literárias, com o mínimo da 4.ª classe, podem ser feitas ás terças e sextas-feiras, a partir do dia 17 do corrente

Por determinação da Federação Portuguesa de Handebol o período, na época de 1961-62, em que os atletas poderão inscrever-se livremente por outro clube, é de 17 deste mês a 15 de Setembro próximo.

O treinador José Machado na Alemanha

Partiu para a Alemanha o prof. José Machado, convidado a participar numa reunião de treinadores de handebol, em Munique, donde seguirá para Antibes, a fim de frequentar um curso de treinadores de basquetebol

HÓQUEI EM PATINS

O BELENENSES vai jogar a Cadiz

CADIZ, 10 — Um torneio quadrangular de hóquei em patins efectua-se aqui, de 12 a 14 de Agosto, entre equipas de Portugal, da Itália, da França e da Espanha.

As equipas participantes são: «Novara», da Itália; «Os Belenenses», de Portugal, «Skating Club Naudou», da França; «Desportivo Espanhol», da Espanha.

O vencedor receberá a «Taça da Baía». — (A. N. I.).

HOJE, À NOITE

ATLETISMO — Na sede da Federação Portuguesa de Atletismo, ás 22 horas, sorteio das pistas para o campoenato nacional de seniores.

NATAÇÃO — Torneio «Noite de Estafetas», na piscina do Clube Nacional de Natação, em S. Bento, ás 21,30 horas.

* Festa (ex-Tirsense) transferiu-se para o F. C. Porto.

* Velasquez e Vieira, que alinhavam no Varzim, preparam-se agora para representar o Boavista.

* Sobre a actividade dos dirigentes: o dr. Rebelo de Andrade pediu a demissão do cargo de tesoureiro da Federação Portuguesa de Futebol, e Justino Pinheiro Machado e dr. Garcia Branco estão indigitados para os corpos gerentes da Associação de Futebol de Lisboa

O sul-africano Daniels deseja ingressar no Sporting

LOURENÇO MARQUES, 10. — «Nada ainda está resolvido. Mas tenho imenso empenho em ir para Portugal metropolitano e para o Sporting Clube de Portugal», declarou ao jornal «Notícias» desta cidade o excelente jogador sul-africano que alinhou no Sporting Clube de Lourenço Marques, Claud Desmond Daniels, castigado com um ano de suspensão devido a irregularidade na sua inscrição — e para o seu clube a perda dos pontos conquistados nos jogos do Campeonato de Lourenço Marques.

Claud Desmond aguarda a todo o momento que o seu caso seja resolvido pois deseja partir em breve para a Metrópole e para o Sporting. — (L.).

Pelé vai escrever as suas memórias

SÃO PAULO, 10. — O futebolista «Pelé», o famoso «pérola negra» brasileiro, vai escrever as suas memórias. O livro será publicado pelas edições Francisco Alves com o título «Sou Pelé». O verdadeiro nome de «Pelé» é Edison Arantes do Nascimento. — (F. P.)

Um jogo em Varsóvia

VARSOVIA, 10. — O clube polaco de futebol «Legia» venceu o belga Standard de Liége, por 4-3, num encontro disputado ontem á noite. Ao intervalo, 3-3. — (A. N. I.).

O Real Madrid venceu no Chile

SANTIAGO DO CHILE, 10. — O Real Madrid derrotou a noite passada nesta cidade, por 2-0, o grupo chileno Colocolo

Cerca de 58 000 espectadores assistiram ao encontro, que se disputou debaixo de nevoeiro. — (R.).

O Lusitano de Évora diminuiu o seu «déficit»

ÉVORA, 10. — Na sede do Lusitano, desta cidade, decorreu, com grande presença de associados e elevado interesse, uma reunião magna de sócios, requerida por uma comisão de lusitanistas que pretendiam ser informados das diligências feitas para reforçar o quadro futebolístico do clube.

Respondeu ás perguntas formuladas pelos srs. Etelberto Martins de Carvalho e Manuel Augusto dos Santos, o presidente da direcção, dr. Serafim de Jesus Silva, que esclareceu:

— Está já garantido o concurso de dois jogadores de futebol ultramarinos;

— Uma comissão, presidida pelo sr. Fernando Rebocho, organizou 30 contos para despesas com os referidos elemntos;

— Nem o Benfica, nem o Sporting e Futebol Clube do Porto, mostraram ainda e até ao momento, interessar-se na aquisição dos serviços do jogador lusitanista Falé.

— Considerando não interessar ao Lusitano o concurso de Adventino, foi-lhe cedida a carta de transferência;

— Está orçado em 200 contos o projectado reforço á equipa de futebol;

— Diminuiu em cerca de 300 contos o «déficit» financeiro do clube.

— Estão garantidas gratuitamente, pelo sr. Alberto Faustino, todas as deslocações a fazer no próximo campeonato.

— Está garantido por comissões de associados o pagamento das seguintes estadias da equipa de futebol: Lisboa (4); Porto (uma); Guimarães e Coimbra.

A reunião terminou em ambiente de entusiasmo e de fé nos destinos da colectivdade.

A Volta a Portugal em bicicleta

(Continuação da 7.ª página)

ga (a meta fora colocada numa pequena subida, na Avenida Dr. Oliveira Salazar) suscitou o maior interesse em milhares de pessoas, que deram largas ao seu entusiasmo.

Quando surgiu ao longe, um pelotão constituído por cerca de 48 unidades, a multidão agitou-se. A arrancada para a meta foi empolgante. Numa embalagem irresistível iniciada a uns 50 metros do risco, a vitória bafejou o alpiarcense Lima Fernandes.

Nesta altura chegou ao nosso conhecimento que se registara, a 12 quilómetros de Braga, a desistência do sangalhense Fernando Henriques da Silva, que nesta «Volta» se fizera recomendar pela notável regularidade que o distinguira em outras e que figurava em 7. lugar na classificação geral.

Ordem de chegada a Braga

INDIVIDUAL

1.º	L. Fernandes (Alp.)	4 50 30
2.º	J. Pacheco (F. C. P.)	m. t.
3.º	A. Cestari (Ignis) ...	»
4.º	G. Pardini (Ignis) ...	»
5.º	J. C. Carv. (F.C.P.)	»
6.º	P. Dante (Ignis)	»
7.º	H. do Rosário (Bf.)...	»
8.º	M. Silva (F. C. P.)...	»
	A. Marcoletti (Ignis)	»
	A. Carvalho (Acad.)	»
	M. Menendez (Licor)	»
	Roque Santos (Spt.)	»
	J. P. Carvalho (Spt.)	»
	G. Quillez (Licor) ...	»
	A. Pedro Jr. (Spt.)...	»
	Jorge Corvo (Tavir.)	»
	Arl. Carvalho (Spt.)	»
	S. Cardoso (F. C. P.)	»
	A. Barbosa (Sang.)...	»
	Agost. Correia (Alp.)	»
	V. Tenazinha (Loul.)	»
	Manu. Graça (Sport.)	»
	J. M. Marques (Alp.)	»
	C. Guarguaglini (Ig.)	»
	P. Ariani (Ignis)	»
	Humb. Corvo (Tav.)	»
	Peixoto Alves (Benf.)	»
	João Bárbara (Tav.)	»
	F. Valada (Benfica)	»
	Alcido Neto (Tavira)	»
	José Azevedo (Leix.)	»
	Agost. Brás (Sport.)	»
	Ser. Vinhas (Leixões)	»
	A. Carreira (Sang.)...	»
	João Gomes (Ovar.)...	»
	Ant. Baptista (Sang.)	»
	José Libanio (Tav.)	»
38.º	A. Guardiola (Licor)	4 50 58
39.º	F. Bandarra (Spt.)...	m. t.
40.º	Est. Martin (Licor)...	4 51 03
41.º	Inácio Ramos (Far.)	m. t.
42.º	Manuel Melo (Acad.)	»
43.º	Ant. Cardoso (Ovar.)	»
44.º	Fern. Andrade (Oliv.)	4 51 30
45.º	Man. Amorim (Ovar.)	4 52 44
46.º	Laur. Mendes (Ovar.)	4 53 04
47.º	José Anastácio (Bf.)	m. t.
48.º	S. Santos (F. C. P.)	4 53 28
49.º	Maur. Vieira (Alp.)	m. t.
50.º	Ant. Ferreira (Sang.)	4 55 56
51.º	V. Lourenço (Tav.)...	4 56 01
52.º	Trist. da Silva (Sang.)	5 00 50
53.º	Virg Nunes (Tav.)	5 04 12
54.º	Joaq. Rato (Spt.) ...	m. t.
55.º	Man. de Castro (Acd.)	»
56.º	J. Calquinhas (San.)	»
57.º	Bastos Leite (Sang.)	»
58.º	A. Carreras (Licor)	»
59.º	A. Castanheira (San.)	»
60.º	Man. da Costa (Alp.)	5 05 10
61.º	Henr. Ramos (Leix.)	5 06 59
62.º	Joaq. Carvalho (Acd.)	5 08 01
65.º	F. Simões (Oliv.) ...	»
64.º	Hélio Rato (Spt.) ...	m. t.
65.º	F. Cimões (Oliv.) ...	»
66.º	Joaq. Casimiro (Alp.)	5 18 00

Por equipas

1.º	Alpiarça	14 31 20
2.º	Benfica	m. t.
	F. C. Porto	»
	Ignis	»
	Sangalhos	»
	Sporting	»
	Tavira	»
8.º	Licor 43	14 31 58
9.º	Ovarense	14 34 37
10.º	Académico	14 45 45
11.º	Leixões	14 47 59
12.º	Oliveirense	15 16 50

Classificação geral à chegada a Braga

INDIVIDUAL

1.º	M. Silva (F. C. P.)	50 49 16
2.º	A. Marcoletti (Ignis)	50 51 03
3.º	Alb. Carvalho (Acd.)	50 51 04
4.º	M. Menendez (Licor)	50 54 38
5.º	Roque Santos (Sp.)	50 54 53
6.º	J. P. Carvalho (Sp.)	50 56 04
7.º	G. Quillez (Licor)...	50 56 35
8.º	Ant. Pedro Jr. Sp.)	50 56 59
9.º	Jorge Corvo (Tav.)	50 57 21
10.º	Arl. Carvalho (Sp.)	50 57 34
11.º	J. C. Carv. (F.C.P.)	50 58 22
12.º	S. Cardoso (F. C. P.)	50 58 55
13.º	Pep. Dante (Ignis)	50 59 14
14.º	Aug. Cestari (Ignis)	50 59 37
15.º	A. Barbosa (Sang.)..	51 01 35
16.º	Agost. Correia (Alp.)	51 02 12
17.º	M. da Graça (Spt.)	51 02 47
18.º	J. M. Marques (Alp.)	51 02 48
19.º	V. Tenazinha (Loul.)	51 03 04
20.º	C. Guarguaglini (Ig.)	51 03 15
21.º	M. de Melo (Acad.)	51 07 06
22.º	G. Pardini (Ig.) ...	51 07 48
23.º	Ant. Baptista (San.)	51 08 03
24.º	L. Fernandes (Alp.)	51 08 47
25.º	A. Guardiola (Licor)	51 13 20
26.º	M. de Castro (Acad.)	51 14 28
27.º	P. Ariani (Ignis) ...	51 15 31
28.º	Humb. Corvo (Tav.)	51 15 33
29.º	Peix. Alves (Bf.) ...	51 16 16
30.º	J. Pacheco (F. C. P.)	51 17 12
31.º	João Bárbara (Tav.)	51 17 40
32.º	João Gomes (Ov.)...	51 20 17
33.º	Franc. Valada (Bf.)..	51 24 15
34.º	Alex. Neto (Tav.)...	51 26 50
35.º	Est. Martin (Licor)	51 26 58
36.º	F. Andrade (Oliv.)	51 27 52
37.º	Inácio Ramos (Far.)	51 30 15
38.º	Laur. Mendes (Ova.)	51 30 41
39.º	Maur. Vieira (Alp.)	51 30 42
40.º	José Anastácio (Bf.)	51 31 24
41.º	José Azevedo (Lei.)	51 31 43
42.º	Virg. Nunes (Tav.)	51 32 52
43.º	V. Lourenço (Tav.)	51 34 12
44.º	Agost. Brás (Spt.)...	51 35 45
45.º	M. da Costa (Alp.)	51 36 09
46.º	A. Carreras (Licor)	51 36 53
47.º	José Libanio (Tav.)	51 37 13
48.º	S. Santos (F. C. P.)	51 40 03
49.º	Ant. Candido (Ov.)	51 42 15
50.º	H. Rosário (Bf.) ...	51 44 22
51.º	Seraf. Vinhas (Leix.)	51 45 54
52.º	Fer. Bandarra (Sp.)	51 47 30
53.º	Joaq. Coelho (Acad)	51 49 02
54.º	Joaq. Casimiro (Alp.)	51 52 08
55.º	Man. Amorim (Ov.)	52 10 02
56.º	A. Carreira (Sang.)	52 14 13
57.º	J. Calquinhas (Sg.)	52 15 04
58.º	Bastos Leite (Sang.)	52 15 43
59.º	Carlos Simão (Oliv.)	52 17 21
60.º	Joaquim Rato (Sp.)	52 20 07
61.º	Fern. Simões (Oliv.)	52 20 32
62.º	A. Ferreira (Sang.)	52 22 34
63.º	Henr. Ramos (Leix.)	52 43 15
64.º	Tris. da Silva (Salg.)	52 43 35
65.º	Elio Rato (Sporting)	52 51 09
66.º	Castanheira (Sang.)	52 53 23

Por equipas

1.º,	Sporting	152	16 47
2.º,	F. C. Porto	152	20 55
3.º,	Ignis	152	36 21
4.º,	Licor 43	152	48 37
5.º,	Académico	152	50 40
6.º,	Sangalhos	153	02 07
7.º,	Alpiarça	153	05 27
8.º,	Tavira	153	07 14
9.º,	Benfica	153	16 00
10.º,	Ovarense	154	03 56
11.º,	Leixões	154	40 21
12.º,	Oliveirense	156	05 00

PRÉMIO DA MONTANHA

Classificação da contagem de hoje

1.º	—Henrique Ramos (Leix.)	15 p.
2.º	—J. C. Carvalho (F. C. P.)	12 p.
3.º	—V. Tenazinha (Loul.) ...	9 p.
4.º	—A. Cestari (Ignis)	6 p.
5.º	—A. Pedro Jr. (Spt.)	3 p.

Classificação geral

1.º	J. C. Carvalho (F. C. P.)	30 p.
2.º	H. Ramos (Leixões)...	15 p.
	G. Pardini (Ignis)	15 p.
	Arlindo Carvalho (Spt.)	15 p.
	A. Pedro Jr. (Spt.)	15 p.
6.º	A. Cestari (Ignis)	14 p.
7.º	V. Tenazinha (Loul.) ...	9 p.
	Peixoto Alves (Bfc.)...	9 p.
	Mário Silva (F. C. P.)	9 p.
10.º	M. Menedez (Licor 43)	6 p.
	Alb. Carvalho (Acad.)	6 p.
12.º	Virgílio Nunes (Tav.)	5 p.
	M. Costa (Alpiarça) ...	5 p.
14.º	Jorge Corvo (Tavira)...	3 p.
15.º	Agost. Correia (Alp.)...	2 p.
16.º	José Pacheo (F. C. P.)	1 p.

O GENERAL WALTER SMITH morreu no hospital

WASHINGTON, 10. — O general Walter Bedell Smith, que foi chefe do estado-maior do general Eisenhower na Europa, na segunda guerra mundial, faleceu ontem, com 65 anos, no Hospital Walter Reed, desta cidade, em consequência de uma crise cardíaca. Foi embaixador na U. R. S. S. durante a administração do presidente Truman e subsecretário do Departamento de Estado durante a presidência de Eisenhower. Também dirigiu os Serviços Secretos Americanos. Reformara-se em 1954.—(F. P.).

FALECEU O GENERAL JEAN GILLES

TOULOUSE, 10.—Faleceu o general Jean Gilles, comandante da 5.ª Região Militar, em consequência de uma crise cardíaca, quando se achava em férias, em Montlouis (Pirenéus Orientais). Contava 57 anos. Foi adjunto do general comandante-chefe na Argélia e comandante das tropas aerotransportadas. — (France Presse).

OS INCÊNDIOS na Terra Nova

S. JOÃO DA TERRA NOVA, 10 — A situação tornou-se novamente alarmante na Terra Nova, onde três aldeias estão ameaçadas pelas chamas.

Evacuaram-se, na terça-feira, os 20 000 habitantes das aldeias situadas entre a baía de Adman e Ladle Cove. Em Gander, recorreu-se a helicópteros para evacuar os inválidos. — (F. P.).

NATAÇÃO

Um grande certame em Filadelfia

FILADELFIA, 10 — São cerca de 300 as nadadoras que já se encontram inscritas para disputar o 4.º torneio internacional de natação e de saltos, da União do Atletismo Amador, que hoje principia a disputar-se na piscina olímpica de Kelly, nesta cidade.

Disputar-se-ão 16 provas, em quatro dias, prevendo-se que sejam batidos vários «records».

Entre as participantes mais famosas conta-se Chris von Saltza, recordista nacional dos 100, 200 e 400 metros-livres, que se apresenta, também, como favorita nos 200 metros-costas.

Segue-se-lhe Becky Collins, recordista dos 100 e 200 metros-mariposa, e Carolyn House, que tem possibilidades de bater o seu próprio «record» dos 1500 metros-livres.

Incentivo garantido para o torneio é a declaração feita por John B. Kelly Junior, principal organizador da competição, de que as provas servirão para seleccionar um grupo de 14 raparigas, que representará os Estados Unidos em diversas provas a disputar na Europa. — (A. N. I.).

ASSUMIU PODERES o novo comandante da base americana das Lajes

ANGRA DO HEROISMO, 10.—Procedeu-se ontem á cerimónia de transmissão de poderes ao novo comandante da «Azores Air Transport Station», general Le Bailly, no aeródromo das Lajes, com a assistência, entre outras individualidades, do substituto do governador do distrito, eng. António Rezendes; do governador militar dos Açores, contra-almirante Paulo Viana; do comandante da Zona Aérea e dos presidentes da Junta Geral e dos Municípios de Angra e da Praia.

Dirigindo-se ao eng. António Rezendes, o comandante anterior, general Dany, prestou homenagem a todos os Portugueses, enaltecendo-lhes o «sábio critério, a compreensão, a afabilidade, a dignidade, a hospitalidade sincera, a colaboração amigável, os gestos de generosidade», de que foi testemunha tanto na Ilha Terceira como em Lisboa — (A. N. I.).

O caso de Bizerta na O. N. U.

NOVA YORK, 10 — A Assembleia Geral da O. N. U. reunir-se-á, em sessão especial, no dia 21, de manhã, para estudar o diferendo franco-tunisiano, segundo anuncia o secretário-geral daquela organização — (A. N. I.)

«TONY» inventor de gaiolas...

LONDRES, 10 — O projecto de gaiola moderna, apresentada em Abril por Anthony Armstrong-Jones, marido de Margarida, para o Jardim Zoológico de Londres, está em vias de realização.

A Sociedade de Zoologia pediu ao conselho do condado de Londres autorização para construir a gaiola, de concepção inteiramente nova, visto que as visitas terão a impressão de se encontrar no meio da passarada.

Um informador do «Zoo» explicou, no entanto, que vão ser introduzidas algumas modificações no projecto inicial de «Tony». — (F. P.).

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

Publicava o «Diário de Lisboa» de 10 de Agosto de 1931, a seguinte nota enviada á Imprensa:

«O conselho geral do Partido Socialista Português, em reunião de ontem, tomou conhecimento de um inquérito feito pelas organizações socialistas nas várias terras do País, onde a crise de trabalho se manifesta com maior intensidade; em face dessas informações, cuja gravidade demanda soluções urgentes, o Partido Socialista vai convocar para a próxima semana uma reunião de militantes operários a quem exporá os seus pontos de vista e as medidas que entende devem ser promulgadas para enfrentar a crise de trabalho».

PROGRAMAS DA RADIO

EMISSORA — *Programa A* — 451 m. — 655 kc./s. — A's 17: A Casa e o Mundo; 17 e 30: Cançonetas; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 19: Defesa nacional; 19 e 10: Concerto pelo sexteto de artistas cegos, dirigido pelo violinista Augusto Coelho; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Melodias; 20 e 25: Cançonetas portuguesas; 20 e 40: «Fala Portugal», um programa de todos para todos os portugueses; 21: Crónica de Angola — Varanda da Europa; 21 e 30: 20 minutos com Beatriz de Sousa Santos e Ivo Mayer; 21 e 50: O ano do seu nascimento; 22 e 5: Girassol; 22 e 45: Jornal sonoro (2.ª emissão); 22 e 55: «A verdade é só uma»: (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 5: Musica de dança; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

Programa B — 397 m. — 755 kc./s. — A's 19: Intérpretes musicais; 19 e 50: Noticiário regional; 20: «Sonata op. 27 n.º 1», de Beethoven; 20 e 15: «Balada», de Granados — «Serenata del Espectro», de Granados; 20 e 40: Arias, pelo tenor Enrico Caruso; 21: Noticiário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Recital, pelo violinista João Silveira com a colaboração da pianista Maria Alvelos; 22: Horizonte, semanário de letras e artes; 23 e 30: Musica contemporea; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 17: Orquestras e canções; ás 17 e 30: Cançonetas; ás 17 e 45: Noticiário; 18 e 1: Um artista; 18 e 15: Motivos portugueses; 19: Variedades; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Um artista; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22: Hot Club; 22 e 15: Cançonetas; 22 e 30: Conjuntos; 22 e 45: Uma orquestra; 23 e 30: Fados e guitarradas; 23 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

Estação Miramar — A's 17 e 32: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Musica regional portuguesa; 18 e 15: Ritmos de baile; 19 e 15: Imagens por musica; 19 e 35: Uma orquestra; 20: Noticiário; 20 e 10: Melodias; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Motivos portugueses; 21 e 30: Paisagem intelectual; 22: Programa «Jazz»; 22 e 30: Cançonetas; 23: Rua Larga; 23 e 30: Ritmos de baile do «Pinguim»; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18: Passatempo para o lar; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Programa eventual; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: França, horizonte do mundo: 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 30: Amadora em marcha; 22 e 30: Sinal verde; 23: A 23.ª hora; 1 e 50: Noticiário; 2: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 á 1: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 19 e 30, abertura; 19 e 32, telejornal; 19 e 45: episódio da série «O Menino do Circo»; 20 e 10, «Onde a ciência começa», produção e apresentação do dr. Ramiro da Fonseca; 20 e 25, «Imagens do Algarve» (a Costa de Oiro); 20 e 35, «As melhores histórias do Post»; 21, Cursos de Férias da Faculdade de Letras; 21 e 30, telejornal; 22 e 5, «Selecção Policial», coordenação de A. Varatojo (programa Mabor); 22 e 45, canções por Ray Martino: acompanhamento pelo Conjunto de Jorge Costa Pinto; realização de Fernando Frazão; 23 e 15, XXIV Volta a Portugal em bicicleta (transmissão dos estudios do Porto); 23 e 30, telejornal e ultimas notícias.

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR

Dia 10 — 16 e 1 (3,96 m.).
Dia 11 — 4 e 28 (3,76 m.); 16 e 36 (4,01 m.).
Dia 12 — 4 e 53 (3,79 m.); 17 e 7 (4,03 m.).

BAIXA-MAR

Dia 10 — 21 e 48 (1,15 m.).
Dia 11 — 9 e 50 (1,13 m.); 22 e 11 (1,05 m.).
Dia 12 — 10 e 20 (1,05 m.); 22 e 48 (1,00 m.).

CARTAZ DO DIA

CINEMAS

S. LUÍS — «Suspeita».
TIVOLI—«Acorda-me depois da tormenta».
S. JORGE — «O inimigo do espaço».
IMPÉRIO — «Os canalhas».
EDEN — «Paris etc.... e tal».
ODEON — «Ama Rosa».
MONUMENTAL — «O juiz e o vigarista».
ALVALADE — «Suspeita».
POLITEAMA — «Série negra».
CONDES — «Prepara o teu testamento»
ROMA — «Um raio de luz».
AVIS—«Herança selvagem».
ROYAL — «A revolta dos renegados».
COLISEU—«Zorro, o vingador».
OLIMPIA — «O desconhecido».
RESTELO — «Matou».
IDEAL — «A conquista do infinito»
SALÃO LISBOA — «Texas».
ESPLANADA PORTUGALIA — «Amazonas».
JARDIM CINEMA — «Tropicana».
ARCO-IRIS — «Anjo de fogo».
CAPITOLIO — «Emboscada sangrenta».
S. L. EENFICA — «A ferida luminosa».

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO J

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (638256).

ALCANTARA — Nogueira, R. de Alcantara, 5-A (637563).

ALMIRANTE REIS — Antolin, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 88-B-C (44173) ✲ **Magalhães,** Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479).

ALTO DO PINA — Pais, R. Abade de Faria, 22-A-B (723965).

ALVALADE — Lídia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) ✲ **Marbel,** Av. de Roma, 131-A (776335) ✲ **Nova Iorque,** R. António Patrício, lote 247 da Av. E. U. A. (760658).

AMOREIRAS — Amoreiras, Pr. das Águas Livres, 8-D. (681515).

AREEIRO — Lusitana, Av. de Roma, 18-A (725443) ✲ **Chinde,** R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).

AVENIDAS NOVAS — Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324). ✲ **Sá da Bandeira,** Av. Duque de Avila, 203-B (41961) ✲ **Oliveira Viegas,** Rua Viriato, 29-29-A (48966).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n. 41 (389216).

BAIXA — Formosinho, Pr. dos Restauradores, 18 (30927) ✲ **Normal,** R. da Prata, 220 (21342) ✲ **Instituto Pasteur de Lisboa,** Rua Nova do Almada, 71 (30521).

BENFICA — Vicente, Est. de Benfica, 466-A (782606) ✲ **Alegria,** Est. de Benfica, 180-A-B, (780511) ✲ **Progresso,** Rua A-da-Maia, 64-C (702226).

CAMÕES — Macedo, R. do Loreto, 71 (23631).

CAMPO DE OURIQUE — Maria Pia, R. D. Maria Pia, 514 (687949) ✲ **Linaida,** R. Ferreira Borges, 30 (660955).

CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) ✲ **Salutar,** R. B. n.º 75-A-B (Bairro da Liberdade) (683694).

CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (53308).

ESTEFÂNIA — Délio, R. Açores, 32 (52388).

ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R. da Bela Vista, á Lapa 37 (661251).

GRAÇA — Almeida Dias, L. da Graça, 38-A-39 (862909) ✲ **Higiénica,** R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).

LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332) ✲ **Douro,** Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (791131).

MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612).

PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).

PEDROUCOS — Higilux, R. de Pedroucos, 50-52 (610280).

PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV (843571).

PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703-728395).

REGO — Berne, Av. de Berne, 44-A (773568).

SANTO AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638132).

S. BENTO — Micael, R. de S. Bento, 380-382 (662162) ✲ **Açoreana,** Largo do Conde Barão, 2 (661330).

ST.ª MARTA — Luiz de Magalhães, Ld.ª — R. de St. Marta, 15-A-B (46490) ✲ **Salix,** R. Barata Salgueiro, 54 (730820).

DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (382470) ✲ **Banha,** Est. de Chelas, 173-175 (382241) ✲ **Cruz de Malta, L.** do Chafariz de Dentro 36 (866120).

OS BOMBEIROS de Peso da Régua na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 10. — Nesta cidade esteve uma larga representação dos Bombeiros Voluntários de Peso da Régua que foram recebidos á chegada pelos seus colegas desta cidade, com o respectivo comandante sr Mário Santos.

Na sede dos Bombeiros Voluntários realizou-se depois uma sessão de boas-vindas. Nela usaram da palavra os srs. drs. Inácio Reis Lopes e António Teixeira Veludo.

Por fim, foi oferecido aos bombeiros de Peso da Régua, um porto de honra, no qual se fizeram brindes, pelo que esta confraternização foi muito afectuosa.

O desenvolvimento do turismo

(Continuação da página central)

diminuir o numero de pedidos de reservas nos antigos hotéis.

Segundo uma publicação oficial da Organização Europeia de Cooperação Económica (O. E. C. E.) a Suíça possui, actualmente, 200 000 camas, na industria hoteleira, e Portugal 42 000; mas acontece que, acerca do nosso País, ainda são desconhecidas, dos interessados, as actuais possibilidades. Quando isso acontecer, ainda virão a Portugal mais turistas estrangeiros.

Está-se, também, fazendo uma campanha para desenvolver o turismo nacional, convencendo os portugueses de que, em vez de se deslocarem ao estrangeiro, devem gozas as férias, em Portugal, onde, além dos antigos hotéis de Lisboa e de mais duas ou três cidades, existem hoje esplêndidas unidades hoteleiras, não só nas duas capitais e nos arredores, mas em diversos pontos da província, como, por exemplo, no Algarve.

Deve lembrar-se, a propósito, que, em 1960, houve um total de saídas, de Portugal para o estrangeiro, de 367 415 pessoas, e que em Torremolinos, conforme noticia á «Revista de la Costa del Sol», de 250 000 frequentadores, em 1960, só 81 308 eram estrangeiros.

Unidades hoteleiras de tipo médio

Sabemos que, desde que se reconhece que já estamos apetrechados convenientemente em hotéis de luxo e de primeira classe o critério seguido agora, nas instancias oficiais respectivas é facilitar a criação de numerosas unidades hoteleiras de tipo médio, propícias ao desenvolvimento do turismo para portugueses.

O aumento do numero de camas

E' interessante, para rematar, citar esta informação oficial da O. E. C. E.: «De Julho de 1949 a Julho de 1959, Portugal aumentou o seu numero de camas, em cento e trinta e quatro por cento. Foi o País em que se verificou maior aumento: tinha 17.540 camas em 1949 e em 1959 cerca de 42 000; podemos acrescentar que, durante este ano, o numero de camas, em hotéis e pensões, em Lisboa e nos arredores, aumentou de cerca de quinze por cento.

VIDA MUSICAL

Concerto em Alcantara pela banda dos Bombeiros de Fanhões

A banda de musica dos Bombeiros Voluntários de Fanhões, em homenagem ao povo do bairro de Alcantara, dá, no domingo, ás 17 e 45, um concerto no Bairro Económico Dr. Oliveira Salazar — Alvito.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	652$00	650$00	655$00
Cons. 3 % T. 10	694$50	694$00	695$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	822$00	821$50	822$00
Centenários 4 % 1940	2.000$00	1.998$00	2.002$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.007$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.006$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.008$00	—
Externo 1.ª série	—	—	—
Ext. 1.ª série car.	—	—	1.150$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext. 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	—	—
Caut. 3.ª série s/juro	—	205$00	210$00
Obrigações			
Águas Lisboa 5 %	—	460$00	480$00
Norte de Portugal 5 %	—	101$50	—
Gás Elect. 3 3/4 % ...	900$00	—	910$00
Gá Elect. 4 %	—	880$00	905$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	915$00	910$00	920$00
Gás Elect. 5 %	—	—	915$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	83$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	87$00	—
U. E. P. 5 % 1951	89$00	—	89$50
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	910$00	903$00	912$00
H. E. da S. E. 3 1/2...	615$00	600$00	620$00
C. P. 1 1/2	—	995$00	1.001$00
Metropolitano	—	—	915$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	600$00
Angola	—	—	2.300$00
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	—	1.960$00
Portugal	—	—	2.750$00
Ultramarino	1.275$00	1.270$00	1.280$00
Agricultura	—	—	59$00
Seguros			
Mundial	—	330$00	—
Sagres	—	—	2.000$00
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.300$00	—
C.ªs Ultramarinas			
Ag Cassequel	—	660$00	700$00
Ag. das Neves	—	—	280$00
Agric. Colonial	—	—	165$00
Açucar de Angola	—	930$00	950$00
Boror	—	150$00	185$00
Cabinda	—	—	—
Cadá	—	1.150$00	1.200$00
Colonial do Buzi	—	95$00	97$00

C.ªs Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Ilha do Principe	—	—	800$00
Incomati	—	—	1.400$00
Moçambique	46$00	45$50	47$00
Zambézia	77$50	77$00	78$50
Diamantes	405$00	404$00	407$00
Lobito	320$00	315$00	325$00
C.ªs Diversas			
Cimentos Tejo	—	—	690$00
Cimentos Leiria	—	560$00	—
Crédito Predial	53$50	53$20	54$00
Industrial Aliança	—	310$00	—
Portugal e Colónias ...	—	450$00	460$00
Nacional Navegação ...	—	930$00	1.000$00
Colonial Navegação ...	—	700$00	—
Port. de Celulose	—	3.210$00	—
Portuguesa de Pesca...	—	—	1.320$00
Port. de Tabacos	—	296$00	297$00
Tabacos de Portugal...	—	575$00	600$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	—	315$00	320$00
Aguas Lisboa 1936	—	313$00	317$00
Elect. das Beiras	1.620$00	1.618$00	1.625$00
Gás e Electricidade ...	290$00	289$50	290$50
H. Alto Alentejo	—	158$00	160$00
H. E. Cávado	1.268$00	1.265$00	1.275$00
H. E. Zêzere	—	1.230$00	1.240$00
Nac. de Electricidade ..	1.275$00	1.270$00	1.280$00
União Eléctrica Port. ..	—	165$00	170$00
H. E. do Douro	—	1.190$00	1.210$00
H. E. Portuguesa	101$00	100$00	101$00
H. E. S. Estrela	—	—	—

PAÍSES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	35$50	37$50
Alemanha	7$10	7$35
América:		
Dólares de 1 e 2	28$30	28$80
Dólares de 5 a 1000	28$50	29$00
Argentina	$33	$36
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$56,7	$58,7
Brasil	$10,5	$12
Canadá	27$50	28$20
Congo Belga	$23	$28
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$47,5	$49
França (N. Franco) ...	5$70	5$90
Holanda	7$85	8$15
Inglaterra	79$75	81$75
Itália	$04,6	$04,75
Marrocos	4$80	5$30
Noruega	3$95	4$15
Suécia	5$45	5$75
Suíça	6$60	6$80
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	285$00	297$00
Portugal — Barra	34$10	35$10
Portugal — Barra fino	34$30	35$30

Obtenha das suas economias o melhor rendimento aplicando-as em operações de crédito com

GARANTIA REAL

NA

A FINANCIADORA

COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO S. A. R. L.

Sede: Av. da Liberdade, 3-2. — LISBOA

Sucursais no Porto e Coimbra

J. BURNAY, LDA. Notas estrangeiras

RUA DO OURO, 72 TELEF. 21273

Papéis de crédito

Já regressou aos Estados Unidos

o avião da Pan American desviado para Havana

por um francês que discorda da política argelina de Kennedy

MIAMI, 10. — O avião a jacto «DC-8» da Pan-American, cujo piloto foi obrigado, sob a ameaça de uma pistola, a seguir da cidade do México para Havana, aterrou, na noite passada, em Miami com os seus 72 passageiros e 9 tripulantes, após o Governo cubano ter libertado o aparelho e prendido o assaltante, que se anunciou ser um francês, chamado Cadon.

Os passageiros que chegaram a esta cidade disseram que o primeiro-ministro cubano, Fidel Castro, e o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Raul Roa, assitiram á descolagem do avião.

Antes do aparelho aterrar, um representante do xerife do condado de Miami anunciou que nenhum jornalista seria autorizado a entrevistar os passageiros ou os tripulantes antes de passarem pela Alfandega e os Serviços de Emigração.

Ao aproximar-se do aeroporto, o comandante de bordo, capitão Carl Ballard, comunicou para a torre de comando: «Nunca gostei tanto de ver este sítio...»

COMO SE DEU O ASSALTO

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Colombia, um dos passageiros, relatou como segue a aventura do «DC-8»:

«Acabavamos de largar do aeroporto da Cidade do México, havia uns 5 minutos. Eu estava sentado, a ler. De repente, um homem passou a correr pelo corredor, a caminho da porta da cabina dos pilotos em frente da qual estava um criado. Ordenou-lhe que abrisse a porta. Depois de uns momentos de hesitação, o criado abriu-a e o homem enfiou pela cabina com o criado. Este saiu logo depois e só então compreendemos o que havia sucedido.

«Na cabina, estavam os dois pilotos. O avião mudou de rota e começou a tomar altura. Os passageiros foram avisados de que o avião subia para economizar carburante. Disseram-nos, também, que talvez fosse preciso utilizar as máscaras de oxigénio. Pouco depois, descíamos e poisavamos no aerodromo José Marti, em Havana.

«A milicia cubana entrou imediatamente a bordo e desarmou o «raptor». Era a primeira vez que o víamos de frente, bem como o seu revólver que parecia ser uma arma espanhola. O homem, muito magro, aparenta uns 24 anos».

TRATA-SE DE UM LOUCO

O capitão Carl Ballard, comandante de bordo, contou também aos jornalistas como decorreu o rapto.

Quando disse ao repórter que receava uma falta de gasolina este respondeu: «Não vamos parar para meter combustível. Se cairmos á água cairemos todos juntos».

O primeiro oficial de bordo, o co-piloto Sam Enfield, contou, por sua vez, que o assaltante perguntava a toda a gente: «E' casado?». Quando lhe respondiam afirmativamente dizia que tinha dois filhos residentes em Paris, mas que ele e a mulher residiam em Nova York havia três anos. Chegara ontem, de manhã, á Cidade do México, em autocarro. O homem disse-se parisiense e favorável á independência argelina. «Não sou comunista nem cubano». Várias vezes repetiu que não gostava da maneira como Washington — e o presidente Kennedy — se «imiscuiam nos assuntos da Argélia», e que pretendia demonstrá-lo.

Enfield disse que ao apontar Havana a Cadon ele respondeu: «Nunca lá estive. Não sei se é de facto Havana».

Quando, finalmente, se convenceu de que tinha aterrado em Hacana, Cadon tirou o carregador da pistola e deu as balas como recordação aos membros da tripulação.

O comandante de bordo e o co-piloto são unanimes em dizer que parecia tratar-se de um homem completamente louco. — (F. P. e R.).

A IDENTIDADE DO RAPTOR

WASHINGTON, 10. — O homem que desviou o «DC-8» é um pintor francês que se chama Charles Cadon e tem 27 anos, ao que anuncia oficialmente o F. B. I. Para viver, Cadou trabalhava como criado de café, em Nova York.

O director do F. B. I., Edgar Hoover, declarou que Charles Cadon será pronunciado por «pirataria, ameaças á mão armada e ameaças com intenção de cometer um acto criminoso».

A mulher de Cadon, que vive em Nova York, declarou aos agentes do F. B. I. que o marido esteve já internado numa clínica de doenças mentais e que na sexta-feira, depois de uma violenta discussão, abandonou a casa.

Cadon encontra-se nos Estados Unidos desde 1957, possuindo a cédula marítima.

Cadon ficou preso no quartel da Polícia militar cubana, em Havana. — (F. P. e R.).

TENTATIVA DE RAPTO

de um avião cubano que se despenhou

HAVANA, 10—Um bimotor «Curtis 0-46» da Aerovias, despenhou-se ontem á tarde, perto de Havana, depois de violenta troca de tiros na cabina dos pilotos: Contra-revolucionários tentaram obrigar os aviadores a poisar na Florida.

O piloto, o capitão José Eusebio Alvarez del Regato, veterano das carreiras aéreas cubanas, perdeu a vida no acidente. O avião ia de Havana para a ilha dos Pinheiros e levava a bordo, como todos os aviões cubanos, um guarda armado. Ignora-se ainda se houve outras vítimas entre os 18 passageiros. — (F. P.).

Dois «discípulos» de von Braun não recuperaram um «gato astronauta»

VERONA (Itália), 10. — Dois rapazes italianos atiraram um gato a 1500 metros de altura num foguetão de dois andares, mas o animal morreu por se ter avariado o pára-quedas que o traria a salvo ao solo.

A Polícia multou os «cientistas» por terem causado uma explosão perigosa e inflingido maus tratos a um animal.

O foguetão tinha, 1,20 metros de altura e era impulsionado por pólvora. O gato estava instalado numa cápsula de madeira. — (R.).

A Inglaterra e a Dinamarca pedem hoje a admissão no Mercado Comum

COPENHAGUE, 10 — O pedido oficial de admissão da Dinamarca no Mercado Comum será entregue, hoje, em Bruxelas na sede do Euromercado — segundo foi anunciado nesta cidade.

Mediante um acordo entre a Dinamarca e a Grã-Bretanha o pedido dinamarquês seria entregue logo após o pedido oficial britanico, que também é apresentado hoje em Bruxelas. — (R.).

A situação em Angola

(Continuação da 1.ª página)

que constituiam a coluna entrou na povoação deserta. Um quarto de hora mais tarde o comando deu a ocupação por consolidada.

Os aviões da Força Aérea Portuguesa, que durante o avanço da coluna a haviam apoiado, voando a baixa altura sobre o percurso seguido até Nambuangongo, evoluiram durante mais alguns minutos e depois de saudarem a bandeira portuguesa, de novo a flutuar naquela terra portuguesa, regressaram á base. Missão cumprida.

Ataque a Uamba

Prosseguem agora as operações de limpeza em toda a área vizinha.

Se bem que a tomada de Nambuangongo fosse, naturalmente, o facto dominante, a verdade é que o dia de ontem registou acontecimentos de importancia, nomeadamente a reconquista da povoação de Uamba, ao Norte do distrito de Malanje. As tropas portuguesas entraram na localidade e ali hasteram a bandeira portuguesa com as honras da ordenança, depois de um combate com grande concentração de terroristas, nas margens do rio Uamba, que dispersaram, com baixas. Nenhum militar ficou ferido.

Entretanto, na região de Carmona, forças militares prosseguem as operações de limpeza nos matagais, tornando-se agora mais difícil a sua acção, pois os terroristas evitam os combates, escondendo-se. Pensa-se, aliás, que não sejam já muito numerosos, dada a pouca frequência dos ataques. Durante todo o dia de ontem apenas um comboio de quatro camiões pesados que passava na estrada Carmona-Negage foi alvejado, a tiros de «canhangulo» por terroristas escondidos no capim, que, no entanto, embora danificassem os veículos, não causaram ferimentos nos seus ocupantes. Também apenas duas roças abandonadas foram assaltadas e, como habitualmente, saqueadas e incendiadas: a de José Martins Xavier e a da Companhia do Congo Agrícola, ambos no distrito do Congo.

Prossegue a colheita do café

A campanha da colheita do café prossegue, entretanto, tendo chegado a Carmona mais 300 trabalhadores e elementos do Corpo de Voluntários destinados a roças da região. Também uma brigada das Obras Publicas vai principiar, sob a protecção das forças militares, a reparação da estrada Carmona-Negage-Camabatela.

Um militar ficou ferido na luta travada com um grupo de terroristas que, a Nordeste da Camabatela, na região da Canhangoa, armou uma emboscada a uma patrulha, que reagiu imediatamente ao ataque, dispersando os bandoleiros.

Segundo os observadores, os êxitos não devem, todavia, ser encarados com optimismo inconsciente que leve a julgar estar tudo acabado para os terroristas. Os inimigos de Portugal — sublinham — não desarmam, além de que os bandoleiros ainda dominam algumas regiões montanhosas, de difícil acesso, como a sinistra Pedra Verde. — (A. N. I.).

MAIS TROPAS para o Ultramar

Mais dois contingentes de tropas partiram hoje para o Ultramar, em dois navios da Marinha Mercante. As tropas formaram na parte exterior da Estação Marítima de Alcantara e desfilaram perante o director da Arma de Cavalaria e outros oficiais generais. Embarcaram momentos depois e os navios largaram ao som do Hino Nacional, executado por uma banda militar.

Reportagem em Angola por um jornalista brasileiro

Seguiu para Angola, por via aérea, o redactor-chefe da revista «O Cruzeiro», do Rio de Janeiro, dr. Mário de Morais, que fará uma reportagem dos acontecimenats daquela província ultramarina.

Cartazes e vinhetas do S. N. I.

O Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo fez agora uma larga edição de cartazes coloridos e de vinhetas que os reproduzem, em miniatura, com as seguintes legendas: «Unidade nacional»; «Angola é terra de Portugal»; e «O boato é inconsciência e crime».

A delegação cubana prossegue os ataques aos Estados Unidos

na Conferência Económica Interamericana

PUNTA DEL ESTE, 10 — Foram lidos, ontem, três projectos de resolução cubanos, de carácter puramente político, na primeira sessão da quarta comissão da conferência económica de Punta del Este, consagrada á informação publica. Incidem os projectos, respectivamente, sobre a «participação dos operários do campo e das cidades na planificação do desenvolvimento económico e social», a «informação livre», e o «encorajamento da informação directa entre os povos americanos».

Os dois primeiros projectos contêm ataques directos contra os Serviços de Informação dos Estados Unidos, sem, todavia, nomear aquele país. Propõem, respectivamente, «um apelo aos governos americanos e favor da criação, para os interesses privados ou do Estado, de agências nacionais que interpretam a realidade» acerca dos povos americanos e dos «intercambios, numa base de reciprocidade de publicações, filmes e outro material de informação», assim como a eliminação das «proibições, represálias e ameaças contra a liberdade dos cidadãos de qualquer país do continente, para evitar que visitem outro país».

Os três projectos cubanos, assim como uma resolução da Guatemala, pedindo que a educação passe a fazer parte integrante da campanha de informação, foram as unicas apresentadas até agora á quarta comissão da conferência. Os autores dos projectos representam, por estranha coincidência, os países que há alguns meses sustentam um diálogo acerbo no Conselho da O. E. A. Estão, de resto, decididos a prosseguí-lo naquela comissão, que é a unica das quatro comissões da conferência que se presta a debates políticos. Os seus representantes, Ramos Palácios, de Cuba, e Isidoro Zarco, da Guatemala, desde o início da sessão que insistem pela leitura e discussão do documento de trabalho preparado por uma comissão de especialistas que contém uma condenação expressa de Cuba. O presidente da comissão, embaixador Manuel Escalante, da Costa Rica, apoiado pelos delegados da Colômbia, Dário Bautista, e do México, o embaixador Vicente Sanchez Gavito, preparou imediatamente o terreno para impedir que as discussões degenerem em diatribes políticas.

O relatório em questão não passa de um documento de informação que poderá ser lido se a máioria dos delegados o desejar, declarou Escalante. O embaixador Sanchez Gavito afirmou que só os dois projectos apresentados pelos países membros da O. E. A. poderão ser discutidos. O delegado da Guatemala tentou então abrir o debate, qualificando os projectos cubanos como «atentado á integridade da profissão jornalística». A sessão foi imediatamente encerrada pelo seu presidente, «para dar aos delegados tempo para estudar os projectos apresentados».—(F. P.).

47 MORTOS num desastre de viação?

JAMMU (Cachemira), 10. — Receia-se tenham morrido 47 pessoas que seguiam num autocarro quando este foi arrastado pelas águas caudalosas de um rio, a cerca de 80 quilómetros desta cidade. As brigadas de salvamento enviadas para o local não encontraram ainda vestígios do autocarro ou qualquer cadáver. — (R.).

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 6 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: Em Portugal continental o vento era moderado de Norte e o céu estava limpo por acção de uma massa de ar transportada na circulação conjunta de um anticiclone centrado a noroeste do Cabo Finisterra e de uma depressão centrada sobre a Península Ibérica.

TEMPERATURA DO AR ÀS 6 HORAS (T. M. G.): Bragança, 14°; Porto, 12°; Portalegre, 16°; Penhas Douradas, 12°; Lisboa, 15°; Faro, 17°; Ponta Delgada, 22°; Funchal, 20°; Beja, 11°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS ÀS 10 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 18°,7; na água do mar, 15°

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 26°,2; mínima, 15°,6. No mesmo dia do ano passado: máxima, 26°; mínima, 15°,6.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: Céu geralmente pouco nublado, vento moderado de Noroeste.

Fidel Castro

acolheu amàvelmente os passageiros do «DC-8» raptado e foi despedir-se deles ao aeroporto

HAVANA, 10 — Logo que chegaram ao aeroporto de Havana os passageiros do «DC-8» foram conduzidos para a sala de espera. As autoridades cubanas mandaram-lhes distribuir taças de «Daiuiri», a clássica bebida cubana, ao mesmo tempo que guitarristas lhes dedicavam um concerto improvisado de cantos típicos.

O ministro dos Negócios Estrangeiros colombiano, Julio Cesar Turbay, que se encontrava entre os passageiros do avião foi recebido no aerodromo da Havana pelo seu colega cubano, Raul Roa. Pouco depois da sua chegada, Turbay, acompanhado por Raul Roa dirigiu-se para a cidade de automóvel.

Roa levou o ministro colombiano para uma residência do bairro das embaixadas de Havana, onde minutos depois, chegava o primeiro-ministro Fidel Castro. Muito amável, este disse a Torbay que se sentia numilhado com o que sucedera.

O chefe do Governo cubano afirmou-lhe: «Isto não deve voltar a acontecer. No dia 4 de Agosto enviei uma nota ao Governo dos Estados Unidos pedindo medidas recíprocas para evitar o roubo de aviões de ambas as partes».

Fidel Castro acompanhou o ministro dos Negócios Estrangeiros colombiano, Julio Cesar Torbay, até á ponte do «DC-8» que ia regressar a Miami. O primeiro-ministro cubano, muito á vontade, cumprimentou o capitão Ballard, comandante do aparelho, dizendo que o seu Governo fazia votos pela adoppara evitar que incidentes como esção de medidas de reciprocidade, te se repitam.

Antes do avião levantar voo para Miami as autoridades cubanas ofereceram presentes aos passageiros e tripulantes, dando flores ás senhores e garrafas de rum cubano aos homens.

O acolhimento dispensado a Torbay tem um significado especial, dado que o ministro se tem declarado um inimigo do regime castrista. — (F. P. e R.).

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» NÚMERO 159

LIVROS E LEITORES

• ANTUNES DA SILVA INICIA O DIÁLOGO COM O PÚBLICO

O diálogo entre o leitor e o escritor que o «Diário de Lisboa» possibilita ao publico através de «Vida Literária» inicia-se esta semana. A ideia lançada no ultimo suplemento literário para o estabelecimento de um diálogo continuo e util entre o publico e os autores foi compreendida. Já hoje publicamos uma carta de um leitor de Lisboa dirigida a Antunes da Silva a propósito do seu livro «Suão», Prémio dos Leitores de Romance de 1961. A forma como Antunes da Silva recebeu a ideia de *Livros e Leitores* e a rapidez com que nos enviou uma resposta clara e util permite-nos esperar de outros escritores igual entendimento desta nova iniciativa do «Diário de Lisboa», inédita entre nós.

Livros e Leitores possibilita ao publico a formulação de perguntas aos escritores portugueses. Pedidos de esclarecimento sobre a estrutura de obras de ficção, situações, personagens, sobre livros de ideias, construção e sentido de ensaios, são temas que podem ser abordados em *Livros e Leitores*, que se converterá, assim, num valioso elemento de comunicação e de informação. Todas as cartas que recebermos enviadas a *Livros e Leitores* — Vida Literária — «Diário de Lisboa» — Rua Luz Soriano, n.º 44, serão remetidas aos autores referidos para que estes nos enviem os esclarecimentos pedidos. Estabelecer-se-á, deste modo, um diálogo autêntico, permanente e fecundo.

— Que dificuldades encontrou na passagem do conto para o romance?

José Manuel Cardoso—Lisboa

Antunes da Silva enviou-nos o seguinte esclarecimento:

Não dei, aparentemente, por dificuldades, na passagem de um

(Continua na página central)

Pintura de F. Mateos

Fernanda Botelho

construiu no romance um tríptico do nosso tempo

por JOÃO PEDRO DE ANDRADE

A atribuição recente do prémio Camilo Castelo Branco á autora de «A Gata e a Fábula» veio pôr no primeiro plano da actualidade literária uma escritora que, mesmo sem aquela distinção, não poderia deixar de ser considerada como uma das presenças mais significativas da literatura portuguesa de hoje. Três romances num período de pouco mais de três anos representam, de facto, uma decidida vocação, menos sob o aspecto quantitativo, que pelo facto de se tratar de obras independentes entre si, denunciando embora a mesma vigorosa marca de origem.

Nos três romances sucessivamente publicados, Fernanda Botelho revela-se, afirma-se e constroi-se. São três edifícios de uma mesma cidade, que, a despeito da semelhança dos estilos e do estreito parentesco da fauna que os habita, apresentam características diferentes. Isso faz que cada um deles mereça a preferência deste ou daquele crítico responsável, na mais admirável discordancia que já se verificou sobre uma obra que, mau grado o tom definitivo de cada uma das partes que a compõem, é lícito supor que está no início.

Poderá, pois, dizer-se, que não há um progresso em Fernanda Botelho? Não existe, de facto, uma linha claramente evolutiva de «O Angulo Raso» a «A Gata e a Fábula», no sentido do apuro formal, da penetração psicológica, da estruturação da história. Isto não quer dizer que Fernanda Botelho tenha esgotado as suas virtualidades no primeiro romance que compôs. Tão-pouco pôs de reserva, calculadamente, alguns recursos para uso

(Continua na página seguinte)

Senghor indigitado

por um jornal sueco para o Nobel – 61

Um jornal de Estocolmo indigita Leopold Senghor para o Prémio Nobel da Literatura de 1961.

O facto de Senghor ser Presidente da Republica do Senegal leva algumas correntes de opinião a considerar improvável a atribuição do Nobel aquele poeta negro. A posição política de Senghor constituiria, segundo alguns sectores da crítica literária, elemento estranho e mesmo oposto ao espírito do prémio.

A praga dos gafanhotos e o absurdo de Nathanael West

por ALFREDO MARGARIDO

O elemento que mais singulariza a obra de Nathanael West é o seu desencanto, ou mais ainda, a sua total falta de fé no homem. Não se trata de um pessimismo marcado por laivos fatalistas, mas simplesmente do desencanto do homem que, tendo examinado friamente a constituição do corpo, dos gestos e dos pensamentos humanos, perde inteiramente a fé. Daí que a sua obra esteja assinalada por uma completa negação do acto demiurgico, enquanto entendido como literatura. O homem que nos revela está fatalmente podre; nada há a fazer com ele, a não ser, como ultimo recurso, a purificação pelo fogo. A cena do *incêndio de Los Angeles* desempenha neste livro um papel singular, na medida que, em todos os movimentos dos grupos humanos com que contacta, o jovem pintor Tod Hackett descobre mais uma cena de um patético frustrado para integrar no seu quadro. E essas labaredas, que vemos competir com o próprio fulgor do sol, não fazem mais do que concentrar aquela força de purificação que será necessária para reformar a vida do homem. Posição tipicamente protestante, ésta? Sem duvida, mas não devemos esquecer o quanto ela deve a um surrealismo levado a pontos extremos de agressividade e de anarquismo.

Com efeito, este escritor de biografia breve, nascido em 1903 em Nova York, cujo verdadeiro nome era Nathan Weinstein, frequentou a Universidade de Brown e exerceu profissões profundamente afastadas entre si. Até 1934 foi gerente de um hotel residencial nova-iorquino, passando depois a director associado do magazine «*Contact*», ao lado do poeta William Carlos Williams. Depois de ter publicado *Miss Lonelyhearts*, West passou cinco anos em Hollywood, onde escreveu argumentos para filmes (*Advice to the Lovelorn, Five Came Back, I Stole a Million, Spirit of Culver* e *Men Against the Sky*). Morreu em 1940, num desastre de automóvel.

Nathansel West

Este romance de singular acuida-

(Continua na 19.ª página)

Defendo as obras que contribuam para a compreensão do Homem e do Mundo

— afirma Vasco Costa Marques

Funcionário publico, professor do ensino particular, técnico de publicidade, tradutor e autor de novelas policiais, Vasco Costa Marques tem uma biobrafia quase norte-americana e três livros de poemas que o definem como um dos nossos mais poderosos e originais poetas satíricos. Colocado em 4.º lugar entre os livros de poesia, no inquérito realizado pelo «Diário de Lisboa» para a atribuição dos Prémios dos Leitores, Vasco da Costa Marques não tem editor. «Trânsito proibido» (1950), «Poesia dos dias úteis» (1956) e «O mundo possível» (1961) são três obras singulares, que situam este poeta de trinta e dois anos no primeiro plano da literatura portuguesa do nosso tempo.

— Como situa a sua poesia no actual panorama literário nacional?

— Penso poder afirmar que a minha poesia se enquadra num movimento que, por comodidade, designo como sucessor do neo-realismo. Sucessor, não porque continuasse o conceito de realismo implícito nas obras dos poetas do Novo Cancioneiro, mas porque o substituiu por outro, alheio a esquematismos ainda que de boa intenção, e em que se trava, humilde mas confiadamente, um efectivo diálogo com a realidade.

— Como define esse realismo?

— Não se define nem por uma determinada temática nem pela escolha ou recusa de determinados aspectos formais, mas, fundamentalmente, porque traduz uma mesma atitude em face da vida.

— Quais as figuras significativas do realismo de que fala?

— Tomando exemplos apenas entre obras recentemente divulgadas,

(Continua na 19.ª página)

A N. V. francesa e portuguesa

Na «Madame Sans-Gêne», Fouché fixou o nome de Bonaparte ainda o Corso era tenente. A publicidade permite-nos fixar desde já os futuros Goncourt e membros da Academia Francesa. Em Outubro, oito casas editoras, a Culmanspévy, a Laffont, Seuil, Albin Michel, Grasset, Gallimard, Denoel e Juliard, vão lançar, respectivamente, os jovens autores Pierre Barat, 24 anos, inspector de vendas, («L'Euluve»), Thadée Chamski, 31 anos, capitão da marinha mercante, («La Harka»), Jean Chalon, 26 anos, leitor na Universidade de Valência («Les plaisirs infinis»), Pierre Delastre, 37 anos, professor de liceu («Le Piège»), Jean Dubacq, 38 anos, pintor («Les dentelles de la guerre»), François Martel, 39 anos, militar na Argélia («Le grand porteur»), Catherine Paysan, universitária, («Nous autres les sanchez»), e Gilles Taurand, 18 anos, universitário («La contagion»).

Dois universitários, um militar, um marinheiro, um professor de liceu, um professor universitário, um inspector de vendas e um pintor, sete homens e uma mulher, o mais jovem com 18 anos, o mais velho com 39.

Nós aguardamos o primeiro livro de contos e um volume de poesia de Maria Teresa Horta, os primeiros romances de Fiama Hasse Pais Brandão (universitária) e Mário Henriques, narrativas de Fernando Pernes e Renato Boaventura, um ensaio sobre Almada, de José Estevão Sasportes (todos jornalistas), um novo romance de Francisco de Sousa Neves, provàvelmente uma antologia de peças de teatro, etc.

Título da peça de Fiama Hasse Pais Brandão: «Os chapéus de chuva».

A cachimbada pré-histórica

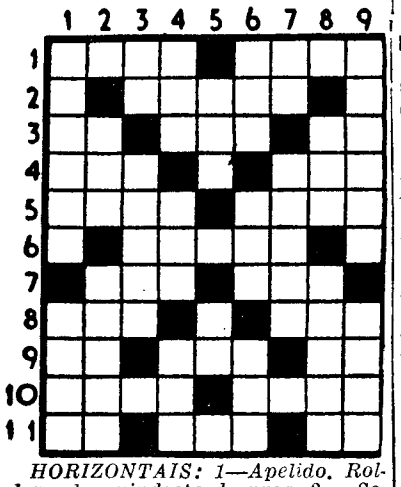
A invenção dos cachimbos remonta á época pré-histórica, o que quer dizer que os nossos avós das cavernas já fumavam a sua boa cachimbada. Os modelos conhecidos eram de ferro e revelam uma técnica já muito perfeita para a época em que foram feitos.

— Custou, mas sempre consegui apanhar um peixe...

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Probema n.º 2397



HORIZONTAIS: 1—Apelido. Roldana do guindaste de proa. 2 — Solo. 3 — O mais. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Deus dos pastores. 4 — Pronome pessoal. Seguiam. 5 — Cidade de França Pão de milho. 6 — Pequena embarcação. 7 — Tanto. Pronome pessoal. 8 — Pedras de moinho. Chiste. 9 — Campeão. Progenitor. Culpada. 10 — Ergui. Derrotei. 11 — Apelido. Patrão. Pertences.

VERTICAIS: 1—Clara. Em maior quantidade. 2—Léria. Ópera de Puccini. 3—Nome antigo da nota musical dó. Enxutas. 4 — Prefixo que designa novidade. Recusa. Vaso de pedra para líquidos. 5 — Víscera. Oferece. 6 — Grande. Benigno. Concelho do distrito de Cabo Delgado (Moçambique). 7 — Batráquio. Encolerizais. 8 — Sustento. Um dos planetas do nosso sistema solar. 9 — Dispor em camadas. Regras.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

Solução dop roblema n.º 2396

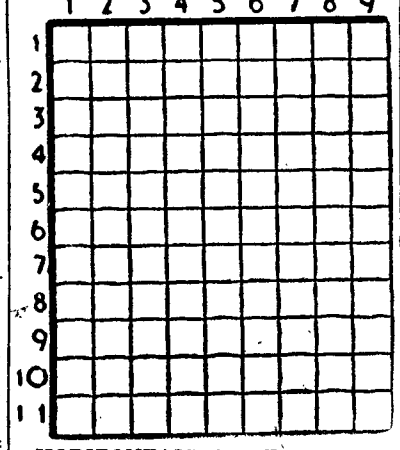
HORIZONTAIS: 1 — Agar. Chãs. 2 — MAL. Avô. 3 — As. Pia. Em. 4 — Aroma. 5 — Orno. Arar. 6—Au. DA. 7 — Usar. Bola. 8 — Livor. 9 — In. Sai. Im. 10 — Rau. Ode. 11 — Aoto. QUEM.

VERTICAIS: 1 — Âmago. Unira. 2 — Gás. Rás. NÃO. 3 — Al. Anual. Ut. 4 — Pró. Ris. 5 — Pio. Vaz. 6 — Ama. Boi. 7 — HÁ. Ardor. Ou. Ave. Aal. Ide. 9 — Somar. Armem.

Provérbio: MAL DA QUEM NÃO HÁ.

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4443



HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho da Feira. 2 — Enganado. Símbolo químico do gálio. 3 — Freguesia do concelho de Guimarães. Conjunção. 4 — Fôsseis para fora. 5 — Apelido. Pronome demonstrativo. 6 — Atmosfera. Ler. Nesse lugar. 7 — Parte gorda do leite. Pronome pessoal. 8 — Pedra preciosa. 9 — Princípio. Rera. 10 — Siga. Remiro. 11 — Nome vulgar de uma espécie de acácia (pl.).

VERTICAIS: 1 — Vês. Rio da India Portuguesa. 2 — Rezes. Hidrofobia. 3 — Vasos em que se guardavam as cinzas dos mortos. Tanto. 4 — Cintilavam. Troça. 5 — Composição poética (pl.). Lavrem. 6 — Isolado. Acalmado. 7 — Espaço de trinta dias. Vantajosos. 8 — Reprovação em exame. Solitária. 9 — Tornais nulo ou de nenhum efeito. Preposição e artigo definido (pl.).

Solução do problema n.º 4442

HORIZONTAIS: 1 — Plínio. Há. 2 — Airão. Par. 3 — Sãos. Cava. 4 — SS. Saram. 5 — Agarena. 6 — Al. Oco. Ad. 7 — Pistola. 8 — Saras. Rã. 9 — Umas. Irós. 10 — Lês. Grota. 11 — As. Prazos.

VERTICAIS: 1 — Pás. Cápsula. 2 — Lias. Liames. 3 — Iosa. Sras. 4 — Nas. Gotas. 5 — Ib. Sacos. Gr. 6 — Carol. Ira. 7 — Pare. Arroz. 8 — Havana. Aoto. 9 — Aramada. Sãs.

NO PRINCÍPIO...

- **Os lenços de assoar começaram a usar-se no tempo da rainha Maria Antonieta, de França.**
- **Oliver Cronwell, célebre político inglês, foi enforcado depois de morto, por ordem de Carlos II de Inglaterra.**
- **O inventor da pistola foi Cominello Vitelli, que habitava na cidade de Pistola, em Itália. Daí o nome dado áquela arma.**

O REINO dos Peles-Vermelhas

Nos tempos do seu maior esplendor, os Peles-Vermelhas da América do Norte eram um milhão de seres e ocupavam todo o território entre o Atlantico e o Pacífico.

QUEM CANTA seu mal espanta...

Deus de amor (a Amor eu disse)
Sou feliz, venci meu fado,
Quebrei de antigas tristezas
O jugo a que estive atado.

BOCAGE

ANDAR

De luxo, a estrear, c/ 15 div., na Av.ª C. Valbom 2. Trata a «IRIS» — Tel. 30703.

DIZ QUEM SABE

A felicidade é sonhar, e no mundano ruído viver sonhando e existir adormecido.

ESPRONCEDA

*** Para alcançar a felicidade não há como trocar as preocupações por ocupações...**

CHARLES WAGNER

*** A felicidade é o exercício da virtude numa vida completa e perfeita.**

DIÓGENES LAERTINS

FERNANDA BOTELHO

(Continuação da página anterior)

futuro. Em cada romance a escritora surge com intenções nítidas — intenções literárias, frise-se bem—, como se se tratasse sempre do primeiro, embora cada um deles pressuponha um conhecimento do valor das palavras, um tirocínio da técnica e uma experiência humana que, do primeiro ao ultimo, representam riqueza acumulada. E aí, precisamente, reside o seu progresso.

Falando de intenções literárias, não quero dizer que a escritora pretenda apenas dar-nos histórias válidas pelo brilho estilístico ou outro qualquer, sem um significado subjacente, ou que no perfeito desenho psicológico das suas criaturas não haja humanas máculas que alargam para além das páginas do romance o alcance dos seus actos. A intenção literária pressupõe, quanto a mim, a intenção moral, filosófica ou social mais ou menos remotamente ligada no espírito do autor ao plano literário da obra. Uma vez que Fernanda Botelho explicitou uma tese num dos seus romances — e o facto de ter sido o primeiro não revela inexperiência, pois no «Enigma das Sete Alíneas», novela que o antecedeu, viu-se a autora brincar com as intenções e deixá-las tão ocultas como a tese em que possívelmente se enovelam —, fê-lo talvez com demasiado esquematismo na proposição. Mas a personagem que vive a aventura é a mesma que expõe o teorema. Isto salva a autora de pretender encerrar num frágil postulado filosófico toda a gama das reacções humanas. Samuel conhecia-se bem ao enunciar a sua teoria: parte da indiferença para chegar ao máximo de exaltação — que é nele muito limitado — e recai na insensibilidade. «O Angulo Raso» acaba como começa. Fernanda Botelho não podia ficar amarrada a uma tese, fosse ela qual fosse, muito menos a que proclama a transitoriedade das emoções humanas.

«Calendário Privado» é já de outra raça. Inferior? Superior? Estão aí os críticos que o digam. E disseram uma coisa e outra, prova de que a autora continuava a fornecer achas para a fogueira. O brilho da prosa, do diálogo e das situações do livro anterior conseguia-se á custa de uma secura que, roçando o cinismo em algumas personagens, estendia uma suspeita dele á autora. «Calendário Privado» é uma sinfonia. A protagonista, desta vez feminima, é uma rebuscadora de sensações. Fá-lo, porém, num plano honesto — se é lícita a expressão, em acatamento á moral corrente —, e o resultado nulo das suas pesquisas é uma contraprova da sua honestidade. Aninhas pensa que há um destino a cumprir, e resolve cumpri-lo desprezando os atalhos que a afastam da estrada real do seu destino. Mas esse destino repele-a. Há uma grande dose de arbitrário na caminhada frustrada desta rapariga. E a autora não o explica, desdenha explicá-lo, afasta-da de teses e de teoremas desta vez. «E' imbecil, mas é assim mesmo», diz a protagonista, e diz também a autora. O arbitrário rege as nossas vidas. Mas lá estou eu a querer tirar uma intenção extra-literária de um livro inteiramente literário, no mais nobre sentido da palavra. Tão literário, que se confunde com a musica. «Calendário Privado» é uma sinfonia, afirmei, e quem o ler com o ouvido apurado, compenetrando-se das diferenças de andamento e da sua importancia na fruição do prazer literário e na captação das verdades humanas que ele transmite, colherá uma dupla impressão talvez inacessível a uma primeira leitura desprevenida: a artística, em que a alternancia de presente e passado, com predomínio deste ultimo até á evocação de perfumes, de cores, de farrapos de visualidade — a mosca a afogar-se no copo da Bruxa, as ancas de Coryse rebolando —, sendo de uma grande arte literária, sugere irresistívelmente uma arte total, arquitectónica — o sábio doseamento da narrativa —, pictural — a nitidez de ambiente —, escultórica — a fixação das atitudes —, até fixar-se na musica, unica arte capaz de competir com a literatura no regresso de um tema ou na fusão de vários temas entorvelinhados; e a humana, com a verdade fruste dos caracteres de personagens que, exprimindo-se rasteiramente, enunciam as profundezas do ser, ou, procurando altissonancias de expressão, revelam a charreza intrínseca. «Calendário Privado» — mas parece-me que já disse isto — é uma sinfonia.

Está claro que me denunciei confessando o meu fraco por «Calendário Privado»; mas trata-se de uma reacção inteiramente pessoal, que não diminui os méritos de «O Angulo Raso» nem de «A Gata e a Fábula». A fábula, quase inexistente, ou muito fragmentária, no primeiro dos três romances, é nítida no segundo, através da fusão de planos temporais e quase soberana no ultimo. Não podia Fernanda Botelho, por índole e por voluntariedade, contar uma história segundo a traça comum, sem o enriquecimento dela pela intromissão de personagens, de episódios, de volições no tempo. Em «O Angulo Raso» as figuras são as indispensáveis, talvez menos que as indispensáveis; em «Calendário Privado» estão no numero justo, e não são das menos significativas as que se inserem no plano recuado dos comparsas ou do passado que se evoca; o terceiro romance é pródigo de personagens, e essa prodigalidade obriga a distorções narrativas que, juntas ao natural virtuosismo da autora, patente já no «Enigma das Sete Alíneas», e que em «Calendário Privado» atinge o ácume estético, porque necessário ao impacto expositivo, tornam por vezes a leitura algo difícil. A comunicação da romancista com o seu publico não é, aliás, nunca feita de transigência, antes obriga esse publico a uma ginástica subtil de captação das intenções que se escondem sob as singularidades da técnica. Reduzida ás dimensões indispensáveis, a intriga de «A Gata e a Fábula» daria uma novela de pouco tomo. Mas o mundo de Fernanda Botelho é multiforme — é justo reconhecer que se enriqueceu muito de «O Angulo Raso» para cá —, e os mundos individuais que em «A Gata e a Fábula» se chocam, se transformam e dilaceram, trazem após si uma cauda em que translúzem outros mundos pensantes e agentes, o que torna este romance o mais complexo do tríptico. Não há aqui uma contradição com a afirmação anterior de que em Fernanda Botelho o progresso literário consiste na riqueza acumulada; postos em ordem inversa, os três romances teriam o mesmo significado intrínseco, e, se porventura alguém visse em «O Angulo Raso» um regresso (não falta quem o considere ainda o melhor livro da autora), outros o poderiam considerar como um enriquecimento do ponto de vista da contenção e da economia de meios. A riqueza de «A Gata e a Fábula» é por vezes incontrolada. Dirige-se mais á inteligência do que á sensibilidade do leitor. Os mundos íntimos das personagens extravasam dos sentimentos e gravitam nos céus da sociologia e da filosofia. Nada de esquemático nem de geométrico, como em «O Angulo Raso». Se eu quisesse extrair uma imagem musical do ultimo romance da escritora como o fiz para o anterior, só poderia aventurar a afirmação, com a reserva aconselhada pela minha ignorancia na matéria, de que Fernanda Botelho se valeu das doze notas da escala cromática para obter uma harmonia tintamarresca. Não admira, pois, que, ao ouvido menos experimentado, essa harmonia soe por vezes como uma desarmonia. As primeiras frases do primeiro capítulo de «A Gata e a Fábula» têm uma tal ou qual semelhança com o início de alguns romances de Julio Diniz. (Assim na mais complicada tessitura se insinuam por vezes alguns compassos de melodia, como uma nostalgia da estética antiga). Mas logo as exigências da prosa moderna reclamam os seus direitos, e as linhas melódicas se enovelam, ora subtis e finas na análise ora grossas na caricatura, e uma multidão familiar surge, dominando por vezes os *solos* das principais figuras: Paula Fernanda, Duarte Henrique, Afonso. Nos dois primeiros romances, tudo gravita em torno de uma personagem, Samuel ou Aninhas. Em «A Gata e a Fábula» é lícito perguntar: quem é o protagonista? Paula Fernanda ou Duarte Henrique? Afonso é ali necessário, mas tem o pior defeito de que pode ser portador uma personagem de romance: o não ter defeitos. Para que nada lhe falte, até bonito é. Paula Fernanda é uma portentosa criação, mas Duarte Henrique é quem *fica*. Até porque um bom e ilógico destino coroa os passos da protagonista (se quiserem). «A Gata e a Fábula» devia terminar duas páginas atrás, no momento da iniciação fecunda de Duarte Henrique na solidão.

Desta pequena viagem em redor (e muito exteriormente) dos romances de Fernanda Botelho, feita á maneira impressionista (como se diz agora), que é, ao que parece, a minha (longe do rigor *científico* que voltou, após um século, a ser de exigir), desejaria que ficasse uma observação válida: a de que, vistos no seu conjunto, como um tríptico, que aliás a autora não pretendeu erguer, os três romances de Fernanda Botelho constituem uma das obras mais sérias e mais significantes da literatura dos nossos dias.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

os nossos contos

Anamenéris — una bela alma

Texto de M. PIMENTEL MONTENEGRO
Ilustração de LUÍS JARDIM

Apenas a velha Inglaterra parece destinada a dar-nos notícias de histórias fantasmagóricas de lendários castelos abandonados, onde vagueiam almas penadas. Ora, histórias deste jaez podem ocorrer em qualquer parte do Mundo, como por exemplo neste pacatíssimo recanto do extremo Ocidente, onde tão casualmente nos encontramos. É bem verdade que esta vetusta morada não é propriamente um castelo, embora a sua situação estratégica, isolada no cimo da colina, dominando o vale e a povoação, o seu estilo arquitectónico capricho do primeiro e longínquo proprietário — nos levem a pensar desse modo.

Nesta altura da minha narrativa fui interrompida pela mais nova das minhas cinco amigas e interessadas ouvintes, que protestou: — Não nos interessa a história do teu *castro* nem dos seus sucessivos donos, que de resto já sabemos. Tu prometeste contar-nos os misteriosos acontecimentos daquela noite em que aqui ficaste sòzinha, e é isso que queremos ouvir.

Tranquilizei-a, imediatamente e recomecei: Está bem: Vou contar-vos pormenorizadamente, tudo o que se passou nesse memorável dia. Como para chegar até aqui, tenho de tomar dois meios de transporte, e queria cá estar antes da hora a que aparecem os medos nas encruzilhadas, resolvi sair cedo de casa. Mal tinha dado meia duzia de passos, uma mulher do tipo a que vulgarmente chamamos uma pobre, pôs-se a caminhar a meu lado.

— Está frio, hã? Já é sorte se não chover — disse, ao que eu anuí. E, com aquele preambulo, encetou uma longa conversa. Como sempre nos acontece nestas circunstancias, cruzaram por mim diversas pessoas conhecidas, que olhavam espantadas para a minha eventual companheira, cuja pobreza do trajo — saia de chita remendada e xaile de lã, traçado no peito, contrastava com o meu particular janotismo dessa ma-

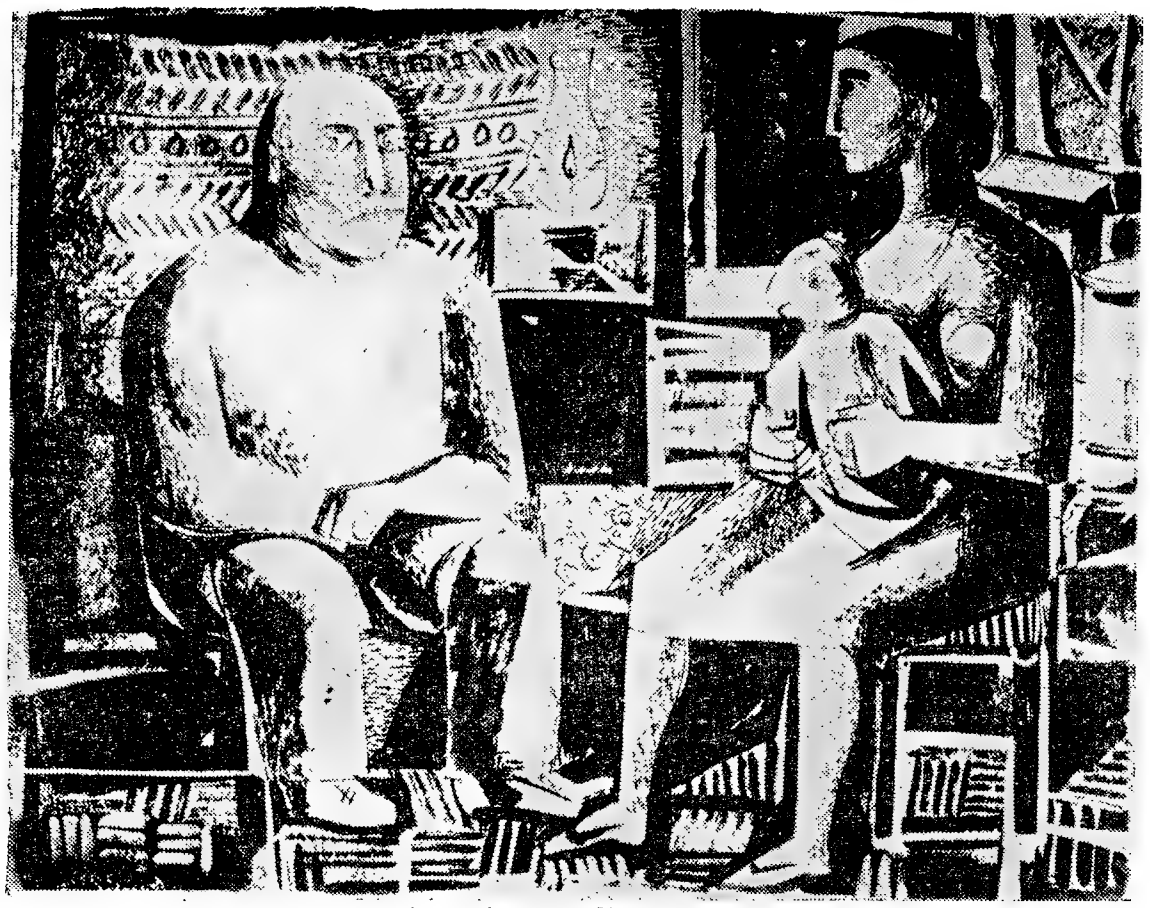
(Continua na página central)

«ASA FERIDA»

Pertence a Maria Pimentel Montenegro o livro de poesias «Asa ferida», colocado em sexto lugar no quadro das percentagens da votação para os Prémios dos Leitores.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS



O mundo de Ricardo Zamorano

Um novo realismo
— segundo Vasco Costa Marques

(Continuação da 17.ª página)

revelam-se-me coordenadas análogas em obras tão diferentes como as de Gedeão e Monteiro dos Santos, na poesia; de Alves Redol (do Cavalo Espantado), Abelaira e Orlando da Costa, no romance; e, saindo da literatura, de Rui Filipe e António Areal nas artes plásticas. É que, seja qual for a estrutura da obra, ela revela alguém que pretende contribuir para a compreensão do homem e do Mundo, chamar os outros homens á transformação dessa realidade, e actuar decididamente nessa transformação. Mas alguém permanentemente alerta, pronto para se ultrapassar a si próprio, para ir até ao fim de todas as conquistas, para saber encontrar novos pontos de vista, novos métodos, ainda que, aparentemente, se contradiga ou se recuse.

— Qual a influência da poesia na construção do homem no nosso tempo?

— Para um poeta que conta os exemplares dos seus livros por centenas que não vão além dos dedos de uma das mãos, a pergunta é imediatamente desalentadora. Subordinada a essa e a tantas outras limitações, a influência da obra realizada aparece pouco menos do que ridícula. Mas, precisamente por isso, porque tantos obstáculos se levantam á criação e á divulgação da obra poética, eu creio que a influência da poesia na construção do homem novo, do homem humano, deve ser, realmente, temível.

— Quais as condições da actividade do poeta entre nós?

— Toda a gente sabe que se publicam muitos livros de versos, que há muitas «páginas» dedicadas a poemas, que se organizam muitos «jogos florais». Não há duvida. Isso quase nos leva a admitir que a poesia portuguesa atravessa uma época de «vacas gordas» e que o poeta está em vias de ser encarado como cliente possível, pelos colocadores de capitais. Mas um olhar mais atento, lá para as páginas do fundo, revela-nos que quase todos os livros são edições do autor, algumas vezes mascarando a pobreza sob o rótulo de «colecção qualquer coisa» que se inventou para o efeito, ou exibindo a chancela emprestada de um editor amigo ou condescendente. Quanto ás «páginas», quase todas pertencem á corajosa falange das publicações académicas e dos periódicos da província, donde costumam surgir também os chamados «jogos florais», dado que, quase sempre, a sua redacção vive do entusiasmo de amadores com aspirações literárias. Daqui se conclui que existe um numero considerável de pessoas interessadas em produzir poesia. E, como não se conclui mais nada, começam a emagrecer as vacas. Por outro lado, qualquer livreiro poderá dizer-nos, sem ter de pensar muito, que o livro de versos não se vende. Os editores que mantêm colecções de poesia poderão falar da coragem necessária para tirar, quando o rei faz anos, seiscentos exemplares que justifiquem a colecção e honrem a firma. Os organizadores de prémios literários mesmo quando são escritores, não resistem a colocar a poesia numa posição económica subalterna, e estabelecem-lhe prémios pecuniários sensívelmente inferiores aos do romance e novela. Parece poder concluir-se, pois, que a procura é quantitativamente muito inferior á oferta, sendo curioso apontar que, na recente votação organizada pelo

Vasco Costa Marques

«Diário de Lisboa», a poesia ficou mesmo aquém do ensaio em numero de votantes. Muitos, interessados em produzir; poucos, interessados em comprar. As vacas, aparentemente gordas, são, afinal, magras e moribundas. A respeito desta magreza de vacas, muito se tem falado do divórcio existente entre o poeta e o publico, sendo quase sempre o primeiro acusado de responsável da separação. Será. Mas é má justiça a que condena sem curar de razões e circunstancias. Tanto mais que a vítima maior é, ao fim e ao cabo, o próprio poeta, que se vê privado de um termo fundamental do seu processo criador, para já não falar de dignidade e justa remuneração como trabalhador intelectual que é ou pretende ser. Aos poetas, portanto, mais do que a ninguém, a tarefa de analisar a situação, de propor soluções, de tentar concretizá-las. Para isso, porém, impõe-se, como condição necessária, uma maior aproximação e entendimento, entre todos os interessados pela poesia, um congregar de opiniões e de esforços que abranja não só os poetas mas os críticos, os intérpretes de poesia, e até o publico. Por falar de críticos, acho oportuno referir que o reconhecimento da ausência de uma crítica válida, salvo as sempre honrosas excepções, é um dos pontos em que se encontram todos os sectores da poesia nacional de hoje. A opinião é unanime, venha de João Vário, de Melo e Castro ou de Gastão Cruz.

— Fale-nos da modernidade e tradição em «O Mundo Possível».

— Antes de mais, deixe-me dizer-lhe que a utilização da rima e de certas formas estróficas, sobretudo quadra e terceto, correspondem, em mim, a um imperativo interior. Por outro lado, a utilização da rima, de metros e arranjos estróficos tradicionais, não só me faculta um melhor veículo de comunicação, como, em certa medida, contribui para a purificação do que pretendo comunicar. Julgo que apontei razões suficientes para não prescindir da poética tradicional. Não prescindir não quer dizer, no entanto, servilismo. Quer dizer utilizar o que na tradição é vivo, válido para o nosso tempo. Não existe poeta que não crie a sua própria arte poética, por isso, eu tremo quando oiço preconizar, ingènuamente, o «regresso» ás formas tradicionais. A estagnação, a academização, estão vigilantes aguardando o mínimo descuido. Aos que recomendam o tal regresso, apetece dar a ler, novamente, os clássicos. Quanta modernidade, quanta ousadia, nas obras de Sá de Miranda, Tolentino ou Camões. No «Mundo Possível», desde as cantigas de amigo e redondilhas da primeira parte, aos sonetos de Importação e Exportação, a linguagem de hoje, creio, está sempre presente, até na utilização de a cantiga de amigo e redondora, segundo creio, de uma característica fundamental do nosso tempo.

— Quais são os seus projectos literários?

— Projectos literários? Mais poesia. Tenho preparado «Esplanada», um livrinho de «veraneio» e «O Beco no Espaço», cujos três capítulos estão quase concluídos. E, é tudo.

HEMINGWAY visto pelo irmão

Em Janeiro do próximo ano será publicada, nos Estados Unidos, uma biografia do recentemente falecido escritor norte-americano Ernest Hemingway, da autoria do seu irmão Leicester. O autor, que é um escritor especializado em literatura de magazine e igualmente um romancista, iniciou a sua obra há três anos e nela apresenta o período de formação da vida de Hemingway e a sua ligação com a vida familiar. A obra será ilustrada com fotografias inéditas.

Nathanael West

(Continuação da 17.ª página)

de crítica tem as suas raizes directamente mergulhadas numa experiência pessoal, pois tanto nos encontramos na atmosfera perturbada dos hoteis ou casas de apartamentos, como mergulhamos nas estruturas sociais que correspondem a uma Hollywood pouco cinematográfica. Estamos perante uma fauna intermédia, uma classe média descontente que brame contra as portas do mito do celulóide. Alimentando-se embora desse mito, esta classe média perigosamente descontente, parece prestes a arrasar os próprios mitos que construiu e pelos quais se define. A anormalidade transformada em regra geral um clima de permanente absurdo de que os sonhos de Faye Greener são o reflexo imediato. Uma atmosfera confusa, onde o material onírico está carregado de uma tensão quase explosiva, permite a West a continua investigação do processo que deforma tão estranhamente os dados do real mais imediato.

Se quisermos colocar Nathanael West, no panorama da literatura americana dos nossos dias, vemos que ele está num ponto em que recusa com obstinação as soluções fáceis de alguns escritores seus contemporaneos. As suas personagens não conhecem a fuga fácil do cosmopolitismo, vivem dentro de uma zona circular, cujo ímpeto centrípeto aniquila qualquer desejo de fuga. Milhões de americanos correspondem a este retrato. E, de subito, reparámos que qualquer referência á literatura americana terá que incluir obrigatoriamente este pesadelo constante, em que a máquina encarregada de laminar o aço em qualquer alto-forno, tem molas idênticas ás que, em Hollywood, ou em qualquer outro lugar em que o mito americano vibra, laminam o próprio homem. Daí que os heróis de West sejam figuras quase insignificantes, como é o caso deste contabilista de Weyneville, Homer Simpson, que descobre, subitamente, a possibilidade de um amor logo frustrado. O herói viril, de tipo hemingwaiano, é sistematicamente posto em duvida por Nathanael West. E, se pensarmos nos choques subitos, nas relações fantásticas, que permitem as construções existentes nos estudios, surge-nos, de imediato, a figura de Charlie Chaplin, o primeiro homem que, no cinema, estabeleceu o ponto da luta entre o homem e o objecto, na qual a vitória pertencia sempre a este ultimo.

Que pretende então Nathanael West? Transformar o homem num objecto constantemente alienado, embora sem consciência da sua alienação? Talvez em parte, na medida em que a utilização do absurdo parece ser um recurso que os escritores pediram á matemática para atingir, do modo mais explosivo possível, os seus objectivos. O mundo absurdo de Nathanael West não é despido de lógica. Bem pelo contrário: é um mundo onde todas as peças estão nos pontos exactos, bem oleadas, funcionando sem um rangido. É exactamente esta precisão que dá início ao processo do absurdo, pois que se em qualquer ponto da vasta engrenagem surgisse um protesto, uma mola renitente, seria possível admitir uma esperança de salvação. Salvação essa que será sempre a da devolução da condição de sujeito ao homem. Contudo tal não parece ser possível, na medida em que a mitificação do optimismo americano acaba por anular no homem ianque a possibilidade não já de um protesto, mas até a de um exame simples e directo dos problemas suscitados pelo processo capitalista de exploração das fontes de produção e do próprio homem.

É assim que Tod Hackett pode pintar o «Incêndio de Los Angeles» não como um juizo final, mas apenas como uma limpeza salutar, na medida em que toda a classe média que se concentra em Los Angeles para morrer, verifica ter estado a ser mistificada pelos superdoutores que tudo sabem e tudo prevêem, sem que, contudo, se possam aperceber do cancro que vai corroendo, lenta mas desesperadamente, a consciência senão de um povo, pelo menos de uma classe. Classe a que tudo foi prometido na Imprensa e no cinema e que acredita no mito do «homem americano» e na felicidade do «homem médio americano» e que, subitamente, entrevê que, para além das ofertas prodigiosas de uma superpublicidade, o homem é sistematicamente negado pelas forças das superestruturas económicas ou políticas. De subito o homem descobre que, onde se julgava caçador, é apenas uma peça de caça que uma propaganda sistemática persegue infatigável e cruelmente. Daí que o *incêndio* da cidade seja o elemento final de um processo que, ciente da sua incapacidade de uma acção directa, escolhe a transferência para a tela do seu sonho de purificação. No fundo procura evitar-se que a multidão, descontrolada pelo próprio pesadelo a que a sujeitam as regras da propaganda do mito do homem americano, acabe por efectivar a destruição latente (e sabe-se que a vida média das cidades americanas raras vezes atinge os cinquenta anos; cidades há que, com dez anos de vida, estão mortas e foram abandonadas pela população. O processo não é já de uma organização contra o homem, mas do homem contra uma organização, o que, de maneira bem singular, inverte os dados do processo de Kafka).

Apontou-se já o parentesco que Nathanael West oferece com Franz Kafka. Creio que este romance mostra as coordenadas sociológicas que determinam o absurdo deste processo norte-americano: o homem participa cada vez menos na vida da comunidade. Transformado no insulado absoluto, é afastado da discussão dos problemas que lhe determinam o padrão de vida, embora, aparentemente, seja convidado a tomar deles conhecimento. O «ersatz» da colaboração na vida nacional é fornecido pela Imprensa, pela rádio e pelo cinema, mas a verdade é só ser servido pelos orgãos de informação o que já foi completado. A intervenção do homem norte-americano na vida nacional é, portanto, *a posteriori* e sem nenhum efeito evidente na estruturação dos problemas. É assim que o «pesadelo condicionado» se transforma na anulação da própria personalidade humana. E Homer Simpson, o honesto guarda-livros, chega ao ponto de não compreender ou dominar as suas próprias mãos: não lhe pertencem. Animais marinhos ou sede de estranhas sensações, são independentes do seu próprio corpo e, sobretudo, da sua vontade. Eis que o homem não consegue já dominar os seus próprios membros. O absurdo do processo começa a atingir os limites da decomposição e, por isso, Nathanael West pode descobrir no grotesco das atitudes e das palavras das suas personagens, o absoluto não-senso.

A negação sistemática de um heroismo falsamente revoltado é linha constante de afirmação de Nathanael West. Educado no clima que resultou da crise económica de 1929, West pode entrever a decomposição sistemática das estruturas, que o mito americano ocultava. Recusando-se embora a uma crítica directa dos problemas suscitados pelo capitalismo, Nathanael West vibra-lhes um golpe mais fundo ao denunciar a sua permanente insensatez, com um realismo absurdo com tintas fantásticas. Mas não há duvida que as suas formas processuais são eficazes e, ainda, belas. Na sua prova os problemas entrecruzam-se, arrastados por navetas silenciosas, que definem a praga dos gafanhotos, ou seja, o peso de uma classe média insatisfeita e sempre prestes a explodir.

ALFREDO MARGARIDO

FLASHES

● *Nathanael West, romancista notabilíssimo que a América só agora principia a descobrir e cujo lançamento em França, pela casa editora Seuil, está a alcançar enorme êxito, vai ser apresentado através do romance «A Praga de Gafanhotos», que é o próximo volume da Colecção Miniatura da editorial «Livros do Brasil».*

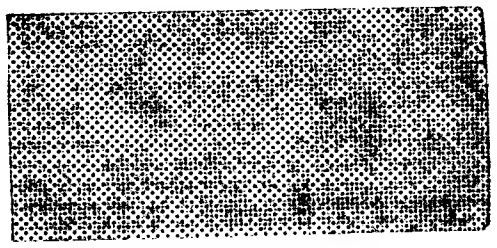
● *Será publicada dentro de pouco tempo por «Livros do Brasil» a tradução portuguesa de «The Misfits», romance de Arthur Miller, que deu origem a um filme, do mesmo título, a exibir em Portugal na próxima temporada.*

● *Na Colecção Enciclopédia LBL vão surgir brevemente duas obras que estão a despertar o mais vivo interesse no publico ledor português. Trata-se dos volumes «Freud e a Psicanálise», de Ludwig Marcuse, e «O Mito de Sísifo», de Albert Camus, traduzidos respectivamente por Maria Manuela Pinto dos Santos e por Urbano Tavares Rodrigues.*

● *Charles Eric Maine, consagrado escritor de ficção científica que o leitor português já conhece através do romance «Caminhos do Espaço», volta a surgir na colecção Argonauta com uma nova obra, «Projectados no Futuro», que é uma das mais interessantes deste famoso autor.*

A SEMANA DE PARIS

por
FREDERICO
MENDES



A Polícia toma posições em Montmartre.

Não por causa dos «plastiquers» activistas, ou dos elementos da F. L. N.

Pior! São os pintores (...) a causa de tão delicadas medidas de segurança...

Diz o prefeito da Polícia: «As exposições de pintura que certos indivíduos organizam em Montmartre não podem ser toleradas!» E acrescenta o indignado prefeito: «Está a verificar-se uma invasão de Montmartre por falsos pintores»

Convenhamos que a pintura que por lá aparece é bem detestável...

Enfim, a guerra aos pintores vai ser declarada. A situação é tensa, a crise pode estoirar de um momento para o outro.

Mandarei notícias.

☆ ☆ ☆

Em Paris, segundo as estatísticas, há aproximadamente 30 000 pintores (de arte).

O numero de polícias, igualmente notável, não é conhecido, todavia, com exactidão.

☆ ☆ ☆

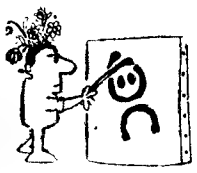
Entretanto...

De um comunicado aparecido nos jornais:

«O prémio Grenica será atribuido no segundo domingo de Setembro ao artista que tenha realizado a melhor obra segundo um dos temas de Montmartre pintados por Utrillo.»

Acrescenta o comunicado — «inscrições na rua de Mont-Cenis, 7.» (A quem interessar).

☆ ☆ ☆



Na galeria Maeght — MIRÓ.

O artista catalão abandonara a pintura de cavalete em 1956, e nesse silêncio dedicado á ceramica como que apurou os seus processos num sentido mais expressivo, mais sintético, em sinais como que cabalísticos, mais primitivo e erótico. As pinturas agora apresentadas foram executadas depois de 59, outras são velhos quadros dos anos 30 salvos numa selecção que Miró fez á sua obra e agora retocados.

O extraordinário nesta exposição é a juventude de espírito, a força criadora de que um velho artista faz prova nesta cidade de tanta pintura senil.

A começar pelos abstractos... e a acabar na nova escola dos ridiculamente chamados neo-figurativos...

☆ ☆ ☆

Dum autor jovem e até agora desconhecido, Michel Foucoult, apareceu nas livrarias «A História da Loucura na Idade Clássica». Entrevistado pelo «Monde», disse:

— Eu não faço psiquiatria. O que conta para mim é a interrogação sobre as origens da loucura. A boa consciência dos psiquiatras desiludiu-me.

— Influências? Sobretudo de obras literárias... Maurice Blanchot, Raymond Roussel. O que me interessou e guiou foi uma certa forma de presença da loucura na literatura.

— A loucura não se pode encontrar no estado selvagem. A loucura não existe senão numa sociedade, não existe fora de formas da sensibilidade que a isolam e de formas de repulsão que a excluem ou a prendem. Assim pode dizer-se que na Idade Média, depois na Renascença, a loucura está presente no horizonte social como um facto estético ou quotidiano; depois, no século XVII — a patrir do internamento — a loucura encontra um período de silêncio, de exclusão. Perdeu esta função de manifestação, de revelação que tinha na época de Shakespeare e de Cervantes (por exemplo — Lady Macbth começa a dizer a verdade quando enlouquece) e torna-se mesquinha e mentirosa. Enfim, o século XX reduz a loucura a um fenómeno natural, ligado á verdade do Mundo. Desta posição positivista resultaria por um lado a filantropia «méprisante» que os psiquiatras manifestam perante um louco, por outro lado o grande protesto lírico que se encontra na poesia depois de Nérval até Artaud, e que é um esforço para dar de novo á experiência da loucura uma profundidade e um poder de revelação que tinha sido esquecido e desprezado pelo internamento.

— Uma das objecções foi a de que eu tentara refazer o «Elogio da loucura». Não, é todavia: eu quis dizer que a loucura se tornou objecto da ciência na medida em que a loucura foi despojada dos seus antigos poderes...

Mas quanto a fazer a apologia da loucura em si, não.

Cada cultura, antes de tudo. tem a loucura que merece».

☆ ☆ ☆

De Pierre Kast, jovem realizador mais ou menos situado na chamada «nouvelle vague» (Resnais, Godard, Truffaut, Chabrol, etc.) aparece agora o segundo filme: «La Mort — saison des amours», *interpretado por Daniel Gelin, Françoise Arnoul, Françoise Prévost e Pierre Vaneck. A publicidade do filme diz: «F. Arnoul* aime *Gelin* qui aime *Prevost* qui aime *Vaneck* qui aime *F. Arnoul». O realizador acrescenta: «Não se trata dum «ménage à trois», mas duma parábola. Creio que nos enganamos se pensarmos que alguém pode ser* tudo *para um outro. Pode-se sem duvida, amar duas pessoas ao mesmo tempo, por motivos diferentes, digamos, contraditórios.»*

— «A ultima réplica do filme é: «Então, que fazemos?». *Exprime, creio eu, a duvida que todos formulam perante as contradições dos costumes, das convenções e do desejo de serem felizes».*

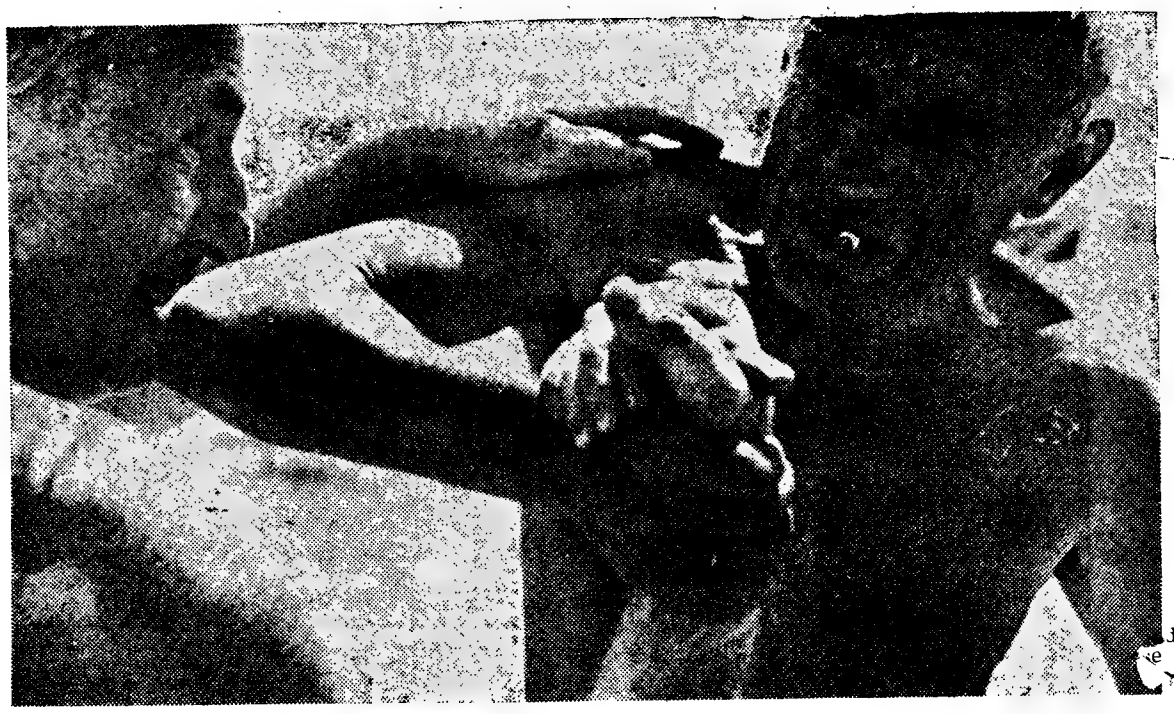
— «Eu acredito na liberdade, e desejaria que fosse possível. Especialmente a das mulheres. Não desejo a existência de mulheres-objecto, mas vejo bem que existem.»

☆ ☆ ☆

O humor de Jean-Paul Sartre:

«Por que é que constroem muros em volta dos cemitérios? Os que estão dentro não querem sair, e os que estão fora não querem entrar!...»

FREDERICO MENDES



PICASSO JULGADO AOS 80 ANOS

CONTRA : É um destruidor em delírio, extravagante, que tem um desenho balbuciante e cores extremamente grosseiras.

A FAVOR : A sua obra é uma espécie de «Odisseia» do século XX

VEREDICTO : A sua obra é largamente experimental. Tentou tudo.

Com 80 anos, trave mestra daquele «circo» ilustre que circula nos castelos ao sul de França e nas páginas do «Paris-Match» e que tem no cartaz os nomes gritantes de Dominguin, Cocteau, Lucia Bosé, etc., Picasso é o criador de uma obra gigantesca, que sintetiza um século. Antes que o sol mediterranico e irónicamente mitológico que arde nas suas ceramicas mergulhe nas águas de Saint-Tropez, cinco críticos de arte, Jacques Legris, Jean Dutourd, Michel Ragol, Marcel Schneider e Max-Pol Fouchet julgaram-no no «Arts». Dos seus depoimentos, retiramos algumas frases significativas.

Jean Dutourd:

— Quando vemos uma exposição de Picasso temos a impressão de estar numa sala reservada á história da pintura. Estamos perante coisas de toda a espécie, desde frescos galo-romanos até Cezanne e mesmo até Picasso. Picasso é surpreendente quando faz Gainsborough. Vi um Gainsborough de Picasso admirável. Não é mau também quando faz Ingres. E' pior quando faz Picasso.

«Picasso é uma espécie de destruidor em delírio extravagante, que tem um desenho balbuciante e de cores extremamente grosseiras.

Michel Ragon:

— Também sou «contra» Picasso mas não pela mesma razão. Sou contra o Picasso amado pelo grande publico, o Picasso á Ingres, o Picasso da «época azul». No entanto, há um Picasso que amo: o das cabeças deformadas, o da Guernica.

Max-Pol Fouchet:

— Picasso faz-nos regressar com a Guernica e com as obras seguintes ao assunto da pintura, o que fora abandonado há muito...

«O que ficará são as obras de um grande poeta e de um grande inventor que deu a este tempo, ao nosso tempo, a sua face simultaneamente multipla e una. A sua obra é largamente experimental.

Marcel Schneider:

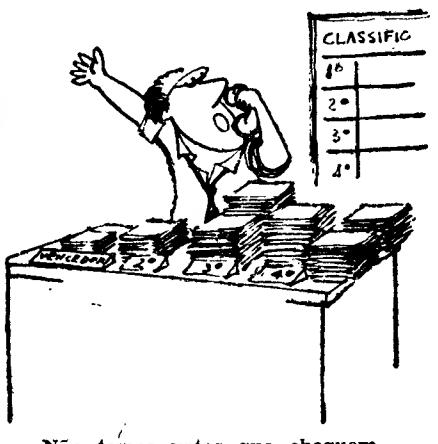
— Picasso parece estar possuído por todas as paixões da sua raça. Não esqueçamos que ele é espanhol e que ele tem uma forma unicamente espanhola de exprimir as paixões. Não encontramos na sua obra nem sentimentalismo nem ternura, no sentido francês do termo, mas todas as outras paixões: paternidade, maternidade, amor sob todas as formas, exigência de liberdade, patriotismo. A sua obra é um imenso reportório de paixões humanas e também uma espécie de «Odisseia» do século XX.

VAGABUNDOS

Somos pequenos, pobres, de sacola
ao ombro — tanto sonho percorrido...
E onde batemos a pedir esmola:
«o dono já morreu e antes de ter morrido
também não dava esmola !»

Presos à ilusão vamos gravando
sulcos recentes por atalhos, estradas...
E a tiritar de frio, caminhando
longas e estranhas pegadas,
estendemos as mãos que pedem a tremer,
débeis e ensanguentadas,
lugar onde possamos falecer !...

ANTÓNIO SALVADO



— Não temos votos que cheguem para o proclamar vencedor.

— Eu votei no Camilo. E tu?

— Por favor, diga-me se dor é neo-realista.

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da 18.ª página)

nhã. Atentei melhor na minha companheira de jornada: trazia na mão um cesto com uma panela vazia. Vendo-me observá-la, elucidou: — Vou buscar a sopa de caridade. Na minha idade, já se come pouco e dá-me para todo o dia.

Quando chegámos perto da estação, despedimo-nos, não sem que me desejasse uma boa viagem e felicidades, das quais era merecedora, por ser muito boazinha. Contestei esta sua afirmação, tanto mais que não me conhecendo não podia saber, ao que me respondeu (com aquele jeito engraçado que certas velhotas desdentadas dão á boca):—Sei muito bem que é boa. Olá se sei! E com um riso um tanto misterioso, seguiu o seu caminho.

Os dias de Inverno são curtos. Por isso, quando aqui cheguei, escurecia. Contra o que esperava, a casa estava deserta. Sentei-me a descansar um pouco. Chovia e o vento soprava forte. Na varanda passaram duas aves assustadas, o que não admira, porque no telhado e nas torres existem muitas corujas e morcegos. Passados uns instantes apareceu na minha frente um vulto de mulher nova, cujo rosto bonito, duma beleza serena e pura concebida por Murilo ou Miguel Angelo, não re recorda tê-lo visto antes. Olhou-me silenciosamente e desapareceu.

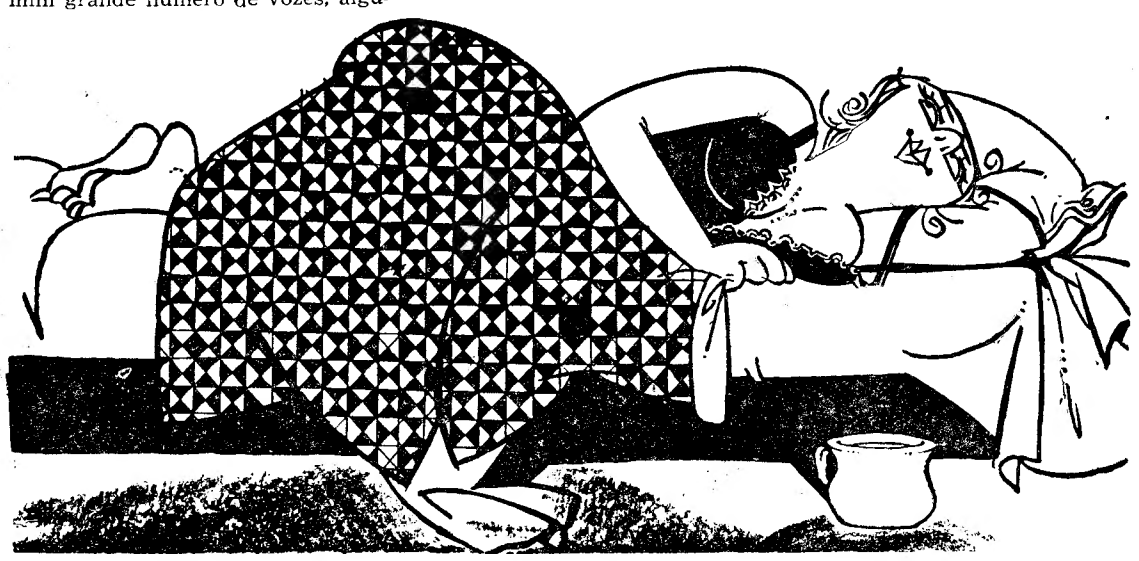
O vento rugia cada vez mais forte, fazendo oscilar as janelas e entrando em zumbidos histéricos pelas frinchas das portas.

— Estava tão tranquila como o estou agora. Nunca, felizmente o medo foi meu companheiro, nem mesmo nos tempos da minha meninice, quando me contavam histórias em que apareciam fantasmas e o diabo em figura de gente ou de bode. Tais histórias só me deixavam a sensação desagradável da estupida absurdês de semelhantes contos chamados infantis. Sim, estava tranquila. Acabei de pôr algumas coisas em ordem e, em seguida, deitei-me e pus-me a pensar no meu bem amado. Como é doce sonhar com o ente querido! Em dada altura principiei a ouvir, junto de mim grande numero de vozes, algumas das quais minhas conhecidas, particularmente uma de alguém a quem muito estimei em sua vida. Ouvi distintamente palavras soltas, mas não conseguia apanhar o conteudo da conversa.

Começou a trovejar; o vento tornou-se ciclónico; o céu rasgava-se em clarões de fogo e á sua luz sinistra, via ramadas de árvores passarem numa correria louca, arrastadas pelo vento. Um raio caiu muito perto e fez estremecer todo o castelo. Parte do telhado ia sendo levado pela ventania e a todo o instante sentia coisas a desabarem. Aquela noite parecia o fim do Mundo. Mas eu temia mais por *ele* do que por mim. Certamente o furacão atingia o Atlantico Norte (tinha havido naufrágios dias antes). Eu via-o — na minha imaginação amorosa — inquieto e preocupado, dentro do enorme navio, impecável, na sua farda branca, andando de um lado para o outro, elegante e ágil.

Por breves segundos a tempestade parecia ter amainado. Debruçada sobre a minha cabeceira, estava a bela fisionomia da rapariga de há pouco. Atendi a sua fala: — Tam-

(Continua na ultima página)



«Pensava no meu capitão»

Moreira Rijo e os Prémios dos Leitores

LIVROS E LEITORES

(Continuação da 1.ª página)

género ao outro. Ao elaborar o «Suão», eu quis, acima de tudo, contar uma história real *do povo da minha terra, sem me importar se o entrecho seria classificado com uma mão-cheia de contos, ou como um romance.*

Tentei redigir um trabalho sério, sem fatalismos desnecessários, apresentar um panorama social, embora ainda restrito, da dramática luta pela vida dos homens humildes do Alentejo.

Bem sei que o conto me obrigava, naturalmente, a simplificar cenas, a dosear palavras, a fazer entender a arte como um sopro de criação — e que, numa narrativa mais longa, como o «Suão», eu tinha de abandonar certos pensamentos e atitudes líricas, certas propensões de síntese e contar, enfim uma história corajosa, talvez, passada no meu torrão natal.

Com os olhos postos na paisagem, no tédio das vidas abandonadas, no drama das crises cíclicas, no amor á gleba, era natural que um escritor tido como contista, se debruçasse, amiude, na narrativa breve dum episódio que indubitávelmente merecerta um tratamento mais impressivo — e a chamada técnica do romance se ressentisse da antiga qualidade do narrador.

A dificuldade do conto para o romance não a senti, verdadeiramente, senão na demora, por vezes angustiosa — por via da profissão contrária ás lides literárias — na redacção do livro. Demais, sabia bem que me debruçava sobre um tema mal ambicionado para certos criticos de águas-mornas, e, ao invés, sobre um tema palpitante e trágico, da vida do meu povo. Isso me bastou.

—Tenho 13 anos e sou autor de um pequeno livro de poemas que denominei «Vivência de um sonho rosa», mas não sei como o hei-de editar. Não tenho possibilidades de fazer uma «edição do autor» e por iso venho agora pedir que me expliquem na secção de «Vida Literária» o que devo fazer e qual (is) a (s) casa (s) editoras (s) a (s) respectiva (s) direcção (ões) a que devo dirigir-me».

Alberto Bernardes Costa — Alcobaça

Há três editoras com colecções de poesia, a Atica (Rua Alexandre Herculano, 17-A), a Guimarães (Rua da Misericórdia, 68) e a Livraria Morais (Rua dos Douradores, 83). No entanto, seria mais prudente enviar primeiro o seu livro a alguns criticos literários pedindo-lhes conselho.

A ELECTRÓNICA PROVOU que a «Ilíada» foi toda escrita por Homero

A «Ilíada» é a obra de um só poeta — eis o que revela a análise electrónica do poema, segundo afirma James McDonough, professor de Clássicas no Colégio de São José, em Filadélfia.

Embora a «Ilíada», tal como a «Odisseia», seja geralmente atribuída a Homero, os estudiosos suspeitam, há muitos anos, que mais de um poeta participou na sua composição. Para isso contribuíu, também, o muito que se desconhece acerca da verdadeira personalidade de Homero, em grande parte baseada na lenda.

McDonough declara que uma máquina electrónica analisou as 112 mil palavras da «Ilíada» em conformidade com o seu emprego métrico, revelando maneirismos subtis de estilística que indicam um só talento criador. Conta que preparou o estudo como dissertação do doutouramento. Levou seis meses a codificar o problema para a máquina, mas não precisou de mais de um dia para encontrar a solução, o que sem o auxilio do aparelho lhe teria requerido muitos anos de trabalho. E' a primeira vez que tal sistema é utilizado neste género de estudos.

McDonough está agora interessado em analisar a «Odisseia», a fim de verificar se contém idênticas subtilezas no estilo métrico que inquem ter sido escrita pelo mesmo autor.

A máquina electrónica utilizada neste estudo parece possuir qualidades de «detective literário»», destinado a ajudar a esclarecer os muitos mistérios e a resolver as controvérsias de que a literatura é fértil. Os estudiososo prevêem, por exemplo, que poderá revelar novos e decisivos aspectos da velha polémica acerca das obras de Shakespeare — se foram escritas por William Shakespeare ou por «sir» Francis Bacon.

ESCAPARATE

(De 1 a 8 de Agosto)

Título — «Epístolas poéticas e uma novela em verso».
Autor — Ramalho Monteiro.
Género — Poesia.
Editor — Ed. do autor.
Preço — 15$00.
Numero de paginas — 53

Título — «Argumento e realização»
Autor — Vsevolod Pudovkim.
Género — Estudo
Editora — Arcádia.
Preço — 35$00.
Numero de páginas — 267.

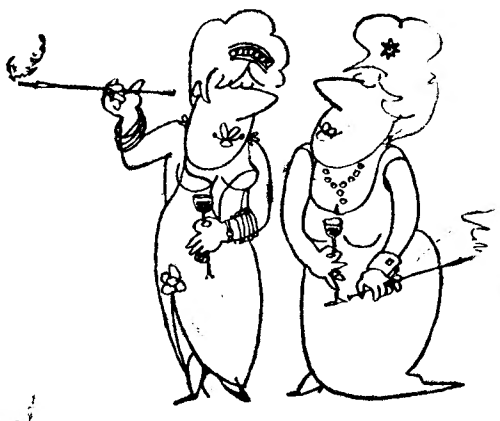
Título — «Deus».
Autor — Francisco M. Gaetani S. J.
Género — Estudo.
Editora — Livraria S. Pedro.
Preço — 35$00.
Numero de páginas — 299.

Título — «O mistério da salvação das Nações».
Autor — João Danielou.
Género — Estudo.
Editora — Livraria Apostolado da Imprensa.
Preço — 25$00.
Numero de páginas — 184.

Título — «Dom Bosco»
Autor — Aubustin Auffray.
Género — Biografia.
Editora — Salesiana.
Preço — 50$00.
Numero de páginas — 503.

Título — «Antologia do conto policial».
Género — Contos.
Editora — Arcádia.
Preço — 35$00.
Numero de páginas — 307.

— Por favor, diga-me se o vencedor é neo-realista.



— Parece-me impossível que a Odette de Saint-Maurice não tivesse ganho.

— Estou a fazer a cinta do meu livro premiado.

ACABA DE SER PUBLICADO

HISTÓRIA DO IMPERADOR CARLOS MAGNO E OS DOZE PARES DE FRANÇA

Este volume é o N.º 6 da **COLECÇAO PROGRESSO.** Esta obra, apresentada com capa a 4 cores e belamente impressa, é sem duvida digna da sua biblioteca — 1 vol. br. ..... 25$00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS PEDIDOS-A

LIVRARIA PROGRESSO EDITORA

3 — RUA DO POÇO DOS NEGROS, 5 — LISBOA

HAVAS

um bom vinho verde para um bom serviço...

para um serviço requintado, com vinhos escolhidos a acompanhar cada prato, o «maitre» recomenda-lhe
VINHOS VERDES DA GARRAFEIRA **MOURA BASTO**
e para um «hors d'œuvre» ou para o peixe, o magnífico
ADAMADO
Colheita especial

•

para os serviços populares, onde haja necessidade de um bom vinho verde, o «mestre» indica-lhe
CASAL DA DEVEZA
branco e tinto e agora o insuperável ROSÉ, em garrafas de litro a preços populares.

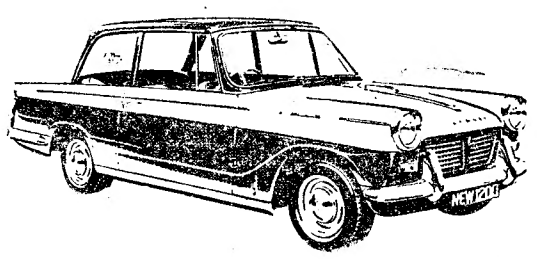
Em qualquer circunstância e para qualquer refeição, prefira os famosos vinhos das

CAVES MOURA BASTO ~ AMARANTE

sempre mais qualidade em qualquer tipo

ÚNICO AGENTE DISTRIBUIDOR NO PAÍS:
J. CÂNDIDO DA SILVA
Av. Almirante Reis, 238 — Telefone 727643 — LISBÓA
Rua de S. Luiz, 12 a 18—Telefones: 22602 27202 34585 34656—PORTO

AGORA POR ESC. 60.867$00



Preço	54.850$00
Art.º 251.º Fundo de Fomento de Exportação	5.114$50
Art.º 2.º Decreto 43770 R. G. Est.º	902$50
	60.867$00

o novo **TRIUMPH** herald 1200

carro utilitário de grande luxo

Importadores:

AUTO-PUMA, LDA.
R. Castilho, 167-A
LISBOA

STOCK, LDA.
R. Santa Catarina, 1391
PORTO

Escola de Enfermagem do Hospital de Santa Maria

Até 20 de Setembro, aceitam-se inscrições para o curso de enfermagem geral, para o qual são exigidas, como habilitações mínimas, o 2.º ano do liceu. As candidatas com o 5.º ano completo são dispensadas do exame de aptidão.

São concedidas bolsas de estudo constituídas por alimentação e alojamento gratuitos, ou subsídios mensais de 300$00 ou 500$00.

O curso é reservado ao sexo feminino.

Pedir informações mais detalhadas á secretaria da Escola, na Avenida 28 de Maio, lote 3.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Esgotamento nervoso

Desenho mostrando os filamentos nervosos rodeando uma célula ganglionar.

Na vida de quase todos os homens e mulheres muito ocupados chega um determinado momento em que as tarefas normais do dia a dia se tornam insuportáveis e parecem demasiado difíceis, terrìvelmente maçadoras, exageradamente exaustivas...
Esta falta de energia e entusiasmo para encarar o trabalho, a irritabilidade e essa tensão constante que lhe quebram o ânimo e lhe subjugam a vontade, podem não ser uma «coisa» passageira como julga, mas o sinal de um grave esgotamento nervoso.

Como actua o Sanatogen

A saúde do seu sistema nervoso depende do trabalho eficiente das células nervosas. Quando elas não recebem proteína e fósforo em quantidades suficientes definham e o crescimento normal do tecido nervoso e o seu funcionamento ficam prejudicados. O Sanatogen promove o desenvolvimento das tais células, fornecendo-lhes toda a proteína concentrada e fósforo orgânico de que necessitam. Esta acção tónica do Sanatogen, ajuda os «nervos» e desenvolve a sua capacidade, promove a estabilidade nervosa e ajuda-o a conseguir um sistema nervoso eficiente.

Recomendado pelos médicos

Mais de 25.000 médicos na Alemanha, Inglaterra e outros países estão a recomendar o Sanatogen. Testes clínicos sob controle médico evidenciaram que o Sanatogen dava sempre óptimos resultados. Experimente-o no seu caso.

Para todas as formas de «nervos»

Os «nervos» podem manifestar-se de muitas formas: — esgotamento e depressão, insónias, preocupações exageradas, irritabilidade, quebra de energias, cansaço contínuo e até indigestão — tudo situações que o fazem sentir-se «em baixo de forma». Sanatogen vai ajudá-lo a recuperar em toda a plenitude a alegria de viver.

Sanatogen

THE PROTEIN NERVE TONIC

DIESE - Produtos Dietéticos, Lda. - Av. Duque de Loulé, 1-3.º - LISBOA

GUINDASTES MÓVEIS

COLES

CAPACIDADES ATÉ

80 TON.

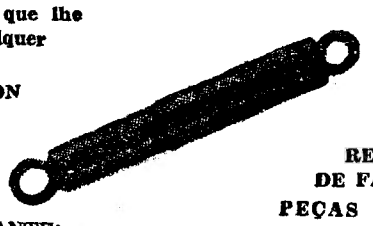
UM NOME DE PESO PARA QUALQUER PESO

GUEDES & ALMEIDA, LDA.
RUA S. NICOLAU, 71-4.º
TELEF. 27845

NEWTON PRODUCT

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor
Exija NEWTON



DESMONTÁVEIS
REGULÁVEIS
DE FACIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUÍVEIS

REPRESENTANTE:
AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 56

O assassínio da bela loira

por NORMAN DANIELS

FOLHETIM SEMANAL

do Diário de Lisbôa

17

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — O detective Bruce Brant foi encarregado pela sr.ª Martha Neil de tentar obter de Cissie Leland, mulher do seu neto, Bobby Neil, a desistência do casamento, oferecendo-lhe uma verba até 25 mil dólares. Quando Brant esteve em casa de Cissie, a negociar o caso, esta abandonou por momentos a sala e, entretanto, foi assassinada. Dirigiu-se a casa de Jake Holden e é espancada por este e pelos seus auxiliares. Obrigam-no a assinar a confissão do assassínio de Cissie mas o detective consegue fugir.

CAPÍTULO IV

E assim aconteceu. Num dos mais modernos quarteirões da cidade, Dex fez deslizar o carro por uma rampa. Tocou a buzina e a porta abriu-se automàticamente. Ao fundo da garagem, havia um operário a lavar automóveis. Estava justamente entre nós e o elevador

— Abaixa-te. Vou encarregar-me dele.

Travou o carro e apeou-se.

— Tony — gritou. Eh, Tony! Ontem deixei aqui as minhas luvas. Viu-as?

Tony respondeu qualquer coisa e atravessou a garagem em direcção a um minusculo escritório. Assim que entrou, eu voei e meti-me no elevador. Dex já lá estava. Comecei novamente a respirar.

— Vê lá como tratas o Bobby — pediu Dex. — Lembra-te que é meu cliente e um bom cliente.

Uma vez dentro de casa, corri um olhar em torno e vi que o negócio do meu amigo devia ir de vento em popa. Aquele apartamento estava mesmo a calhar para um banqueiro.

Atravessámos uma sala de jantar, um gabinete e o quarto de cama de Dex. Chegámos, por fim, a uma porta fechada. Dex abriu-a. O quarto estava ás escuras. Acendeu as luzes e soltou uma praga. Não havia lá ninguém.

— O patife pôs-se ao fresco — comentou com voz irritada. — Bruce... fica tu aqui. Eu vou atrás dele.

Cocei o nariz.

18

— Acho que fazes bem. Se o teu pupilo for apanhado, acabará por falar, comprometendo-te.

— A quem o dizes — murmurou Dex, dirigindo-se para a porta. Quando a ouvi bater, passei uma revista ao quarto. Não havia duvida de que Bobby estivera ali. Havia um armário que só continha um chapéu preto com as iniciais de Bobby na carteira. Entrei na sala de estar e passei-lhe também uma busca minuciosa até encontrar o *bar*. Estava a contemplar uma bebida, quando ele, de subito, surgiu no limiar da porta.

Em circunstancias normais, eu ter-me-ia rido de Bobby Neil, por muito furioso que ele estivesse. Mas a mão com que segurava a pistola não tremia.

— Guarda lá esse brinquedo, Bobby e senta-te. Temos muito que conversar.

Bobby estendeu a pistola para a frente.

— Quem fala sou eu, meu assassino piolhoso. Vou-te matar por teres assassinado a Cissie e a minha avó.

Esta coisa de estar sempre a ser acusado de assassino começava a ser monótono. Não tardaria que, de tanto ouvir a mesma coisa, ainda houvesse quem acabasse por acreditar.

— Que é que o leva a pensar que fui eu quem matou a Cissie? — perguntei.

— Oiça, Brant, sei perfeitamente o que se passou. A avó deu-lhe o dinheiro para pagar á Cissie. Você matou-a e guardou a *pasta* para si. Depois, contou-lhe um rosário de mentiras que a avó não «comeu», e você acabou por matá-la também.

— Como sabe o que se passou em casa da sua avó? — perguntei com voz inexpressiva — Por essa altura, estava eu a dormir. Um amigo meu, chamado Jake Hoben, achou que eu estava a piorar da insónia e deu-me um sedativo com uma cacetada.

— Isso é mentira! Você e o Jake associaram-se e o malandro está pronto a fornecer-lhe um alibi. Mas para mim isso não pega Vou matá-lo agora mesmo.

— Não seja parvo! Dex Kirkley é um velho amigo meu. Foi ele quem me trouxe aqui, para

19

eu ter uma oportunidade de conversar consigo. Acha que ele faria isso se me julgasse o assassino?

— Vocês os polícias privados defendem-se uns aos outros. Essa também não pega.

No momento em que todos os musculos do meu corpo estavam contraídos á espera do tiro, o besouro da porta tocou. Senti-me como um pugilista salvo ao nono segundo pelo *gong*. Bobby teve um sobressalto convulsivo. Via-se que o rapaz tinha os nervos em franja.

— Deve ser Dex Kirkley — disse eu. — Siga o seu conselho a respeito de me matar, Bobby. Bem vê, nós viemos aqui para lhe dizer quem foi de facto que assassinou a Cissie.

O besouro tornou a tocar. Perguntei a mim próprio quais seriam os nervos que primeiro dariam de si; se os meus, se os de Bobby. Por fim, o rapaz deu um passo atrás, meteu a pistola no bolso e foi abrir a porta.

Ouvi então uma voz conhecida.

— Olha quem ele é! — exclamou a voz de Jake Hoben.

Bobby soltou um berro, logo que a porta se fechou e reentrou no quarto, impulsionado por um valentíssimo empurrão.

Jake surgiu logo a seguir, e encarou-me friamente. Atrás dele, apareceu o indivíduo a quem ele encarregara de me levar a passeio. Tinha uma pistola na mão, apontada na minha direcção A situação era nova para mim. Já havia um minuto que eu não olhava para a boca de uma arma.

— Imaginem! Dois patifes instalados num apartamento catita! Mas qual é o negócio de Kirkley aqui? Faz disto esconderijo? *Okay*, Brant, levanta-te. Vamos acabar com o que começámos horas antes, só com a diferença que desta vez o fim será diferente.

Cruzei as pernas e instalei-me mais confortàvelmente na poltrona.

— Sirva-se de beber — convidei, acenando com a cabeça em direcção ao *bar*. — E você aí, também. E não esqueçam o Bobby, porque o rapaz vai precisar mais de um reconstituinte que qualquer de nós.

20

— Qual é a graça? — perguntou Jake, desconfiado.

— Se você disser a esse torpedo para deixar de apontar o pistolão para cima de mim, contarei como e porquê Bobby matou a Cissie.

Esperava parecer completamente á vontade, porque tinha de convencer Jake Hoben de que estava a falar verdade. Mas ainda era de maior importancia que Bobby se convencesse que as provas de que eu dispunha chegavam para o mandar para a cadeira eléctrica. Dispunha-me a jogar aqueles dois fulanos um contra o outro; era a unica arma que me restava.

— Cissie trabalhava de parceria consigo, Jake. Você andava «babadinho» por ela, mas não o bastante para o cegar o facto de que ela podia ganhar uma data de «massa» fácil, namoriscando outros homens. Imagino que os dois fartaram-se de espremer vários tipos. Mas quando Bobby apareceu, e começou a andar com a Cissie, prontificando-se até a casar com ela, a pequena viu que tinha ali um «pato» demasiado gordo para ela cair na patetice de partilhar com alguém.

Jake curvou a cabeça, como se concordasse, mas não gostei da expressão do seu olhar Não há tipo esperto que goste de ouvir dizer que procedeu como um tolo.

— E assim — continuei — Cissie resolveu fazer sózinha a negociata, e sacar da avó de Bobby uma quantia capaz de justificar a quebra de relações entre vocês dois. Quem olhar para o Bobby, não o julgará capaz de se apaixonar por alguém, além da sua própria pessoa, mas a verdade é que, desta vez, o rapaz deixou-se prender pelo beicinho. O rapaz julgou que o seu amor era correspondido e que todas as dificuldades financeiras eram por culpa da avó. Cissie deixou-o pensar isso mesmo... até ao dia em que a avózinha o convenceu quem era a Cissie.

— Isso é mentira! — gritou Bobby.

— Naturalmente o rapazinho nega — respondi, encolhendo os ombros. — Mas quando se convenceu da verdade, subiu-lhe o ódio á cabeça e matou-a.

— Continua a falar.

21

— São tudo mentiras... Mentiras! — gritou Bobby. Quando a Cissie foi assassinada, eu estava aqui no apartamento. Kirkley pode prová-lo; ele também cá estava.

— Fá-lo calar — disse Jake.

O guarda-costas de Jake esbofeteou a boca de Bobby, e o rapaz calou-se A situação melhorava a olhos vistos.

— Primeiro vamos assentar uma coisa, Jake. Essa confissão que o amigo tem em seu poder é como que uma corda em volta do meu pescoço. Mostre-ma, ponha-a em cima da mesa e fica combinado que se eu o convencer, ela é minha. Caso contrário, não falo mais e você sabe bem o casmurro que eu sou, quando dou para amarrar o burro.

Jake acenou a cabeça, tirou do bolso a minha confissão e mostrou-ma, para que eu pudesse ver que era a genuína. Depois, colocou-a sobre a mesa.

— Há dois motivos porque eu sei que Bobby foi quem matou a Cissie. Um, porque, casualmente, eu estava no local do crime quando isso aconteceu, e vi o Bobby.

— Porque não me disseste isso antes, quando eu me preparava para te esfolar vivo? — perguntou Jake, desconfiado.

— Porque você não me acreditaria. Além disso, eu trabalhava para Martha Neil e não era justo que fosse pôr os parafusos no neto da minha cliente. Mas agora a sr.ª Neil está morta.

— Faz sentido — admitiu Jake e dardejou para Bobby um olhar assassino. — E qual é o segundo motivo?

Suspirei.

— Foi a própria avó quem mo disse. Telefonei-lhe antes mesmo de ter saído do apartamento da Cissie.

Jake estendeu o beiço inferior e beliscou-o durante uns segundos.

— *Okay*... mas há uma coisa que me faz espécie — disse, por fim. — Acredito que este patife tenha morto a Cissie. Não o duvido, mas não consigo acreditar que tenha liquidado a própria avó. Até mesmo um rato como ele é, recuaria perante tal covardia.

22

— Jake — exclamei — onde foi você buscar a idéia de que a sr.ª Neil tinha sido assassinada? A pobre senhora morreu num acidente.

Bobby tentou levantar-se, mas apanhou segunda bofetada. Continuou a gritar que eram tudo mentiras. Tive pena dele, porque o rapazinho falava verdade.

Jake agarrou na minha confissão e estendeu-ma.

— Sabes porque acredito em tudo quanto acabas de dizer? Porque eu já conhecia este menino de vista e reconheci-o assim que ele abriu a porta. Mas ainda não o tinha ouvido falar Foi ele quem me telefonou a dizer que Cissie fora morta e que tu estavas no seu apartamento.

— Ora vê? — exclamei, procurando disfarçar a minha surpresa. — Até mesmo um polícia amador diz, de vez em quando, a sua verdadezinha.

— Cala-te! — atalhou Jake. — O que disseste a respeito da Cissie procurar atraiçoar-me, é verdade. Disse-lhe para desistir da idéia, quando não, lhe apertaria o pescoço. Houve gente que ouvia esta ameaça. Encontrava-me assim no topo da lista dos suspeitos, e tinha de ceder o lugar a outro. Tu pareceste-me ser o assassino, mas enganei-me e foi este rato anónimo quem me levou a pensar que serias tu.

— Jake — acrescentei apressadamente. — Não o trate como me tratou a mim. Entregue-o e mais nada.

— Pois, pois — anuiu Jake. — Vou entregá-lo. Não á Polícia. Esses senhores não se querem incomodar, de forma que vou saltar por cima deles e vou entregá-lo directamente á Morgue.

Foi o bastante. Naqueles ultimos dez minutos, estivera a perguntar a mim próprio até onde deveria ir para que Bobby sacasse daquela sua pistola de brinquedo. Já mais de uma vez lhe surpreendera o gesto de levar a mão ao bolso. Tudo quanto eu aspirava era arranjar que Jake, Bobby e o guarda-costas se envolvessem os três á pancadaria, durante a qual eu procuraria apanhar a pistola a algum e levantar os braços a todos.

(Continua)

Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES PARA OS COMBOIOS DOS DOMINGOS

Aos domingos tanto do lado da Avenida 24 de Julho, como do lado do Jardim, funcionarão outras bilheteiras destinadas aos Srs. passageiros que se dirijam a Santo Amaro, Oeiras, Carcavelos e Cascais, mantendo-se nas bilheteiras normais a venda para todas as estações.

Esta venda começar-se-á a fazer ás sextas-feiras na estação do Cais do Sodré

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda

95, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.

Av. da Liberdade, 3 — Telef. 24446

LISBOA

FRIGORÍFICOS

PROVENIENTES DE TROCAS

CASA JÚNIOR

R. Alecrim, 21-A — Tel. 21053

ANDARES

Compre, consultando os que a «IRIS» tem em venda.

Tel. 30703 e 20430

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«Crítica II — Poetas Contemporâneos»

por João Gaspar Simões

Em poucas épocas da nossa história cultural e social se falou e escreveu tanto de literatura como na época presente. Mas raras, também, foram aquelas em que tanto divergem, como na actualidade, os juízos, os critérios, as interpretações e os desígnios sobre as coisas literárias. Sem duvida que a abundancia pluriforme não afecta somente a qualidade, representada na impressão geral que pode colher-se hoje nesse mundo de valores divulgado industrialmente pelo jornal e pelo livro. Afecta, também, o equilíbrio daqueles mesmos conceitos que vêm a constituir a opinião dominante em torno da literatura e da sua criação.

É neste especial clima, dispersivo e multitudinário, que a crítica literária se torna mais indispensável e a sua missão se apresenta mais fecunda, cultural e socialmente — desde que lhe assistam a isenção do julgamento, o equilíbrio das atitudes, a rectidão que não verga peran-

João Gaspar Simões

Assídua, persistente e devotada acção

te quaisquer solicitações, o sentido pedagógico. Não a imparcialidade absoluta — porque o seu reino não é deste mundo — mas a seriedade dos intuitos, até aos limites humanos possíveis, e a consciências do seu papel responsável perante um publico que é cada vez mais vasto e, por isso, mais melindroso.

Deve-se a João Gaspar Simões, nestes ultimos trinta anos, a mais assídua, persistente e devotada acção no exercício da crítica literária. A obra que dispersou por publicações da mais diversa índole, desde a revista grave ao semanário desportivo, desde o jornal diário de informação ao panfleto literário, é o fruto de um grande trabalhador que nunca se fatigou nem nunca pôs em duvida a necessidade da sua labuta. Dela se têm gerado alguns volumes que coligem o mais valioso ou o mais perene do prolongado esforço, como «Crítica I», publicado há vinte anos e consagrado á prova e aor omance contemporaneos, e «Crítica II», agora editado e tendo por tema a poesia portuguesa das ultimas décadas. Desde já se afirma a convicção de que estes livros, gerados no trabalho quotidiano para um publico imediato, ainda alimentados da impressão directa e do objectivo pedagógico-social, são dos melhores que João Gaspar Simões tem escrito, superando em interesse, vivacidade e justeza de critérios alguns dos que foram concebidos e escritos com maior amadurecimento, real ou aparente.

Não é, confessadamente, aspiração do autor a de apresentar neste volume (a que outro deverá seguir-se sob o mesmo título) um panorama completo da poesia portuguesa contemporanea. Nele se sublinha, primacialmente, o aparecimento de obras de poesiae m Portugal no período que vai de 1938 a 1961. Afonso Duarte, António de Sousa, José Régio, Vitorino Nemésio, Pedro Homem de Melo, Cabral do Nascimento, Francisco Bugalho, Carlos Queirós, Alberto de Serpa, António de Navarro, Saul Dias, José Gomes Ferreira, Manuel da Fonseca e Carlos de Oliveira, são os autores expressamente apreciados no primeiro volume de «Crítica II». Mas, a essa análise de autores e livros determinados, precede na obra um longo ensaio sobre «A evolução do conceito de poesia moderna» em que intenta Gaspar Simões uma *visão geral* das etapas percorridas entre nós pela criação lírica e do «conceito doutrinário que a impôs e justificou».

Tanto na leitura do ensaio de abertura como na das apreciações críticas de poetas, não faltarão os motivos de discordancia, as duvidas interrogativas e as restrições sobre a qualidade intrínseca dos juizos que o autor perfilha. É essa a condição natural de toda a faina crítica, de qualquer ponto de vista que a entendam os que a praticam ou os que a discutem. Mas Gaspar Simões cede mais abertamente o flanco quando continua a apresensar-se como personificação da «critica presencista», fazendo de si-próprio, e quase só de si próprio, uma espécie de partido crítico que voluntariamente se impõe limitações de partido. O mais curioso é o mesmo Gaspar Simões reconhecer, na abertura deste livro, a impossibilidade de «coincidência viável entre o que os críticos do movimento (presencista) consideravam a essência do poético e o que os poetas exprimiam de essencial». Tendo sido a poesia e não a doutrina crítica, reconhecidamente, o que houve de mais decisivo e perene no movimento da «Presença», não parece muito fácil de compreender as razões que levam Gaspar Simões a intitular «crítica presencista» a do partido crítico que ele próprio personifica. Desta disparidade partem, em muitos casos, as mais flagrantes claudicações ideativas e judicativas do livro agora publicado. Chega a afigurar-se que João Gaspar Simões recusa deliberadamente a coerência em certos passos da sua doutrinação — como ao afirmar que «principiamos a estar cansados de *pureza* na poesia» e logo adiante verberar Carlos de Oliveira por não ter sido puro nas suas aspirações á poesia. E este é apenas um exemplo entre muitos, comprometendo na projecção e na segurança que deveriam sempre assistir-lhe um labor crítico de tão ricas e fecundas perspectivas em outras direcções.

Para além disso, todavia, há em «Crítica II» muito que admirar — não esquecendo, até, a tenaz fidelidade de Gaspar Simões aos seus preconcebimentos, que foram gerados há trinta anos. Conservou-se o crítico nos seus caminhos de sempre. Mas nos mesmos caminhos há possibilidades de alargamento na visão compreensiva — e são essas possibilidades as que vemos vitoriosas em muitas páginas desta obra de tão variadas e estimuladoras sugestões. *(Edições Delfos, Lisboa).*

«Poesia — 1944/1955» de Mário Cesariny de Vasconcelos

Num dos passosm ais significativos do livro anteriormente apreciado afirmou João Gaspar Simões que «a fase mais recente da evolução do conceito dep oesia moderna, a fase *surréaliste*, não encontrou ainda representação digna de crédito entre os modernos poetas portugueses, tanto do ponto de vista dos conceitos como do ponto de vista das realizações». Não são, realmente, os conceitos quei mportam, nesse movimento supostamente poético quen unca onseguiu, entre nós como em toda a parte, um cunho aceitável de autenticidade. E nas realizações que se põe á prova a intenção da escola, no automatismo verbal, no abandono ao estado onírico, na espontaneidade subjectivista, na anulação de tudo o que eleva o instintivo individual ao colectivamente comunicante. Após quarenta anos de experiências (como é já velha e anacrónica esta novidade...) o surrealismo esgotou as suas possibilidades de caminho poético válido. Hoje, é pior do que uma ficção: é um logro. Só é deplorável que haja ainda poetas com reais qualidades que se deixem seduzir pela falsa originalidade e pela enganosa sinceridade do processo. Porque, ao cabo de tudo, o surrealismo reduz-se a processo e não chega a ser uma inspiração. Pode-se passar por ele, como por muitas outras formas de ilusão, sobretudo na juventude. Persistir, passa a ser uma aberração.

A trajectória poética de Mário Cesariny de Vasconcelos, a quem não faltam talentos versáteis, constitui o flagrante testemunho da persistência no logro, na auto-ilusão, no artifício pulverizador. No volume «Poesia — 1944-1955» reunem-se seis livros de poemas deste autor, a que foram atribuidas muitas razões de esperança. A experiência de onze anos de poesia malograda, de ficções surrealistas em pseudo-poesia, não lhe aproveitaram em coisa alguma. Os começos são muito mais brilhantes e mais ricos que a fase final do período — porque Cesariny não fez esforço algum para se libertar do que havia de pior na

Mário Cesariny de Vasconcelos

Flagrante testemunho de persistência no logro

sua personalidade. ira incessantemente em torno do mesmo poço estéril e uma inconsciente fadiga esgota cada vez mais o sentido do seu vão esforço. Quando se decidirá Cesariny a ser o poeta que pode ser, revelado em tantos lances depressa estrangulados de vibração ardente, de intuição vigorosa, de sensibilidade inquieta ante «o sol esplendente nas coisas»? O seu rumo de autenticidade não está ainda extinto — mas continua a recusar-se. *(Edições Delfos, Lisboa).*

Registo

● *Sob o título «A Caçada» reuniu Lisa Pina de Morais três sugestivas histórias para crianças, num livrinho de imediato encanto de que é distribuidora a* Sociedade de Expansão Cultural. *A autora, por vocação e temperamento, é uma contista que sabe aliar a enternecida sensibilidade a uma certa forma de realismo, de veracidade e de observação que conservam para os infantis leitores a mesma atracção da fantasia. Homens, crianças e bichos perpassam nestas narrativas de quase candida limpidez como seres irmanados na alegria e na dor. É uma admirável ternura pelos animais, sobretudo, que imprime o cunho essencial á arte literária de Lisa Pina de Morais. Por isso constituem os seus livros, além de óptimo recreio infantil, uma esplêndida lição para a vida.*

● *Obra igualmente recreativa e sedutoramente pedagógica é o volume de Nathaniel Hawthorne «Lendas do Mundo Antigo» que a* Livraria Civilização, *do Porto, editou há pouco em tradução de Alexandre Pinheiro Torres e com ilustrações do pintor António Quadros. O autor, que escreveu este livro precisamente há um século e que é um excelente escritor da língua inglesa, admitiu justamente que muitos dos mitos clássicos poderiam adaptar-se a óptima leitura para crianças. Assim o fez nestes arranjos literários de velhas lendas helénicas, em que figuram Hércules, o rei Midas, Anteu, Filémon e Bancis, Belerofonte — heróis e personagens simbólicas carregadas de sentido. O volume é uma bela criação de literatura para crianças e as gravuras que acompanham o texto são muito sugestivas da arte grega.*

● *O investigador histórico e arqueológico sr. Rogério de Figueiroa Rego, já com duas dezenas de interessantes trabalhos publicados sobre os mais diversos temas, publicou em separata do* Arquivo Histórico de Portugal *o estudo «A Família de Gil Vicente — Novos Documentos». Nos arquivos da Secretaria Notarial de Torres Vedras dos registos paroquiais do mesmo concelho e da Torre do Tombo encontrou o autor valiosos elementos para a identificação e biografia dos descendentes de Gil Vicente, ilustrando ao mesmo tempo alguns aspectos relevantes da figura e obra do criador dos «Autos». A investigação erudita, coligindo testemunhos da «petite histoire» em que se fundamenta a grande historiografia, tem em Figueiroa Rego um meritório construtor.*

● *Marcos Juliano publicou num só volume duas peças teatrais, «Camafeu» e «Horas Mortas» — comédias de sentido mais ou menos humorístico, mas combinando com acerto um estilo de observação que faz sobressair a faceta dramática do cómico. Os temas são originais, a composição movimentada e pitoresca, o diálogo é vivo, rápido e flagrante. Com maior densidade crítica e maior concentração formal, o autor virá a escrever, certamente, teatro de assinalável interesse e com francas possibilidades de êxito no palco. A leitura dos grandes contemporaneos seria muito util á formação do autor como comediógrafo-dramaturgo.*

● *Emílio Machado apresentou em «Europa-Norte!» um variegado conjunto de contos e poemas que revela qualidades literárias irregulares mas de frequente mérito. Os contos ordenam muito bem, quanto á composição, temas quase triviais ou muito forçadamente dramáticos. Os poemas são, em alguns casos, de transparente finura, sobriedade e expressão das intimas flutuações. Um critério selectivo mais minucioso permitirá a Emílio Machado publicar obras com a unidade e o equilibrio que muitas vezes desfalecem nesta. A edição foi executada pela Imprensa Nacional da cidade da Praia (Cabo Verde).*

● *Alguns livros recentes de poesia:*

— *«Narciso», por António Salvado, reproduzindo o clásisco tema em duas versões, mais densamente dramática a primeira, mais depurada e subtil a segunda. Mas não se afigura que em nenhuma delas esteja o melhor do poeta, dotado de penetrantes e vibráteis dons expressivos. Edições Delfos.*

— *«Vozes no Muro», de Amaró Monteiro, obra de poesia contrastante, paradoxal, flutuando entre um renovado e convencional simbolismo e uma inspiração abstraccionista que não chega a valorizar cabalmente a sugestão poética da palavra.*

— *«Depois do Riso Convencional», por Fonseca Reis, com muito de recreio literário juvenil e escassa significação. Livraria Borges, Aveiro.*

— *«Poema de Africa», de Manuel Bastos Agonia, em desordenado ritmo que procura conciliar o narrativo e o épico, mas de que nada fica com real sentido poético.*

— *«Nosso», por Manuela Oracy. Poesia de sumário divertimento sentimental, com gracioso ritmo algumas vezes, outras tocado de uma ligeira sensibilidade feminina que é grato acompanhar nas suas breves anotações do real. O livrinho é, sobretudo, muito simpático na simplicidade da sua inspiração.*

arcádia

Acaba de sair

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

Organizada por Lima da Costa

UMA VISÃO PANORÂMICA DA LITERATURA POLICIAL

Contos de Conan Doyle, Chesterton, Agatha Christie, Ellery Queen, etc.

ARGUMENTO E REALIZAÇÃO

de

VSEVOLOD PUDOVKIN

Tradução e prefácio de **Manuel Ruas**

UM CLÁSSICO DA ENSAÍSTICA CINEMATOGRÁFICA

4.º volume da colecção CINEMA

editora ARCÁDIA, limitada

T. S. Paulo, 7-3.º — Telef. 24205 Lx.ª 2

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da página central)

bém eu pensava no meu capitão; amávamo-nos muito. Fez longa caminhada, percorrendo meio mundo para vir ao meu encontro; quando chegou, eu estava morta!...

Disse tudo isto numa voz suave e quente e tinha no rosto marcada infindável *tristeza.*

A tempestade recomeçara na sua furia louca e eu verdadeiramente aflita Olhei a minha bela visitante e supliquei-lhe: Anamenéris, não permitas que eu morra sem tornar a ver o meu Capitão!

Anamenéris olhou-me com indizível expressão de compreensão humana, e desapareceu na triste serenidade de sempre. Fiquei só. A furia dos elementos ameaçava destruir tudo

De repente, aos pés da minha cama, perfilou-se um rapaz de belo aspecto, que se me dirigiu apenas com estas palavras: Estou ás suas ordens.

— Só desejava que esta tempestade acalmase. E protecção para *aquele* que está no mar.

Um forte trovão rematou o fim da tempestade. Principiava a romper a manhã. Uma manhã clara e fresca que parecia negar toda a procela anterior.

A promessa de Anamenéris foi cumprida. Em breve e inesperadamente encontrei-me com aquele a quem mais queria. Porém, a sorte não foi muito superior á de Anamenéris. Plenos de vida, estávamos ali os dois; o meu coração a transbordar de amor, mas... o dele já não me pertencia! Dera-o a outra! E' que isto de amar não se subjuga a nenhuma lei que neste mundo, ou no outro, possa ser ditada. Estava de novo sózinha, mais forçadamente distante, agora na sua presença, do que estando ausente. Por meu querer não mais o vi. Porém, a alma gentilíssima da Anamenéris nunca mais me deixou completamente só. De vez em quando envia-me um emissário — quiçá o seu eterno, dedicado capitão.

Ainda há oito dias aqui esteve, no engenheiro que veio por causa da reparação do castelo que, como vocês viram, acusa ainda os maléficos efeitos da tempestade daquela estranha noite.

NOVIDADES LITERÁRIAS

REVOLUÇÃO NO OCIDENTE

por

Fourastié e Laleuf

Um livro de grande actualidade. Uma análise da nova mentalidade que se impõe ao Ocidente de acordo com o desenvolvimento económico que nele se processa

1 vol. de 330 pags. ..... **50$00**

O CAIXÃO VAZIO

por

Barry Wynne

A extraordinária aventura vivida durante a última guerra pelo compositor dos conhecidos trechos musicais dos filmes O MEU TIO e as FÉRIAS DO SR. HULOT

1 vol. de 250 pags. ..... **30$00**

CLÁSSICA EDITORA

Restauradores, 17 LISBOA